

G869.8 M764U 1937 LAC



**THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF TEXAS**

G869.8
M764u
1937

COLLECÇÃO
OS GRANDES LIVROS BRASILEIROS
VOLUME 10.º

MONTEIRO LOBATO

URUPÊS

11.ª EDIÇÃO

*COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO*

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
End. Avenida Rio Branco nº. 219/39
Edifício da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

COLLECÇÃO
OS GRANDES LIVROS BRASILEIROS
EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — *Godofredo Rangel* — VIDA OCIOSA — 2.^a edição.
- 2 — *Monteiro Lobato* — CONTOS PESADOS (exgottado).
- 3 — *Léo Vaz* — O PROFESSOR JEREMIAS — 5.^a edição.
- 4 — *Machado de Assis* — CONCEITOS E PENSAMENTOS —
2.^a edição (Compilação de Julio Cesar da Silva) — 2.^a edição.
- 5 — *Monteiro Lobato* — CONTOS LEVES (exgottado).
- 6 — *Vicente de Carvalho* — POEMAS E CANÇÕES — 9.^a edição.
- 7 — *Guilherme de Almeida* — MESSIDOR — 4.^a edição.
- 8 — *Menotti Del Picchia* — POEMAS — 2.^a edição.
- 9 — *Cassiano Ricardo* — MARTIM CERERÊ — 5.^a edição.
- 10 — *Monteiro Lobato* — URUPÊS — 11.^a edição.

Collecção “Os Grandes Livros Brasileiros”
Vol. 10

MONTEIRO LOBATO

URUPÊS

DECIMA PRIMEIRA EDIÇÃO

1937
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

INDICE

Nota da Editora	7
Prefacio da 2. ^a edição	11
Urupês	21
A questão social e politica no Brasil	38
A vingança da peroba	41
O mata-páu	61
A colcha de retalhos	73
Boccatorta	85
O engraçado arrependido	104
Um supplicio moderno	120
O comprador de fazendas	136
Os pharoleiros	155
Bucolica	172
Meu conto de Maupassant	181
"Pollice verso"	186
O estigma	200
O drama da geada	216
Uma historia de mil annos	227
As fitas da vida	237

NOTA DA EDITORA

A collecção definitiva dos contos de Monteiro Lobato compor-se-á de tres volumes: "Urupês", "Negrinha" e "Cidades Mortas".

Escusa realçar os meritos literarios destes contos, que em bom numero já transpuzeram as fronteiras nacionaes numa série de traducções que correm mundo. Entre os traductores citaremos, para o inglez, Isaac Goldberg e Eugene Agan; para o francez, Jean Duriau; para o espanhol, Benjamin de Garay e Sanchez Saez; para o allemão, Usteri-Fischer, Frederico Sommer e Grune Bucher. Ha ainda versões para o italiano, para o dinamarquez e para o arabe. O conto "Comprador de Fazendas" foi escolhido para representar a America do Sul na grande collectanea publicada em New York, por Brentano's, sob o titulo de "Great Stories of All Nations".

NOTA: — A ultima edição destes tres livros sahio em dois volumes, sob o titulo de *Contos Pesados e Contos Leves*, que não serão reeditados.

MONTEIRO LOBATO

A acolhida dos contos de Monteiro Lobato no Brasil foi verdadeiramente excepcional e suas tiragens alcançaram o maximum que o paiz comporta. Tiveram a unanime consagração dos criticos, a começar pelo grande Ruy Barbosa, e d'esses trabalhos emergiu um typo nacional hoje popularizado no Brasil inteiro, de norte a sul — Jéca Tatú. O nome Jéca já entrou para a lingua como indicativo de certo typo de matuto inadaptable á civilização. E já deu derivados. Os ultimos vocabularios mencionam o verbo "jekar", o adjectivo "jéca" e os substantivos "jequice" e "jequismo".

Monteiro Lobato (José Bento) nasceu a 18 de Abril de 1882 em Taubaté, Estado de São Paulo. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo e começou a vida publica como Promotor Publico em Areias. Abandonou logo o ministerio e fez-se fazendeiro no municipio de Buquira, na Serra da Mantiqueira. Os contos que mais tarde enfeixou em volume com o nome de "Urupês", foram escriptos na fazenda e reflectem as paizagens, os costumes e os typos locais.

Sete annos mais tarde, vendida a sua propriedade, mudou-se para São Paulo, onde adquiriu e dirigiu a "Revista do Brasil", na qual havia publicado os seus primeiros contos. Editou por essa epocha "Urupês", "Idéas de Jéca Tatú" e "Cidade Mortas", livros que marcaram epocha e que derane-

URUPÊS

origem á firma editora Monteiro Lobato & Cia.. Tomou grande incremento essa casa editora e logo se transformou na sociedade anonyma Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, á qual o Brasil deve a diffusão do livro nacional por todo o seu territorio. Durante esse periodo, Monteiro Lobato publicou "Negrinha", "Onda Verde", "O Macaco que se fez Homem" e a "Menina do Narizinho Arrebitado", que ia ser o ponto de partida para a reação da nossa literatura infantil.

Vindo a liquidar-se a Graphico-Editora em 1925, nesse mesmo anno Monteiro Lobato e Octalies M. Ferreira constituiram a actual Companhia Editora Nacional, que ficou sob a direcção do ultimo, retirando-se o escriptor para o Rio de Janeiro. Publicou então "Mr. Slang e o Brasil", "O Choque das Raças", "Aventuras de Hans Staden" e "Viagem de Jean de Lery".

Em 1926 partiu para os Estados Unidos como enviado Commercial, fixando residencia em New York, onde escreveu apenas as historias infantis reunidas sob o titulo geral de "Reinações de Narizinho".

De volta ao Brasil, em 1930, dedicou sua actividade ás industrias do petroleo e do ferro, mas sem abandonar as letras, pois deu um livro de impressões sobre os Estados Unidos, "America" summa collectanea de artigos de imprensa, "Na Antevéspera". Para crianças publicou "Reinações de

MONTEIRO LOBATO

Narizinho", "*Novas Reinações de Narizinho*", "*Vida e Morte de Narizinho*", "*Viagem ao Ceu*", "*Caçadas de Pedrinho*", "*Historia do Mundo para Crianças*", "*Emilia no Paiz da Grammatica*", "*Geographia de Dona Benta*", "*Arithmetica da Emilia*", "*Memorias da Emilia*" e ainda varias traducções de Lewis Carroll, Grimm, Andersen, Rudyard Kipling, Jack London, H. G. Wells e outros autores inglezes e americanos.

Monteiro Lobato é dos escriptores que têm alcançado maiores tiragens no Brasil. O total das suas edições alcançou a 1 milhão de exemplares em Junho de 1937.

PREFACIO DA 2.^a EDIÇÃO

Exgottada num mez a primeira edição deste livro, sae agora a segunda, augmentada, revista e com varios pronomes recollocados pelo sr. Adalberto Pereira, excellente amigo que a enriqueceu ainda de numerosas virgulas, aspas, hyphens e outras miudezas que empobreciam o original.

E para ella entra mais uma, como direi? — o genero é inclassificavel — mais uma “indignação”: *Velha Praga*.

Explica-se. *Velha Praga* é a verdadeira mãe dos *Urupês*, e não era justo separar a mãe do filho.

Foi assim o caso: Em 1914, nos primeiros meses da guerra, o autor não passava de humilde ladorador, incrustado na Serra da Mantiqueira. Terivel anno de secca foi aquelle! O fogo lavrou durante dois mezes a frio, com furia infernal. O céu soldado, o ar espesso, o crepitar permanente das mattas em chamma, a fumarada invadindo a casa, os olhos a arderem... Um fim de mundo.

E sempre noticias más, a toda hora.

— Rebentou outro fogo no Varjão! vinha dizer um aggregado...

Mal se ia aquelle, entrava outro:

— Patrão, o Trabijú está queimando!

— Então, já seis?

— E' verdade. Ha o fogo do Teixeira, o fogo do Maneta, o fogo do Jéca...

— Fogos "signés"!... Que patifes! Mas há de pagar. Denuncio-os todos á policia.

O capataz sorriu.

— Não vale a pena. São eleitores do governo e o patrão não arranja nada.

— Mas não haverá ao menos um incendiário opposicionista que possa pagar o pato?

— Não vê! Caboclo é ali firme no governo justamente p'r'amor do fogo.

Tinha razão o homem. Eram todos do governo. E o eleitor da roça, em paga da fidelidade partidaria, gosa-se do direito de queimar o matto alheio.

Impossibilitado de agir contra elles por meio da justiça, o pobre fazendeiro limitou-se a "tocar" alguns que eram seus aggregados e... a vir pela imprensa. Escreveu e mandou para as "Queixas e Reclamações" d'*O Estado de S. Paulo* a tal catinaria mãe dos Urupês. Esse jornal, publicando-a fóra da secção de queixas, estimulou o fazendeiro a reincidir. Reincidiu. E quando deu accordo com si, virara o que os noticiaristas gravemente chamam "homem de letras".

Ora ahi está como as coisas se arrumam, como, por obra e graça de meia duzia de Neros de pé no chão, entra a correr mundo mais um livro.

Setembro, 1918.

O artigo "Velha Praga", que appareceu nalgumas edições, é o seguinte:

VELHA PRAGA

Andam todos, em nossa terra, por tal forma stonteados com as proezas infernaes dos bellissimos “vons” allemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros.

Venha, pois, uma voz do sertão dizer ás genes da cidade que, se por lá fóra o fogo da guerra avra implacavel, fogo não menos destruidor desta nossas florestas com furor não menos germanico.

Em Agosto, por força da excessiva força do inverno, “von Fogo” lambeu montes e valles, sem um momento de treguas durante o mez inteiro.

Vieram em começos de Setembro chuvas leves, chuvinhas de apagar poeira, e breve novo “verão de sol” se estirou por Outubro a dentro, dando azo que se torrasse tudo quanto escapara á sanha de Agosto.

A Serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa, e é hoje um cinzeiro immenso, entremeiado, aqui e acolá, de manchas de verdura — as restingas humidas, as grotas frias, as nesgas alvas a tempo pela cautela dos aceiros. Tudo mais crepe negro.

A’ hora em que escrevemos, fins de Outubro, chove. Mas que chuvinha sordida! Que miseria d’agua! Emquanto caem do céu pingos homeopaticos, medidos em conta-gottas, o fogo, amortecido mas não dominado, amoita-se insidioso nas fúncas, a fumegar imperceptivelmente, prompto para rebentar em chammas mal se limpe o céu e o sol lhe dê a mão.

473488

Preoccupa á nossa gente o conhecer em quanto fica por dia, em francos e centimos, um soldado em guerra: mas ninguem cuida de calcular os prejuizos de toda a ordem, provindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de humus destruidas; os saes preciosos que, breve, enxurradas deitarão fóra, rio abaixo, via oceano o rejuvenescimento florestal da terra paralyzada e retrogradado; a destruição das aves silvestres o possivel advento de pragas insectiformes; a alteração para peor do clima, pela aggravação crescente das seccas; os vedos e aramados perdido o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as mil e uma particularidades que dizem respeito a esta ou aquella zona e, dentro della, a esta ou aquella situação agricola, isto, bem sommadaria algarismos de apavorar; infelizmente, no Brasil, subtrae-se; sommar ninguem somma.

E' peculiar de Agosto, e typica, esta desastrosa queima de mattas; nunca, porém, assumiu tanta violencia e alcançou tal extensão como nesto tortissimo 1914 que, benza-o Deus, parece apartado de perto com o celebre anno mil de macabre memoria. Tudo nelle culmina, e vae logo á cabo, sem conta nem medida. As queimas não fogiram á regra.

Razão sobeja para, desta feita, encarar seriamente com o problema e resolvel-o de vez. Do contrario a Mantiqueira em pouco tempo será todo um sapeseiro sem fim, erysipelado de samamba — esses dois pontos finaes á uberidade das terras montanhosas.

Qual a causa da renitente calamidade?

E' mister um rodeio para chegar lá.

A nossa montanha é victima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como Argas o é aos gallinheiros e o "Sarcoptes mu-ans" á perna das aves domesticas.

Poderíamos, analogicamente, classifical-o entre as variedades do "porrigo decalvans", o parasita do couro cabelludo producto da "pellada", pois que, onde elle assiste, se vae despojando a terra de sua coma vegetal até cahir em morna decrepitude, nua e descalvada. Em quatro annos, a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magnificos e das perobeiras millenarias, seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente, cahir em capoeira, passar desta á humildade da vassourinha e, decahindo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapêseiro — sua tortura e veronha.

Este funesto parasita da terra é o caboclo, especie de homem baldio, semi-nomade, inadaptable á civilização mas que vive á beira della, na enumbra das zonas fronteiriças. A' medida que o progresso vem chegando, com a via ferrea, o italiano, o arado, a valorização das terras, vae elle fugindo em silencio, com o seu cachorro, o seu cão, a pica-páu e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscora-se em uma rotina de pedra, recua para não adaptar-se.

E' de vel-o abordar a um sitio novo para nelle fazer a sua arapuca de "aggregado"; nomade por força de vagos atavismos, não se liga á terra, como o camponio europeu: "aggrega-se", tal qual o "sar-

coptes", pelo tempo necessario á completa succo da seiva convizinha; feito o que, salta para adeante com a mesma bagagem com que ali chegou.

Vem de um sapezal para crear outro. Coexistem em intima symbiose: sapé e caboclo são vias associadas. Este inventou aquelle e lhe dilata os dominios; em troca disso o sapé lhe cobre a chupeta e lhe fornece fachos para queimar a colméia dos pobres abelhas.

Chegam silenciosamente, elle e a "sarcopite" esposa, com um filhote no utero, outro ao peio, outro á ourela da saia, já de pito na bocca e facha á cinta. Completam o rancho, um cachorro sarnento — Brinquinho, a foice, a enxada, a pica-pá, o pilãozinho de sal, a panella de barro, um sarro encardido, tres gallinhas pévas e um gallo indio. Com estes simples ingredientes o fazedor de sarcopites perpetua a especie e a obra de esterilização iniciada com os remotissimos avós.

Acampam.

Em tres dias uma choça, que por euphemismo chamam casa, brota da terra como um urupê. Tiram tudo do lugar, os esteios, os caibros, as ripas, os barrotes, o cipó que os liga, o barro das paredes e a palha do tecto. E' tão intima a communhão dessas palhoças com a terra local, que dariam idéias de coisa nascida do chão, por obra espontanea da natureza — se a natureza fosse capaz de crear coisas inestheticas.

Barreada a casa, pendurado o santo, está preparada a sentença de morte daquella paragem.

Começam as requisições. Com a pica-pá limpam a floresta da volataria incauta. Polvora e chu-

bo adquire-os vendendo palmito no povoado vizinho. E' este um traço curioso da vida do caboclo que explica o seu largo dispendio de polvora; quando o palmito escasseia, rareiam os tiros, só a caça grande merecendo sua carga de chumbo; se o palmital se extingue, exultam as peças: está encerrado o cyclo venatorio.

Depois, ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais bello páu. Arvores deante de cuja majestosa belleza Ruskin choraria de commoção, elle as derriba, impassivel, para extrahir o mel escondido num ôco.

Prompto o roçado, e vindo o tempo da queima, entra em funcções o isqueiro. Mas aqui o "sarcopte" se faz raposa. Como não ignora que a lei impõe aos roçados um aceiro de dimensões sufficientes á circumscripção do fogo, urde traças para illudir a lei, cocando dest'arte a insigne preguiça e a velha malignidade.

Foi neste momento que o viu o poeta:

Scisma o caboclo á porta da cabana.

Scisma, de facto, não devaneios lyricos, mas geitos de transgredir as posturas com a responsabilidade a salvo. E consegue-o. Arranja sempre um alibi demonstrativo de que não esteve lá no dia do fogo.

Onze horas.

O sol quasi a pino queima como chamma. Um "sarcopte" esgueira-se por ali, resabiado. Minutos após crepita a labareda inicial, medrosa, numa touça mais secca; oscilla, incerta; ondeia ao vento; mas logo encorpa, cresce, avulta, tumultua in-

frene e, senhora do terreno, estruge fragorosa com infernal violencia, devorando as tranqueiras, estorricando as mais altas frondes, despejando para o céu golfões de fumo escuro, estrellejado de faíscas.

E' o fogo de matto.

E, como não o detem nenhum aceiro, invade a floresta, e caminha por ella a dentro, ora frouxo nas capetingas ralas, ora massiço, aos estouros, nas moitas de taquarussú; caminha sem treguas, moroso e tibio quando a noite fecha, insolente sob o sol o ajuda.

E vae galgando montes em arrancadas furiosas ou descendo encostas em passo lento e traizoeiro até que o detenha a barragem natural dum rio, estrada ou grotta noruega.

Barrado, inflecte para os flancos, ladeia o obstaculo, deixa-o para atraz, esgueira-se para os lados, e lá continua o abrasamento implacavel. Amorçado por uma chuva repentina, alapa-se nas piumas, quieto e invisivel, para, no dia seguinte, ao esquentar do sol, proseguir na faina carbonizante.

Quem foi o incendiario? Donde partiu o fogo?

Indaga-se, descobre-se o Nero: é um urumbeva qualquer, de barba rala, amoitado num litro de terra litigiosa.

E agora? Que fazer? Processal-o?

Não ha recurso legal contra elle. A pena, unica possivel, barata, facil e já estabelecida com praxe, é "tocal-o".

Curioso este preceito: "ao caboclo, toca-se".

Toca-se, como se toca um cachorro importuno, ou uma gallinha que vareja pela sala.

E tão afeito anda elle a isso que é commum
convil-o dizer: Se eu fizer tal coisa o senhor não
me toca?

Justiça summaria que não pune, entretanto,
dado o nomadismo do paciente.

Emquanto a matta arde, o “sarcopte” rega-
a-se.

— Eh! fogo bonito!

No vazio de sua vida semi-selvagem, em que
s incidentes são um jacú abatido, uma paca fis-
pada n’agua ou o filho novimensal, a queimada
o grande espectaculo do anno, supremo regalo
dos olhos e dos ouvidos.

Entrado Setembro, o caboclo planta na terra
m cinzas um bocado de milho, feijão e arroz;
nas o valor da sua producção é nenhum deante
dos males que para preparar uma quarta de chão
elle semeou.

O caboclo é uma quantidade negativa. Tala
cincoenta alqueires de terra para extrahir delles o
om que passar fome e frio durante o anno. Cal-
ula as sementeiras pelo maximo da sua resisten-
ia ás privações. Nem mais, nem menos. “Dando
para passar fome” sem vir a morrer disso, mais
mulher e o cachorro — está tudo muito bem;
assim fez o pae, o avô; assim fará a prole empan-
tinada, que naquelle momento brinca, núa, no
erreiro.

Quando se exhaure a terra, o aggregado muda
o sitio. No lugar fica a tapéra e o sapeseiro. Um

anno que passe e só este attestará a sua estalali; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frageis materiaes da choça e, como nem sequer uma laranjeira foi plantada, nada me lembra a passagem do Manoel Peroba, Chico Ribondo, Jéca Tatú e outros sons ignaros de dolorosa memoria á natureza circumvizinha.

.

URUPÊS (1)

Esboroou-se o balsamico indianismo de Alencar á vinda iconoclasta dos Rondons que, ao invés de imaginarem índios num gabinete com reminiscência de Chateaubriand na cabeça e a Iracema aberta sobre os joelhos, mettem-se a palmilhar séries de Winchester em punho.

Morreu Pery, incomparavel idealização d'um homem natural como o sonhara Rousseau, prototypo de tantas perfeições humanas que, no romance, hombro a hombro com altos typos civilizados, todos sobreleva em belleza d'alma e corpo.

Contrapoz-lhe a cruel ethnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, aguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Cecy.

Por felicidade nossa — e de D. Antonio de Mazar — não os viu Alencar; sonhou-os, como Rousseau. Do contrario lá teriamos o filho de Araré a toquear a linda menina num bom braseiro de páu brasil, em vez de acompanhá-la em perpetua ado-

(1) Vide pag. 37.

ração pelas selvas, como o Ariel bemfazejo de Paquequer.

A seducção do imaginoso romancista creou forte corrente. Toda o clan plumitivo deu de forjar seu indiozinho refogado de Pery e Atala. Em sonetos, contos e novellas, hoje esquecidos, consumiram-se tabas inteiras de aymorés sanhudos, com pennas de tucano por fora e virtudes romanas por dentro.

Vindo o publico a bocejar de farto, já sceptico ante o dismantelo crescente do ideal, cessou no mercado literario a procura de bugres homericos, inubias, tacapes, borés, piagas e virgens bronzeadas. Armas e heróes desandaram, cabisbaixos rumo ao porão onde se guardam os moveis fórficos de uso, saudoso museu de extinctas pilhas electricas que a seu tempo galvanizaram nervos. E lá acamam poeira cochichando reminiscencias com a barba de D. João de Castro, com os frankisks de Herculano, com os frades de Garrett e que taes...

Não morreu, todavia.

Evoluiu.

O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Chrismou-se de caboclismo. O cocar de pennas de arára passou a chapéu de palha rebatido á testa; a ocára virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; o boré descahiou lamentavelmente para o pio de inambú; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito.

Mas o substracto psychico não mudou: orgulho indomavel, independencia, fidalguia, coragen virilidade heroica, todo o recheio, em summa, sem faltar uma azeitona, dos Perys e Ubirajáras.

Este setembrino rebrotar d'uma arte morta ainda se não desbagoou de todos os fructos. Terá seu "Y-Juca-Pirama", seu "Canto do Piaga" e talvez dê opera heroica.

Completo o cyclo, virão destroçar o inverno em flôr da illusão indianista os prosaicos demolidores de idolos — gente má e sem poesia. Irão os malvados esgaravatar o icone com as curetas da sciencia. E que feias se hão de entrever as caipirinhas côr de jambo de Fagundes Varella! E que chambões e sornas os perys de calça, camisa e faca á cinta!

Isso, para o futuro.

Hoje ainda ha perigo em bulir no vespeiro: o caboclo é o "Ai, Jesus!" nacional.

E' de ver o orgulhoso entono com que respeitaveis figurões bātem no peito exclamando com altivez: Sou raça de caboclo!

Annos atrás o orgulho estava numa ascendencia de tanga, inçada de pennas de tucano, com dramas intimos obrigados a flechaços de curare.

Dia virá em que os veremos, murchos de pro sapia, confessar o verdadeiro avô: — um dos quatrocentos de Gedeão trazidos por Thomé de Souza num barco de degredados daquelles tempos, nosso mui nobre e fecundo "Mayflower".

Porque a verdade núa manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e mettidas entre o estrangeiro recente e o aborigene de tabuinha no beijo, uma existe a

vegetar de cocaras, incapaz de evolução, impene-travel ao progresso.

Feia a sorna, nada a põe de pé.

Quando Pedro I lança aos echos o seu grito historico, e o paiz desperta estrouvinhado á crise d'uma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocóra-se de novo.

Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princeza e o negro exausto larga num uff! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, 'magina e deixa que do velho mundo venha quem nelle pegue de novo.

A 15 de Novembro troca-se o throno vitalicio pela cadeira quadriennal. O paiz bestifica-se ante o inopinado da mudança.

O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano; estouram as granadas de Custodio; Gumercindo bate ás portas de Roma; Incitatus derranca o paiz.

O caboclo continua de cócoras, a modorrar...

Nada o esperta.

Nenhuma ferroteada o põe de pé.

Social, como individualmente, em todos os actos da vida, Jéca, antes de agir, acocóra-se.

Jéca Tatú é um piraquára do Parahyba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as características da especie.

Eil-o que vem falar ao patrão. Entrou, saudou. Seu primeiro movimento, após prender aos labios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cuspada d'esguicho, é sentar-se geito-

amente sobre os calcanhares. Só então destrava a língua e a intelligencia.

— Não vê que...

De pé ou assentado as idéas lhe entramam, a lingua emperra e não ha de dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocóra-se em frente ao fogo para "aqueental-o", imitado da mulher e da prole.

Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, fazel-o noutra postura será desastre infallivel. Ha de ser de cócoras.

Nos mercados, para onde leva a quitanda do-ningueira, é de cócoras, como um fakir do Bhramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou feixe de tres palmitos.

Pobre Jéca Tatú! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Jéca mercador, Jéca lavrador, Jéca philosopho...

Quando comparece ás feiras, todo o mundo logo adivinha o que elle traz: quasi sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e ao homem só custa o trabalho de espichar o braço e colher — côcos de tuncum ou jissára, guabirobas, bacupais, maracujás, jatahys, pinhões, orchideas; ou artefactos de taquara póca — peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; ou utensilios de madeira molle — gamellas, pilõezinhos, colheres de pau.

Nada mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço, e nisto vae longe.

Começa na moradia. Sua casa de sapé e lama faz rir aos bichos que moram em toca e faz gargalhar ao João-de-barro. Pura biboca de boschi-mano.

Mobilia, nenhuma. A cama é uma espipada esteia de tabôa posta sobre o chão batido.

Às vezes dá-se ao luxo de um banquinho de tres pernas — para os hospedes. Tres pernas dão equilibrio; inutil, portanto, metter a quarta, o que obrigaria ainda a nivelar o pavimento. Para que assentos, se a natureza os dotou de solidos, rachados calcanhares onde se sentam ao acocorar-se?

Nenhum talher. Não é a munheca um talher completo — colher, garfo e faca a um tempo?

No mais, umas cuias, gamellinhas, um pote esbeijado, a pichorra e a panella de feijão.

Nada de armarios ou bahús. A roupa, guarda-a no corpo. Só tem dois pares; um que traz no uso e outro na barrela.

Os mantimentos apaióla nos cantos da casa.

Inventou um cipó preso á cumieira, de ganchos na extremidade e um disco de lata no alto: ali pendura o toucinho, a salvo dos gatos e ratos.

Da parede pende a espingarda pica-páu, o polvarinho de chifre, o S. Benedicto defumado, o rabo de tatú e as palmas bentas de queimar durante as fortes trovoadas. Servem de gaveta os buracos da parede.

Seus remotos avós não gosaram maiores comodidades. Seus netos não metterão quarta perna ao banco. Para que? Vive-se bem sem ella.

Se pelotas de barro caem, abrindo setteiras na parede, Jéca não se move a repol-as. Ficam os buracos abertos para o resto da vida, a entremos-trar nesgas de céu.

Quando a palha do tecto, apodrecida, gréta em fendas por onde pinga a agua da chuva, Jéca, em vez de remendar a “tortura”, limita-se, cada vez que chove, a aparar numa gamellinha a agua got-tejante...

Remendos... Para que? se uma casa dura dez annos e faltam “apenas” oito para abandonar aquella?

Esta philosophia economiza reparos.

Na mansão de Jéca a parede dos fundos bojou para fóra um ventre empanzinado, ameaçando ruir; os barrotes, cortados pela humidade, oscillam na podriqueira do baldrame. Afim de neutralizar o desaprumo e prevenir suas consequencias, grudou nella uma Nossa Senhora enquadra da em moldurinha amarella — santo de mascate.

— Por que não remenda essa parede, homem de Deus?

— Ella não tem coragem de cahir. Não vê a “escora”?

Não obstante, por via das duvidas, quando ronca a trovoada elle abandona a casa e vae agachar-se no ôco d’um velho embirussú do quintal — para se saborear, de longe, com a efficacia da escora santa.

Um tôco de páu dispensaria o milagre; mas entre pendurar o santo e tomar da foíce, subir ao morro, cortar madeira, atoral-a, baldeal-a e es-

pecar a parede, o sacerdote da Grande Lei não vacilla. E' coerente.

Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O matto beira com elle. Nem arvores fructiferas, nem horta, nem flôres — nada revelador de permanencia.

Ha mil razões para isso; porque não é sua a terra; porque se o "tocarem" não ficará nada que a outrem aproveite; porque para fructas ha o matto; porque a "criação" come; porque...

— Mas, criatura, com um vedozinho por ali... A madeira está á mão, o cipó é tanto...

Jéca, interpellado, olha para o morro coberto de moirões, olha para o terreiro nú, coça a cabeça e cuspilha.

— Não paga a pena.

Todo o inconsciente philosophar da casta grulha nessa palavra atravessada de fanatismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem commodidades. De todo o geito se vive.

Da terra só quer a mandioca, o milho e a canna.

A primeira por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deital-a ás brasas. Não impõe colheita nem exige celleiro. O plantio se faz com meio palmo de rama fincada em qualquer terra. Não pede cuidados. Não a ataca a formiga. E' sem vergonha.

Bem ponderado, a causa principal da lombeira do caboclo reside nas benemerencias sem conta da "manihot utilissima". Talvez que sem ella se

puzesse de pé e andasse. Enquanto dispuzer de um pão cujo preparo se resume no plantar, colher e lançar sobre as brasas, Jéca não mudará de vida. O vigor das raças humanas está na razão directa da hostilidade ambiente. Se a poder de estacas e diques o hollandez extrahiui de um brejo salgado a Hollanda, essa joia do esforço, é que nada ali o favorecia.

Se a Inglaterra brotou das ilhas desoladas e nevoentas da Caledonia, é que não medrava nos pedrouços a mandioca. Medrassse, e talvez lá os vissemos hoje, aos inglezes, tolhiços, de pé no chão, amarellentos, mariscando de peneira no Tamisa.

Ha bens que vêm para males. A mandioca illustra que farte este avesso de proverbio.

Outro auxiliar precioso da calaçaria é a canna. Dá rapadura, e para Jéca, o simplificador da vida, dá garapa. Como não possue moenda, torce um rolete a pulso sobre a cuia de café, depois de bem massetados os nós; assucára assim a beberagem, fugindo aos tramites conductores do caldo de canna á rapadura.

Todavia, "est modus in rebus". E assim como ao lado do restolho cresce o viçoso pé de milho, contrasta com a christianissima simplicidade de Jéca a opulencia de um seu vizinho e compadre que "está muito bem".

A terra onde móra é sua. Possui ainda uma egua, monjolo e espingarda de dois canos. Pesa nos destinos politicos do paiz com o seu voto e nos economicos com o polvilho azedo de que é fabricante, tendo amealhado com elles, voto e polvi-

lho, para mais de quinhentos mil réis no fundo da arca.

Vive num corropio de barganhas, nas quaes exercita uma astucia nativa muito irmã da do Bertholdo, o pae. A esperteza ultima foi a barganha de um cavallo cego por uma egua de passo picado. Verdade é que a egua mancava das mãos, mas inda assim valia dez mil réis mais do que o rosinante zanaga.

Esta e outras celebrizaram-lhe os engrimanços potreiros num raio de mil braças, grangeando-lhe a incondicional e babosa admiração de Jéca, para quem, fino como o compadre, "home"... nem mesmo o vigario de Itaóca!

Aos domingos vae á villa bifurcado na magreza venturada da "Serena"; leva appenso á garupa um filho e atraz o potrinho no trote, mais a mulher, de criança enrolada no chale. Fecha o cortejo o indefectivel Brinquinho, a resfolgar com um palmo de lingua de fóra.

O facto mais importante da sua vida é, sem duvida, votar no governo. Tira nesse dia da arca a roupa preta do casamento, sarjão furadinho de traça e todo vincado de dobras; entala os pés num alentado sapatão de bezerro; ata ao pescoço um collarinho de bico e, sem gravata, ringindo e mancando, vae pegar o diploma ás mãos do chefe Coisada, que lh'o retém para maior garantia da fidelidade partidaria.

Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a penna no livro eleitoral, arabescando em cinco

ons minutos o aranhol de gatafunhos tremidos
que chama sua assignatura.

Se ha tumultos, chuchurreia de pé firme, com
heroismo, as porretadas opposicionistas, e ao cabo
segue para a casa do chefe, de gallo civico na
pesta e collarinho sungado para traz, afim de lhe
lepor novamente nas mãos o “dipeloma”.

O morubixaba, grato e sorridente, galardoa-
he o heroismo, flagrantemente documentado pelo
atejar do couro cabelludo, com um aperto de mu-
heca e a promessa, para logo, d’uma inspeccoria
de quarteirão.

Representa este o typo classico do sitiante já
com pé fóra da classe. Excepção, discolo que é,
não vem ao caso. Aqui tratamos da regra e a regra
é Jéca Tatú.

O mobiliario cerebral de Jeca Tatú, á parte o
recheio de superstições, vale o do casebre. O ban-
quinho de tres pés, as cuias, o gancho do touci-
nho, as gamellas, tudo se reedita dentro de seu
paco, sob a fórmula de idéas: são as noções prati-
cas da vida, que recebeu do pae e que transmit-
irá aos filhos.

O sentimento de patria lhe é desconhecido.
Não tem sequer a noção do paiz em que vive. Sa-
be que o mundo é grande, que ha sempre terras
para adeante, que muito longe está a côrte, com
seus graúdos, e mais distante a Bahia, donde che-
gam bahianos pernosticos e côcos.

Perguntem ao Jéca quem é o presidente da
republica.

— O homem que manda em nós todos?

— Sim.

— Pois de certo que ha de ser o imperador.

Em materia de civismo não sobe ponto, antes desce.

— Havendo uma guerra você vae defender o paiz?

— Guerra? T'esconjuro! Meu pae viveu afundado no matto, p'r'a mais de cinco annos, por causa da guerra grande. Eu, para escapar do "recrutamento", sou até capaz de cortar um dedo, como o meu tio Lourenço...

Guerra, defesa nacional, acção administrativa tudo quanto cheira a governo resume-se para o caboclo numa palavra apavorante: — "recrutamento".

Quando em começos da Presidencia Hermes andou na balha um recenseamento esquecido Offenbach, o caboclo tremeu e entrou a casar á chusmas. Aquillo "havéra de ser recrutamento" e os casados, na voz corrente, escapavam á redada.

A sua medicina corre parelhas com o civismo e a mobilia em qualidade. Quantitativamente assombra. Da noite cerebral pyrilampejam-lhe apozemas, cerotos, arrobes e electuarios escapos sagacidade comica de Mark Twain. Compendia-cum um Chernoviz não escripto, monumento de galho fa onde não ha rir, lugubre como é o epilogo. A rede na qual dois homens levam á cova as victimas de semelhante pharmacopéa é o espectáculo mais triste da roça. A medicina delles mata quasi tanto como a outra, a scientifica.

Applica as meisinhas o "curador", um Eusebio Macario de pé no chão e cerebro trancado com

moita de taquarussú. O vehiculo usual das drogas é sempre a pinga, meio honesto de render homenagem é deusa Cachaça, divindade que entre elles ainda não encontrou hereticos.

Doenças hajam que remedios não faltam.

Para bronchite, é um porrete cuspir o doente na bocca de um peixe vivo e soltal-o: o mal se vae com o peixe agua abaixo.

Para “quebranto de ossos”, já não é tão simples a medicação. Tomam-se tres contas de rosario, tres galhos de alecrim, tres limas de bico, tres iscas de palma benta, tres raminhos de arruda, tres ovos de pata preta (com casca; sem casca desanda) e um saquinho de picumã; mette-se tudo numa gamella d’agua e banha-se o doente, fazendo-o tragar preliminarmente tres goles de zurrapa. E’ infallivel.

O especifico da brotoeja consiste em cozimento de beijo de pote para lavagens.

Ainda ha aqui um pormenor de monta: é preciso que antes de usar o banho a mãe do doente molhe na agua a ponta da sua trança. As brotoejas saram como por encanto.

Para dôr de peito que “responde na cacunda”, cataplasma de “jasmim de cachorro” é um porrete.

Além desta allopathia, para a qual contribue tudo quanto de mais repugnante e innocuo existe na natureza, ha a medicação sympathica, baseada na influção mysteriosa de objectos, palavras e actos sobre o corpo humano.

O ritual bysantino, dentro de cujas maranhas os filhos de Jéca vêm ao mundo, e do qual não

ha fugir sob penas de gravissimas consequencias futuras, daria um in-folio d'alto folego ao Sylvio Roméro bastante operoso que se propuzesse a compendial-o.

Num parto difficil nada tão efficaz como engulir tres caroços de feijão mouro, de passo que a parturiente veste pelo avesso a camisa do marido e põe na cabeça o seu chapéu, tambem pelo avesso. Falhando esta sympathia, ha um derradeiro recurso: collar no ventre encrúado a imagem de S. Benedicto.

Nesses momentos angustiosos outra mulher não penetre no quarto sem primeiro defumar-se ao fogo, nem traga na mão caça ou peixe: a criança morreria pagã.

A omissão de qualquer destes preceitos fará chover mil desgraças sobre a cabeça do chorincas recel-nascido.

A posse de certos objectos confere dotes sobrenaturaes. A invulnerabilidade ás facadas ou cargas de chumbo é obtida graças á flor da samambaia.

Esta planta, conta Jéca, só floresce uma vez por anno, e só produz em cada samambaial uma flôr. Isto á meia-noite, no dia de S. Bartholomeu. E' preciso ser muito mofino para colhel-a, porque tambem o diabo lhe anda á cata. Quem consegue pegar uma, ouve logo um estoiro e tonteia ao cheiro do enxofre — mas livra-se de faca e chumbo pelo resto da vida.

Todos os volumes do Larousse não bastariam para catalogar-lhes as crendices, e como não ha linhas divisorias entre estas e a religião, confun-

dem-se ambas em maranhada teia, não havendo distinguir onde pára uma e começa outra.

A idéa de Deus e dos santos torna-se jéocéntrica.

São elles os graudos lá de cima, coroneis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nella, ajudando-os ou castigando-os, como os metidiços deuses de Homero. Uma torcedura de pé, um estrépe, o feijão entornado, o pote que rachou, o bicho que arruinou — tudo diabruras da côrte celeste, para castigo de más intenções ou actos.

Dahi o fatalismo. Se tudo movem cordeis lá de cima, para que lutar, reagir? Deus quiz! A maior catastrophe é recebida com esta exclamação, muito parenta do “Allah Kébir” do beduino.

E na arte?

Nada.

A arte rustica do camponio europeu é rica a ponto de constituir preciosa fonte de suggestões para os artistas de escól. Em nenhum paiz o povo vive sem recorrer a ella para um ingenuo embelezamento da vida. Já não se fala no camponez italiano ou teutonico, filho de alfobres mimosos, propicios a todas as florações estheticas. Mas o russo, o hirsuto mujik a meio atolado em barbae crassa. Os vestuarios nacionaes da Ukania, nos quaes a côr viva e o sarapantado da ornamentação indicam a ingenuidade do primitivo, as isbas da Lithuania, sua ceramica, os bordados, os moveis, os utensilios de cozinha, tudo revela no mais rude dos camponios o sentimento nativo da arte.

No samoyeda, no pelle-vermelha, no abexim, no papúa, um arabesco ingenuo costuma ornar-lhes as armas, como lhes ornam a vida canções re-passadas de rythmos suggestivos. Até o homem pre-historico, companheiro do urso das cavernas, entalhava perfis de mamutes em chifres de renna.

Mas, egresso á regra, Jéca não denuncia traço remoto d'um sentimento nascido com o troglodyta.

Esmerilhemos o seu casebre: que é que denota ali a existencia do mais vago senso esthetico? Uma chumbada no cabo do relho e uns ziguezagues a canivete ou fogo pelo roliço do guatambú. E' tudo.

As vezes surge numa familia um genio musical, cuja fama esvoaça pelas redondezas. Eil-o na viola: concentra-se, tosse, cuspiha o pigarro, fere as cordas e "tempera". E fica nisso, no tempero.

Dirão: e a modinha?

A modinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no paiz, é obra exclusiva do mulato, em cujas veias o sangue recente do europeu, rico de atavismos estheticos, borbulha d'en-volta com o sangue selvagem, alegre e são de negro.

O caboclo é soturno.

Não canta senão rezas lugubres.

Não dança senão o cateretê aladainhado.

Não esculpe o cabo da faca, como o kabyla.

Não compõe sua canção, como o fellah do Egypto.

No meio da natureza brasilica, tão rica de fórmias e côres, onde os ipés floridos derramam

feitiços no ambiente e a infolhescencia dos cedros, ás primeiras chuvas de Setembro, abre a dança dos tangarás, onde ha abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, côr, perfume, vida dionysiaca em escachôo permanente, o caboclo é o sombrio urupê de páu pôdre, a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só elle não fala, não canta, não ri, não ama.

Só elle, no meio de tanta vida, não vive...

(1) *Este artigo, publicado n'“O Estado de S. Paulo”, em 1914, deu origem e nome aos “Urupês”, livro de contos, e á ce-leuma sobre o caso do Jéca Tatú, typo que uns querem verda-deiro e outros acoimam de falso. Muita tinta se gastou nos deba-tes e varios livros appareceram com o fito de combater tal idea-lização do nosso homem rural — um pobre doente como mais tar-de o revelou a campanha do saneamento.*

Jéca Tatú, entretanto, resistiu e firmou-se, sobretudo de- pois que o genio de Ruy Barbosa lhe deu mão forte. A titulo de documento aqui transcrevemos o trecho da monumental peça oratoria, proferida a 20 de Março de 1919 no Theatro Lyrico do Rio de Janeiro, que a elle se refere.

A QUESTÃO SOCIAL E POLITICA NO BRASIL

Senhores:

Conheceis, porventura, o Jéca Tatú, dos “Urupês”, de Monteiro Lobato, o admiravel escriptor paulista? Tivestes, algum dia, occasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquelle typo de uma raça, que, “entre as formadoras da nossa nacionalidade”, se perpetua “a vegetar” de cócoras, incapaz de evolução e impenetravel ao progresso”?

Solta Pedro I o grito do Ypiranga. E o caboclo, em cócoras. Vem, com o 13 de Maio, a libertação dos escravos; e o caboclo, de cócoras. Derriba o 15 de Novembro um throno, erguendo uma Republica; e o caboclo, acororado. No scenario da revolta, entre Floriano, Custodio e Gumercindo, se joga a sorte do paiz, esmagado quatro annos por “Incitatus”; e o caboclo ainda com os joelhos á bocca. A cada um desses baques, a cada um desses estrondos, soergue o torso, espia, coça a cabeça, “magina”, mas volve á modorra e não dá pelo resto.

De pé, não é gente. A não ser assentado sobre os calcanhares, não desemperra a lingua, “nem ha de dizer coisa com coisa”. A sua biboca de sapé faz rir aos bichos de toca. Por cama “uma esteira espipada”. Roupa, a do corpo. Mantimentos, os que junta aos cantos da sordida arribanha. O luxo do toucinho pendente de um gancho á cumieira. Á parede, a pica-páu, o polvorinho de chifre, o rabo de tatú e, em pára-raio, as palmas bentas. Si a cabana racha, está de “janellinhas abertas para o resto da vida”. Quando o colmo do tecto, alluido pelo tempo, escorre para dentro a chuva, não se veda o rombo; basta aparar-lhe a agua num gamello. Desaprumando-se os barrotes da casa, um santo de mascate, grudado á parede, lhe vale de contraforte, embora, quando ronca a trovoadá, não deixe o dono de se julgar mais seguro no ôco de uma arvore vizinha.

O matto vem beirar com o terreirinho nú da palhoça. Nem flores, nem fructas, nem legumes. Da terra, só a mandioca, o milho e a canna. Porque não exige cultura, nem colheita. A mandioca “sem vergonha” não teme formiga. A canna dá a rapadura, dá a garapa, e assucára, de um rolête espremido a pulso, a cuia do café.

Para Jéca Tatú “o acto mais importante da sua vida é votar no governo”. “Vota. Não sabe em quem, ímas vota”. “Jéca por dentro rivaliza com Jéca por fóra. O mobiliario cerebral vale o do casebre”. Não tem o sentimento da patria, nem, siquer, a noção do paiz. De “guerra, defesa nacional, ou governo” tudo quanto sabe, se reduz ao pavor do recrutamento. Mas, para todas as doenças, dispõe de meisinhas prodigiosas como as idéas dos

nossos estadistas. Não ha bronchite, que resista ao cuspir do doente na bocca de um peixe, solto, em seguida, agua abaixo. Para brotoeja, cozimento de beijo de pote. Dôr de peito? “O porrete é jasmim de cachorro”. Parto difficil? Engula a cachôpa tres caroços de feijão mouro, e “vista no avesso a camisa do marido”.

Um fatalismo cego o acorrenta á inercia. Nem um laivo de imaginação, ou o mais longinquo rudimento d'arte, na sua imbecilidade. Mazorra e soturna, apenas rouqueja lugubres toadas. “Triste como o curiango, nem siquer assobia”. No meio da natureza brasileira, das suas catadupas de vida, sons e colorido, “é o sombrio urupê de páu pôdre, a modorrar silencioso no recesso das grotas. Não fala, não canta, não ri, não ama, não vive”.

Não sei bem, senhores, si no tracejar deste quadro, teve o autor só em mente debuxar o piraquára do Parahyba e a degenerescencia innata da sua raça. Mas a impressão do leitor é que, neste symbolo de preguiça e fatalismo, de somnolencia e imprevisão, de esterilidade e tristeza, de subserviencia e hebetamento, o genio do artista, reflectindo alguma coisa do seu meio, nos pincelou, consciente ou inconscientemente, a synthese da concepção que tem da nossa nacionalidade pelos homens que a exploram.

A VINGANÇA DA PEROBA

A cidade duvidará do caso. Não obstante, aquelle monjolo do João Nunes, no Varjão, foi durante mezes o palhaço da zona. No bairro dos Porungas, sobretudo, onde assistia Pedro Porunga, mestre monjoleiro de larga fama, fungavam-se à conta das trapalhices do engenho risos sem fim.

Sitiantes ambos em terras proprias, convizinhavam separados pelo espigão do Nheco e por malquerença antiga.

Levantara Nunes uma paca, certo domingo de vadiação; mas a bicha, dobrando o morro, esbarrou de frente com um Porunguinha, que casualmente lenhava por ali. Zás! um certo golpe de foice deu com ella em terra.

Até ahi, nada.

Mas comeu-a, sem ao menos mandar um quarto de presente ao legitimo dono. Legitimo, sim, porque afinal de contas aquella paca era uma paca de romeada. Sabida como um vigario, dizia o Nunes, nem cachorro mestre, nem mundéu podiam com a vida della. Escapulía sempre. A gente do outro lado não ignorava isto. Paca velha e matreira tem sempre a biographia na bocca dos caçadores. Paca muito conhecida, portanto; moradora

em suas terras, paca do Nunes, hom'essa. Ora, justamente no dia em que, numa batida feliz, elle a apanhava desprevenida, fazer aquillo o Porunginha?

Mas é uma criança!

Sim, mas o pae não approvou? Não disse, entre risadas, "o Nunes que se fomente"? Haviam de pagar!

Veio dahi a malquerença. O espigão vinha do periodo um pouco mais remoto em que a crosta da terra se solidificou.

Aggravava a dissensão uma rivalidade quasi de casta. Pertencia Nunes á classe dos que decaem por força de muita cachaça na cabeça e de muita saia em casa. Filho homem só tinha o José Benedicto, d'appellido Pernambi, um passarico desta alturinha, apesar de bem entrado nos sete annos. O resto era uma recula de "familias mulheres" — Maria Benedicta, Maria da Conceição, Maria da Graça, Maria da Gloria, um rosario de oito mariquinhas de saia comprida. Tanta mulher em casa amargava o animo de Nunes, que nos dias de cachaça ameaçava afogal-as todas na lagoa, como a ninhada de gatos.

Consolava-se animando Pernambi, que aquelle ao menos logo estaria no eito, a ajudal-o no cabo da enxada, emquanto o mulhierio inutil mamparrearía por ali, a espiolhar-se ao sol. Pegava, então, do menino e dava-lhe pinga.

A principio com caretas que muito divertiam o pae, o engrimanço pegou lesto no vicio. Bebia e fumava, muito sôrna, com ares palermas de quem não é deste mundo. Tambem usava faca de ponta á cinta.

— Homem que não bebe, não pita, não tem faca de ponta, não é homem, dizia o Nunes.

E o pequirinha, conscio de que era homem, já batia nas irmãs, cuspihava de esguicho, dizia nomes á mãe, além de muitas outras coisas proprias de homem.

Do outro lado, tudo corria pelo inverso. Com-medido na pinga, Pedro Porunga casara com mulher sensata que lhe dera seis “familias” só, tudo homem.

Era natural que prosperasse com tanta gente no eito. Plantava, porisso, tres alqueires de milho, tinha dois monjolos, moenda, sua mandioquinha, sua canna, além d’uma egua cheia e duas porcas de cria. Caçava com espingarda de dois canos, “imitação de Laporte”, boa de chumbo como não havia outra. Morava em casa nova, bem coberta de sapé de boa lua, aparado a linha, com mestria, no beiral; os esteios e portaes eram de madeira lavrada, e as paredes rebôcadas á mão por dentro, coisa muito fina.

Já o Nunes — pobre do Nunes! — não punha na terra nem alqueire de semente. Teve egua, mas barganhou-a por um capadete e uma espingarda velha. Comido o porquinho, sobrou do negocio o caco da “picapáu”, d’um cano só e manhosa de tardar fogo.

Sua casa, de esteios roliços e portas de embaúba rachada, muito encardida de picuman, pre-nunciava tapera proxima.

Capado, nenhum. Gallinhada escassa.

Ao cachorro Brinquinho não lhe valia ser mestre paqueiro de fama; andava de barriga ás costas,

com bernes no toitiço. O pobrezinho não caminhava dez passos sem que, mordido, parasse, pondo-se aos rodopios sobre os quartos trazeiros, tentando inutilmente aboccar o parasita inatingível. Que preasse. Cachorro é bicho ladino e o matto anda cheio de preás bobinhas. E tudo mais no Varjão afinava pela mesma tecla.

Um bello dia contaram ao Nunes que Pedro Porunga trazia negocio d'uma besta arreada. Besta arreada, o Porunga! Doeuihe aquillo no fundo da alma. Era atrepar demais.

— Que! Já roncam assim? bravateou. Pois hei de mostrar á Porungada quem é o João Nunes Eusebio dos Santos, de Ponte-Alta!

E entrou-se, desd'ahi, de grandes atarefamentos.

A mulher pasmava da subitanea reviravolta do marido, duvidando e esperando.

— Durará esse fogo? Quem sabe?...

Planeava Nunes grandes coisas, roça de tres alqueires, concerto de casa, monjolo...

Aqui a mulher repuxou os labios num muchocho de duvida.

— Monjolo? Ché, qu'esperança!

O marido, mettido em brios, roncou:

— Bóto, mulher, bóto monjolo, bóto moenda, bóto até moinho! Hei de fazer a Porungada morder a munheca de inveja. Vae ver!...

Com assombro geral não ficou em conversa fiada a promessa. Nunes remendou, mal e mal, a casa, derrubou um capoeirão descansado de oito

annos e, num esforço de mouro, metteu na terra nove quartas de milho.

Pedro Porunga soube logo da bravata. Riu-se e prophetizou:

— Eh! Aquillo é fogo de jacá velho. Calor de pinguço não dura...

O anno correu bem. Vieram chuvas a tempo, de modo que em Janeiro o milho desembrulhava pendão, muito medrado de espigas.

Nunes não cabia em si. Percorria as roças, contente da vida, unhando os caules viçosos já em pleno arreganhamento da dentuça vermelha ou apalpando as bonecas tenrinhas, a deixarem-se da cabellugem louro translucida. Segurava, então, a barbica do queixo e sonhava grandezas futuras, balanceando prós e contras. Os contras já estavam de fóra. Só havia prós. E concluia, entrando em casa, para a mulher:

— Este anno quebro um milhão desgramado!

Carecia, pois, de armar monjolo. Desdobrado em farinha o milho, vinham dobrados os lucros. Não foi o que empolou os Porungas, a farinha? Uma resolução de tal vulto, porém, não se toma assim do pé p'rá a mão: era preciso meditar, calcular. E Nunes 'maginava... O "chóo-pan" do futuro engenho batia-lhe na cabeça como um ritor-nello de musica do céu.

— Hei de mostrar ao Porunga que não é elle o unico monjoleiro do mundo. Empreito o serviço com o compadre Teixeira, da Ponte Alta.

A mulher botou as mãos na cabeça.

— Nossa Virgem! E' coisa de louco! Pois o compadre nem braço tem...

— Bééé! urrou Nunes, estomagado. Cala essa bocca! Mulher não entende das coisas...

E ella, nas encolhas:

— 'ta bom. Depois não se queixe.

— Bééé! rematou o marido.

Esta troada era o argumento decisivo de Nunes nas relações familiares. Quando ali roncava o "bééé", mulher, filhas, Pernambi, Brinquinho, todos se escoavam em silencio. Sabiam, por dolorosa experiencia pessoal, que o ponto acima era o porretinho de sapuva. E preferiam ficar no ponto abaixo.

Se a mulher emmudecia, emmudecia com ella a razão, porque o Teixeira Maneta era um carapina ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos. Só a um bebado como o Nunes bacorejaria a idéa de metter a monjoleiro um taramela daquelles, maneta e, inda por cima, cego d'uma vista. Mas era compadre e acabou-se. Bééé!

Uma nova semana passou Nunes em trabalhos de "maginação". Coçava lentamente a cabeça, pitava enormes cigarrões, absorto, com os olhos no milharal e o sentido em coisas futuras. Decidiu-se, por fim. Rumou á Ponte Alta e trouxe de lá o velho carapina, com a ferramenta capenga.

Só restava resolver o problema da madeira. Nas suas terras não havia senão páu de foice. Páu de machado, capaz de monjolo, só a peroba da divisa, velha arvore morta que servia de marco entre os dois sitios, tacitamente respeitada de lá e de cá. Deital-a-ia por terra, sem dar contas ao outro lado — como lhe fizeram á paca.

Boa peça! Nunes gosava-se da picuinha, planejando derrubar a árvore de noite, de modo que pela madrugada, quando os Porungas dessem pela coisa, nem Santo Antonio remediaría o mal.

— Está resolvido: derrubo a peroba!

Dito e feito. Dois machados roncaram no pau alta noite, e ainda não raiava a manhã quando a peroba estrondeou por terra, tombada na parte do Nunes.

Mal rompeu o dia os Porungas, advertidos pela ronqueira, sahiram a sondar o que foi, o que não foi. Deram logo com a marosca — e Pedro, á frente do bando, interpellou:

— Com ordem de quem, são...

— Com ordem da paca, ouviu? revidou Nunes provocativo.

— Mas paca é paca e essa peroba era o marco do rumo, meia minha, meia sua.

— Pois eu quero gastar a minha parte. Deixo a sua p'r'ahi!... retrucou Nunes, apontando com o beíço a cavacaria côr de rosa.

Pedro continha-se a custo.

— Ah, cachorro! Não sei onde estou que não...

— Pois eu sei que estou em minha casa e que bato fogo na primeira "cuia" que passar o rumo!...

Esquentou o bate-bocca. Houve nome feio a valer. O mulhierio interveio com grande descabelamento de palavrões. No meio da barulhada, Nunes, radiante, de espingardinha na mão, berrava para o Maneta:

— Vá lavrando, compadre, que eu sozinho escoro este cuiame!... (1)

A Porungada, afinal, abandonou o campo — para não haver sangue...

— Você fica com o páu, cachaceiro, mas deixe estar que p'r'amor disso inda ha de chorar muita lagrima de sangue...

— Bééé!!! estrugiu Nunes triunphalmente.

Os Porungas desceram, resmoneando em conciliabulo, seguidos do olhar victorioso de Nunes.

— Então, compadre? Viu que cuiada chóca? E' só chá de lingua, pé, pé, pé, mas chegar mesmo, quando! O guampudo conheceu a arruda pelo cheiro!

E Nunes assombrou o velho com muitos lances heroicos como aquelle, quebramentos de cara, escóras de tres e quatro, o diabo. E concluiu:

— O dia está ganho, compadre, largue disso e venha molhar a garganta.

A molhadela da garganta excedeu a quanta bebedeira tinham na memoria. Nunes, Maneta e Pernambi confraternizaram num bolo acachaçado, commemorativo da victoria, babujantes, até que uma somneira lethargica os derreou como postas de carne espalhadas pelo chão. A mulher, com a derradeira Maria pendurada ao seio magro, olhava para aquillo sacudindo a cabeça, a scismar:

— Que monjolo sahirá disto, mãe do céu!...

(1) Porção de cuias. Jogo de palavras; as cuias se fazem das cabaças, ou porungas.

Evaporados os fumos do alcool, tornaram á pe-roba no dia seguinte, muito acamaradados. A cachaça cimentara o compadresco antigo e a feitura do monjolo foi iniciada com grande quebreira de corpo. Nunes passava os dias na obra, vendo o compadre desbastar a madeira com um braço só. Pasmava daquillo, e do adjutorio que ao braço perfeito dava o toco aleijado. O velho sabia casos, que Nunes respondia com outros, sempre tendenciosos a patentar a ruindade dos Porungas.

Falquejado o tóro, correram a linha empapada num mingáu de carvão. Pégue nesta ponta, compadre, dizia o velho; agora estique; isso. E tomando entre os dedos o meio do cordel, “plaf”, chicoteava a madeira, riscando nella um traço negro.

Nunes revelou grande vocação para esfria-ver-ruma. Esfria-verrumas são os “empaliadores” de carapinas. Sentam-se com uma nádega á beira da banca e pasmam durante horas do rebote correr na tabua encaracolando fitas, ou do formão ir lentamente abrindo uma fura. Ora pēgam da enxó, examinam-na, passam o dedo pelo fio e perguntam: E’ Grive? (Greaves) Quanto custou? E quando sae a verruma da madeira, quente da fricção, pegam della e se põem a sopral-a, muito sérios.

Emquanto isso Maneta, desageitadamente, ia escavando o cocho (1) a machado e enxó. Depois rasgou as furas de haste (2) e afeiçoou a munhe-

(1) Parte trazeira do monjolo, que recebe a agua.

(2) Madeiro comprido que constitue a parte principal do monjolo.

ca (3). Promptas que foram, atacou o pilão (4). Escava que escava, em tres dias pôl-o de lado, concluso. Restava sómente apparellhar a virgem (5).

— O compadre sabe a historia do páu de feitiço?

Nunes não sabia. Nunes não sabia coisa alguma desta vida, tirante emborcar o gargalo e difamar Porungas. Sem interromper o esquadrejamento da virgem, Maneta narrou o caso que ouvira ao pae, o Teixeiraão serrador, madeireiro afamado.

— Em cada oito de matto, dizia o meu velho, ha um páu vingativo que pune a malfetoria dos homens. Vivi no matto toda a vida, lidei toda a casta de arvore, desdobrei desde embaúva velha e embirissú, até balsamo, que é raro por aqui. Dormi no estaleiro quantas noites! Homem, fui um bicho do matto. E de tanto lidar com páus fiquei na supposição de que as arvores têm alma, como a gente.

— T'esconjuro! espirrou Nunes.

— Isso dizia o meu velho; eu por mim não dou opinião. E têm alma, dizia elle, porque sentem a dôr e choram. Não vê como gemem certos páus ao cair? E outros como choram tanta lagrima vermelha, que escorre, e com o sol vira rezina? Ora pois têm alma, porque neste mundo tudo é criatura de Deus.

(3) Mão do monjolo, peça que serve para pilar.

(4) Recipiente de madeira (tronco escavado) que recebe o milho a ser pilado.

(5) Peça sobre cuja forquilha gira a haste.

— Lá isso...

— Então, dizia elle, ha em cada matto um páu que ninguem sabe qual é, a modo que peitado para a desfórra dos mais. E' o pau de feitiço.

O desgraçado que acerta metter o machado no cerne delle pôde encommendar a alma p'r'o diabo, que está perdido. Ou estrepado, ou de cabeça rachada por um galho secco que despenca de cima, ou mais tarde por artes da obra feita com a madeira, de todo o geito não escapa. Não 'dianta se precatar: a desgraça peala mesmo, mais hoje, mais amanhã, a criatura marcada.

Isto dizia o velho — e eu por mim tenho visto muita coisa!... Na derrubada do figueirão, lembra-se? morreu o filho do Chico Pires. Estava cortando um guamerim quando, de repente, soltou um grito. Acode que acode, o moço estava com o peito varado até as costas. Como foi? Como não foi? Ninguem entendeu aquillo. Eu fiquei pensativo e disse: é feitiço de páu...

Como este, quantos casos? O mundo está cheio. O Sebastiãozinho, da Ponte Alta: fez uma casa, o páu da cumieira elle mesmo o derrubou. Pois não é que a cumieira arreia e estronda a cabeça do rapaz?

Por isso meu pae, sabido que era, especulava primeiro se por ali perto não tinha havido desgraça. Era para ver se o feitiço estava solto ou preso, e precatar-se.

Com estas e outras ia Maneta florejando de lérias as horas de trabalho, enquanto dava os derradeiros retoques na virgem.

Estava prompto o monjolo. Nunes, jubiloso, via quasi realizado o primeiro sonho das futuras grandezas. Faltava apenas o assentamento, que é nada, e porisso, contente, batia tapas amigos na peroba vermelha.

— Ahi, minha velha! Mansinha, hein? Ha de chamar-se Tira-prosa — tira-prosa de Porungas, Cabaças e Cuias, eh! eh!

Recolheram cedo nesse dia, para solemnizar o feito á custa d'um ancorote (1) de cachaça, que esvaziaram a meio.

Dias depois, bem fincado, bem socado o pilão, o monjolo recebeu agua. Destapada a bica, um jorro d'enxurro espumejou no cocho, encheu-o, desbordou para o “inferno” (2). A engenhoca gemeu na virgem e alçou o pescoço. O cocho despejou a aguaceira — *chóó!* A munheca bateu firme no pilão — *pan!*

Nunes pulava d'alegria.

— Conheceu, Porungada chóca, quem é João Nunes Eusebio, da Ponte-Alta?

Mas não lhe bastou aquelle barulho, nem a gritaria da meninada a palmear, nem os ladridos de Brinquinho que, espantado da maluqueira, latia de longe a salvo de pontapés. Queria mais. Correu á espingarda, espoletou-a e, erguendo-a para o “outro lado”, desfechou. Mas o caco velho

(1) Barrilete proprio para transportar pinga em lombo de burro.

(2) Inferno — lugar onde a agua que move o monjolo despeja depois de enchido o cocho.

da picapáu, não compartilhando da sua alegria, rebentou a espoleta e calou-se. Nunes inda a manteve uns segundos alçada, esperando o tiro. Como o fogo tardasse demais, remessou com ella para longe, embrulhada num palavrão immundo. Lembrou-se depois de tres foguetes sobejados de uma reza, foi buscal-os e atacou-os na direcção dos Porungas.

— Cheira essa polvora, cuiada!

Infelizmente as bombas, mofadas, negaram fogo por sua vez.

— Tudo néga, compadre! Vamos ver se o ancorote nega também.

Não negou. E a prova foi roncarem logo, p'r'ali, como dois gambás.

No outro dia partiu Maneta para a Ponte Alta, com grande sentimento do Nunes que perdia nelle um companheirão. Quanto ao monjolo, como não houvesse milho a pilar, ficou sua estréa para quando se quebrasse a roça.

Cessaram as chuvas de verão. Entrou o estio, refrescado e limpo. Amarellaram as folhas do milho, as espigas penderam maduras. Começou a quebra. Nunes, impaciente, debulhou o primeiro jacá recolhido e atuchou o pilão. Ai! não ha felicidade completa no mundo. O engenho provou mal. Não rendia a cangica. A haste, desproporcionada ao cocho, não dava o jogo da regra. A mão, por muito leve ou por defeito de esquadria na virgem, ao bater guinava á esquerda, espirrando milho para fóra. Por mal de peccados, á primeira

chuvinha o pilão entrou a rever agua. Fôra escavado em madeira ventada (1). Não prestava.

Nunes, de má sombra, represando a colera, metteu-se a reparar tantas "torturas". Diminui o peso ao macaco, engrossou as aguas, amarrou d'ali, especou d'acolá, calafetou as fendas. Consumiu dias em lucta surda contra as manhas do mal engonçado. Mas o raio do monjolo respondia a cada remendo com uma reincidencia de desalentar.

O pobre homem explodiu, então. Da bocca lhe espirraram injurias sem fim contra o patife do Maneta.

— Excommungado do diabo de maldelazento de maneta...

Impossivel metter no papel todas as contas do rosario; as miudas inda cabem, mas as graúdas não podem sahir do Varjão. Além de injurias, ameaças. Que iria á Ponte-Alta rachar o compadre a foice, que lhe vasava a outra vista, que...

Num desses desabafos a tola da mulher meteu a colher torta no meio.

— Eu bem disse, eu bem avisei. Mas o queixo duro não fez caso...

Ai! Nunes, que só esperava por aquillo, passou a mão na sapúva, encarnou na esposa o odiado maneta, e deslombou-a numa sova de concertar negro ladrão.

— Toma, cachorro! Toma, excommungado do inferno! Aprende a fazer monjolo, porco sujo! E malhava...

(1) Madeira naturalmente rachada.

A mulher, urrando, sumiu-se aos pinotes matto a dentro, seguida do mulherio miudo da casa retranzido de pavor; e por oito dias andou em esfregações de salmoura pela polpa avergoada. Nunes, porém, melhorou consideravelmente com o derivativo. Mundificou-se da bilis e sossegou.

A nova de taes successos chegou logo á Porungada. Pedro, exultante, não teve mão de si, quiz ver com os proprios olhos a caranguejola que o vingava tão a pique. Meditou um plano, e lá um dia transpoz o espigão, rumo á casa do rival. Voltou uma hora depois espremendo risos fungados.

— Eh! eh! minha gente! Vocês não calculam. Quando quebrei o serrote, já ouvi o barulho — *chóó-pan* — uma ronqueira dos diabos! Disse cá commigo: roncar, elle ronca, eh! eh!

Fui chegando. O Nunes, jururú, estava debulhando milho na porta. Quando me viu, entreparou, amode que assombrado.

— “E’ de paz, eu disse, e me plantei diante delle. Dois chefes de familia, inda mais vizinhos, não podem viver assim toda a vida, de focinho “trucido” um p’r’o outro. O que foi, foi. Acabou-se. Toque.

Elle relanceou os olhos p’r’o lado da ronqueira — eh! eh! — muito desconchavado e espichou a mão sem abrir o bico.

— “Traga um café! gritou p’ra dentro.”

Enfiei os olhos pela casa: estava “assim” de mulherada na cozinha! Peguei de prosa. Elle foi respondendo. Conversa sem graça, amarradinha.

Por fim especulei: E o monjolo, vizinho, ficou na ordem? Nunes amarellou que nem esta folha!

— “E’ bomzinho, rende bem...”

— “Quero ver, disse eu, se não é curiosidade...”

— “Pois vá, respondeu sem se mexer do lugar.”

Eu fui.

Nossa Virgem! Aquillo nunca foi monjolo, nem aqui nem na casa do diabo! Só se vê amarri-
lhos de cipó e espéques e macacos (1). A haste
tem nove palmos e o cocho a mó que tem dez!...

— Quia! quia! quia! cacarejou a roda, que em
materia de monjolo era entendidissima.

— A mão não pesa, home, não pesa nem arro-
ba e meia! A virgem está errada e fóra do prumo.
Milho está que está alvejando o chão. A mão pin-
cha d’uma banda. Nossa Senhora, que mundéu!

Os Porunguinhas babavam.

— Então, roncar, ronca?

— Nossa! Ronca que nem uma trumenta. Mas,
socar? O boi soca! Nem tres litros rende por noite.
Homem, gentes, aquillo é coisa que só vendo!

A cara dos Porungas, annueada desde o inci-
dente da peroba, refloriu d’ali por deante nos sau-
daveis risos escarninhos do despique. Começou o
revide — troças e pilherias de toda ordem. Inven-
tavam novos traços comicos, exaggeravam as tra-
palhices do mundéu. Enfeitavam-no como se faz

(1) Contrapesos que se collocam nos monjolos mal cons-
truidos para conseguir o necessario equilibrio.

o mastro de S. João. Sobre as linhas geraes debucadas pelo velho, os Porunguinhas iam atando cada qual o seu buqué, de modo a tornar o pobre nonjolo uma coisa prodigiosamente comica. A palavra Ronqueira entrou em gyro nas vizinhanças como termo comparativo de tudo quanto é risivel ou não tem pé nem cabeça.

Aos ouvidos de Nunes foram logo bater taes rumores. O orgulho, muito medrado no periodo dos sonhos de grandeza, murchara-lhe como fructa verde colhida antes do tempo. Mas impossibilitado de vingar-se, deu de criar um rancor surdo contra a Ronqueira, que, tropega, lá ia malhando, dia e noite, *chóó-pan*, muito lerda, muito parca de rendimento. E para acalmar a bilis dobrou as doses de cachaça.

A mulher amanhava a casa num grande desconsolo da vida, esmulambada, sem mais esperanças d'arranjo p'r'aquelle homem.

Pernambi, sempre rentando o pae, sornissimo, parecia um velhinho idiota. Não tirava da bocca o pito de barro e cada vez batia mais no mulherio miudo.

Brinquinho desnorteara. Sentado nas patas trazeiras olhava, inclinando a cabecinha, ora para um, ora para outro lado, sem saber o que pensar da sua gente.

E, assim, mezes.

Afinal, veio a desgraça. Feitiço de páu ou não, o caso foi que o innocente pagou o crime do peccador, como é a justiça biblica. Certo dia soube Nunes que o José Cuitelo, da Pedra Branca, seu

compadre, puzera nome a uma egua lazarenta de Ronqueira. Era demais.

— Até o cachorro do Cuitelo! gemeu o misero, passando a mão na garrafa.

Sorveu um gole, e:

— Pernambizinho, venha cá. Venha beber com seu pae, meu filho.

O menino não esperou novo convite: bebeu um, dois e tres goles, estalando a lingua. O resto da garrafa soverteu-se no bucho do caboclo. Pernambi, mal tonteado pelos effluvios do alcool, banzou um bocado por ali e depois sahiu. Nunes estirou-se ao sol para dormir.

Era um feio dia de Agosto. Céu turvo pelo fumo das queimadas. Sol de cobre, sem brilho, a modorrar no ocaso. Folhinhas carbonizadas a descerem do alto, lentamente, regyrantes.

Transcorrida uma hora o bebado acordou, relanceando em redor os olhos mortícios.

— Qu'é delle Pernambi? — disse ás filhas aco-
coradas á soleira da porta.

As meninas não sabiam do irmão.

— Chamem Pernambi, engrolou o bebado, re-
cahindo em cochilo.

Uma pequena sahiu no encalço do menino.

Os olhos de Nunes a custo se abriam; sua cabeça oscillava, como se lhe houvessem desossado o pescoço. Da bocca escorria baba, e molhadas nella as palavras vinham vagas, mal atadas.

Subito, um grito lancinante ao longe alvoro-
tou a casa.

A mulher, estonteada, surge de dentro do casebre, pára á porta, orienta-se e corre para onde a voz. As filhas, assustadas, seguem-na, rumo ao monjolo.

Silencio tragico.

Depois, novos gritos, gritos em côro — gritos de angustia, de dôr, de desespero.

— Coitadinho do meu filho! uivava lá longe a mãe.

Nunes soergue-se, amparado ao portal.

— Que é isso? grunhe.

Ninguém lhe responde. Não ha ninguém por ali. Mas no monjolo recrudescce a grita. Nunes segue para lá, cambaleante. A meio caminho dá de cara com a mulher, descabellada, a falar sozinha.

— Que é que foi, mulher?

A pobre mãe, arrostando com o marido, afuzila nos olhos um raio de colera incoercivel.

— O que é? E' tua obra, cachaceiro do inferno! E' a tua pinga, homem atôa, esterco immundo! Vá ver, vá ver, vá ver, desgraçado!...

Nunes alcança o monjolo, aos cambaleios. E topa um quadro horrendo. No meio das filhas em grita, o corpinho magro de Pernambi de borco no pilão. Para fóra, pendentes, duas pernas franzinas e o monjolo, impassivel, a subir e a descer — *chóó-pan* — pilando uma pasta vermelha de milho, miolos e pellanca...

Esvaem-se-lhe os vapores do alcool e Nunes, em semi-demencia, corre ao machado, ringindo os dentes e aos uivos:

— Chegou teu dia, desgraçado!

Que scena lugubre foi aquella! O louco arremessava, entre rugidos de colera, golpes tremendos contra o monjolo carnívoro. Uma pancada na mão — toma Barbazú! Outra na haste — rebenta demónio! Outra no pilão — estoura feiticeiro do diabo! E — *pan, pan, pan* — dez, vinte, cem machadadas como nunca as desferiu derrubador nenhum com tal rigeza de pulso.

Cavacos saltavam para longe, roseos cavacos da peroba assassina. E lascas. E achas...

Longo tempo durou o duello tragico da demencia com a materia bruta. Por fim, quando o monjolo maldito já era um monte escavacado de peças em dismantelo, o misero caboclo tombou por terra arquejante, abraçado ao corpo inerte do filho. E sua mão tremula remexia o fundo do pilão em procura da cabecinha que faltava.

O MATA-PAU

Pincaros arriba e perambeiras abaixo, a serra do Palmital escurece de mattaria virgem, sombria e humida, tramada de taquarussús, afestoadada de taquarys, com grandes arvores velhas por cuja galhaça trepam cipós, escorre a barba de páu e adherem musgos.

Quem sobe da varzea, transpostas as capoeiras da raiz, ao embocar-se de chofre no frio tunnel vegetal que é ali a estrada, inevitavelmente espirra. E se é homem das cidades, pouco afeito aos aspectos bravios do sertão, depois do espirro abre a bocca, pasmado de paulama. Extasia-se ante a copa graciosa dos samambaiussús, ante as borboletas azues, ante as orchideas, os lichens, tudo.

Soffrea o animal sem o sentir; mas não pára. Vae parar adeante, na Volta Fria, onde um broto d'agua gelada, fluente no entremeio de pedras limosas, o induz a sorver um gole aparado em folha de caheté. Bebida a agua, e dito que nas cidades não ha daquillo, leva-lhe a vista o soberbo mata-páu que domina o grotão.

— Que raio de arvore é esta? pergunta elle ao capataz, pasmado mais uma vez.

E tem razão de parar, admirar e perguntar, porque é duvidoso existir naquella sertania exemplar mais truculento da arvore facinorosa.

Eu de mim confesso que fiz as tres coisas. O camarada respondeu á ultima:

— “Não vê” que é um mata-páu.

— E que vem a ser o mata-páu?

— “Não vê” que é uma arvore que mata outra. Começa, quer ver como? disse elle, escabichando as frondes com o olhar agudo em procura dum exemplar typico. Está ali um!

— Onde? perguntei, tonto.

— Aquelle fiapinho de planta, ali no gancho daquelle cedro, continuou o cicerone, apontando com dedo e beijo uma parasita humilde, grudada na forquilha de um galho, com dois filamentos escorridos para o solo, oscillantes ás brisas.

Começa “assimzinho”, meia duzia de folhas piquiras; bóta p’ra baixo esse fio de barbante na tenção de pegar a terra. E vae indo, sempre naquillo, nem p’ra mais, nem p’ra menos, até que o fio alcança o chão. E vae então o fio e vira raiz, e pega a beber a sustancia da terra. A parasita cria folego, e cresce que nem embaúva. O barbanzinho engrossa todo o dia, passa a cordel, passa a corda, passa a páu de caibro e acaba virando tronco de arvore e matando a mãe, como este guampudo aqui, concluiu, dando com o cabo do relho no meu mata-páu.

— Com effeito! exclamei. E a arvore deixa?

— Que é que ha de fazer? Não desconfia de nada, a boba. Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas, imagina que é parasita e não

se precata. O fio, pensa que é cipó. Quando a malvada ganha alento e garra de engrossar, é que a arvore sente a dôr dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso d'ahi por deante é o mata-páu. A arvore morre e deixa a lenha podre dentro d'elle.

Era isso mesmo. O lenho gordo e viçoso da planta facinorosa envolvia um tronco morto, a desfazer-se em carcoma. Viam-se, por elle acima, intervallados, os terriveis cingulos estranguladores; agora inuteis, desempenhada já a missão constrictora, jaziam esses aneis frouxos e atrophiados.

Imaginação envenenada pela literatura, pensei logo nas serpentes de Laocoonte, na vibora aquecida no seio do homem da fabula, nas filhas do rei Lear, em todas as figuras classicas da ingratição. Pensei e calei, tanto o meu companheiro era uma criatura simples, pura dos vicios mentaes que inoculam livros. Encavalgamos de novo e partimos.

Não longe d'ali a serra complana-se em rachã e a mata mingôa em capoeira nova, no meio da qual, em terreiro descoivarado, entremostra-se uma tapera. Esverdece o melão de São Caetano por sobre o tapume em ruinas do quintalejo, onde laranjeiras com herva e uma ou outra planta domestica marasmam agoniadas pelo matto suffocante.

— Antigo sitio do Elesbão, do Queixo d'Anta, explicou o camarada.

— Largado? perguntei.

— Ha que annos! Des'que mataram o homem ficou assim.

Bacorejou-me historia como as quero.

— Mataram-no? Conte-me lá como foi isso.

O camarada contou a historia que para aqui traslado com a possivel fidelidade. O melhor della evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca aprendeu a collocação dos pronomes e que por isso mesmo narra melhor que quantos por ahi sorvem literaturas inteiras, e grammaticas, na ansia de adquirir o estylo. Grandes folhetinistas andam por esse mundo de Deus, perdidos no meio da gente do campo, ingrammaticalissima, porém pittoresca no dizer como ninguém.

Elesbão morava com o pae no Queixo d'Anta, onde nascera. Quando a puberdade lhe engrossou a voz, disse ao velho:

— Meu pae, eu quero casar.

O pae olhou para o filho, pensativamente, e em seguida falou:

— Passarinho cria penna é para voar. Se você já é homem, case.

O rapaz pediu-lhe que puzesse em prova a sua virilidade.

O pae reflectiu e disse:

— Derrube o jatahy da grotinha, sem tomar folego.

Elesbão afiou o machado, arregaçou as mangas e feriu o páu. A' hora do almoço, o "pan pan" continuava sem esmorecimento. Só quando o sol aprumou no pino é que a madeira gemeu o primeiro estalido.

— Está no chão, disse o pae, que se acercara do filho, exausto mas victorioso. Póde casar. E' homem.

Elesbão trazia d'olho uma menina das cercanias, filha do balaieiro João Póca, a Rosinha, birlo sapiroquento de treze annos, feiosa como um rastolho.

— Meu pae, eu quero a Rosinha Póca.

— Case. Mas ouça o que eu digo. Os Pócas não são boa gente. Os machos ainda passam — o João é um coitado, o Pedro não é má bisca; mas as saias nunca valeram nada. A mãe da Rosa é falada. Laranjeira azeda não dá laranja lima. Você pense.

— Meu pae, o futuro é de Deus. Eu quero casar com a Rosinha.

— Pois case.

Deliberado com tal firmeza, Elesbão tratou de sitiar-se. Arrendou a rechã da tapera, roçou, derubou, queimou, plantou, armou a choça. Barreadas que foram as paredes, pediu a menina e casou-se.

Rosa só era rosa no nome. No corpo, simples botão inverniço, desses que melam aos frios extemporaneos de Maio. Olhos cozidos e nariz arrebitado, tal qual a mãe. Feia, mas da feiura que o tempo ás vezes concerta. Talvez se fiasse nisso o noivo.

Elesbão, rijo no trabalho, prosperou. Aos tres annos de labuta era já sitiante de monjolo, escaçoador e cevadeira, com dois aggregados no oito.

Filhos, até esse tempo nenhum; e isso entristecia a casa. Mas resignavam-se já ao vazio da esterilidade quando, certa noite, ouviram choro de criança no terreiro.

Não se conta o terror de ambos — que aquillo era na certa alma penada de criança morta pagã. Como, entretanto, a pobre alma berrasse com pulmões muito da terra, e cada vez mais, Elesbão duvidou do bruxedo e, accendendo uma braçada de palha, lançou-a para fóra através da janella. O terreiro clareou até longe e elles viram, a pouca distancia, uma criaturinha de gatas, a berrar com desespero de quem é bem deste mundo.

— E não é que é uma criança de verdade? exclamou elle, sahido de um assombro e entrando noutro. E agora?

— Pois é recolhel-a, disse Rosinha, cujo instincto de mulher só via no caso um pobre enjeitado ao léu, a reclamar conchego.

Recolheu-o Elesbão, depondo o chorincas no collo da esposa, que o estreitou ao seio, acalmando-o, ao mesmo tempo que “assentava” o marido propondo:

— Se não apparecer a mãe, cria-se o menino. Faz tanta falta um chorinho nesta casa...

No dia seguinte bateram as vizinhanças e as indagações, sem nada colher explicativo do estranho caso. Resolveram, pois, adoptar o pequeno.

O pae de Elesbão, consultado, ponderou:

— Não presta criar filho alheio.

Mas como o consulente armasse cara de vacillação, remendou logo a sua philosophia:

— Também não é caridade enjeitar um enjeitado, e ficou-se nisso.

Rosa conservou o pequeno, e deu com elle criado á força de leite de cabra e caldinhos.

O menino, porém, á medida que medrava, punha a nú a má indole congenial. Não promettia boa coisa, não.

— Eu bem avisei, recordou o velho, como Elesbão se queixasse um dia da ruim casta do recolhido.

— Meu pae disse tambem que não era caridade enjeitar um enjeitado...

— E' verdade, é verdade... confirmou o philosopho de pé no chão, calando-se.

Manoel Apparecido era o nome do rapazinho. Como tivesse olhos gateados, e cabellos louros de milho, denunciativos de origem estrangeira, puzeram-lhe os vizinhos a alcunha de Russo.

Ganhou fama de madraço, e o era, refinado, inimigo de enxada e foice, só attento a negociatas, barganhas, espertezas. Amado pela Rosa como filho, livrava-o ella da sanha do esposo, escondendo suas malandragens, porque Elesbão ameaçava sempre endireital-o a rabo de tatú.

Não endireitou coisa nenhuma. Com dezoito annos era o Russo a peste do bairro, atarantador dos pacificos e trahiçoeiro para com os escoradores.

— E' ruim inteirado! dizia o povo.

Por esse tempo navegava Rosa na casa dos trinta annos. Como a não estragaram filhos, nem

se estragou ella em grosseiros trabalhos de roça, valia muito mais do que em menina. O tempo curou-lhe a sapiroca, e deu-lhe carnes a boa vida. Concertou de tal fórma que todo o mundo gabava o arranjo.

— Ninguém perca a esperança! Olhem a mulher do Elesbão, aquella Póquina sapiroquenta, como está chibante!...

A sua boniteza residia na saude dos olhos e na gordura. Na roça, gordura é synonymo de beleza — gordura e olhos azues “que nem uma conta”...

Além disso Rosinha cuidava de si. Virou faiceira. Sempre limpa, vestida de boas chitas da sua côr, cabellos bem alisados para traz, torcidos em pericote lustroso á força de pomada de lima, não havia na serra outra pimpona assim — nem moça de fazenda com pae coronel.

Suas relações com o Russo, maternas até ali, principiaram a mudar de rumo, como quer que o menino espigasse em homem. Por fim, degeneraram em namoro — medroso no começo, descarado ao cabo. A má casta das Pócas, desmentida no decurso da primavera, reafirmava-se em plena sazão calmosa. O verão das Pócas! Que forno!

Tudo transpira. Transpirou nas redondezas a feia maromba daquelles amores. Boas linguas, e más, boquejavam o quasi incesto.

Quem de nada nunca suspeitou foi o honradissimo Elesbão, e como na porta dos seus ouvidos paravam os rumores do mundo, a vida das tres criaturas corria-lhes na toada mansa a que se dá o nome de felicidade.

Foi quando cahiu de cama o pae de Elesbão, doente de velhice.

Mandou chamar o filho e disse-lhe com voz de quem está com o pé na cova:

— Meu filho, abra os olhos com a Póca...

— Por que fala assim, meu pae?

O velho ouvira o zumzum da má vida; vacillava, entretanto, em abrir os olhos ao infeliz empulhado. Correu a mão tremula pela cabeça do filho, afagou-a e morreu sem mais palavra. Sempre fôra amigo de reticencias, o bom velho.

Elesbão regressou ao sitio com aquelle aviso a verrumar-lhe os miolos. Passou dias pensando e acastellando hypotheses, de cara amarrada.

Vendo o marido assim demudado, casmurro, de prazenteiro que era, Rosa cahiu em guarda. Chamou de parte o Russo e disse-lhe:

— Lesbão, des'que morreu o pae, anda a mó que hervado. Mas não é sentimento, não! Elle desconfia... Às vezes pega de olhar para mim d'um geito exquisito, que até me gêa o coração...

Manoel segurou o queixo e reflectiu. Continuar naquella vida, era arriscado. Ir-se, peor; nada possuia de seu e trabalhar para outrem não era com elle. Se Elesbão morresse...

Não se sabe se houve concerto entre os amassios. Mas Elesbão morreu. E como!

Certa vez, de volta da villa proxima, ali pelo escurecer, caiu de borco na Volta Fria, foçado barbaramente na nuca. Descobriram-lhe o cadaver pela manhã, bem rente ao mata-páu.

A justiça, coitadinha! apalpou d'aqui e d'ali, numa cegueira... Desconfiou-se do Russo — mas que é das provas? O Russo era mais fino que o delegado, o promotor, o juiz — mais até que o vigário da villa, um padre gosador de fama de enxergar através das paredes.

A viuva chorou como mamoeiro lanhado — fosse de sentimento, de remorso, ou para illudir os outros. Talvez, sem calculo nenhum, pelos tres motivos.

Manoel permaneceu em casa. Viviam como filho e mãe, dizia ella; como marido e mulher, resmungava o povo.

O sitio, porém, entrou logo a desmedrar. Comiam do plantado, sem lembrança de metter na terra novas sementes.

O moço ambicionava vender as bemfeitorias para mergulhar no Oeste e como Rosa reluctasse deu de maltratal-a.

Estes amores serodios são como a vide: mais judiam delles, mais revicam. As brutalidades do Russo respondia a viuva com redobros de carinhos. Seu peito maduro, onde o verão em declinio annunciava a invernia proxima, chammejava em fogo bravo, desses que roncam nas retranças dos taquarussuzaes. E isso vingava Elesbão, esse amor sem geito, sem conta, sem medida, duas vezes criminoso, sobre sacrilego e, o que era peor, aborrecido pelo facinora, já farto.

— Coróca! Sapiquá de defunto! Cangalha velha!

Não havia insulto, com o peão do veneno plantado na nota da velhice, que lhe não desfechasse, o ingrato.

Rosa depereceu a galope. Adeus, gordura! Boniteza outoniça, adeus! Saias a rufar, tesas de gomma, pericote luzidio, rescendente a essencia de lima, quando mais?

Os vizinhos commentavam:

— O Russo dá cabo della, como deu cabo do marido — e é bem feito.

Voz do povo...

Um dia o Russo ameaçou de largal-a, se não vendesse tudo, já e já; e a pobre mulher deu ao bandido essa derradeira prova de amor. Vendeu por uma bagatela o que restava accumulado pelo trabalho do defunto, a moenda, o monjolo, a casa, o cannavial em sóca. E combinaram para o outro dia o ambicionado mergulho na terra roxa.

Nessa noite, altas horas, Rosa despertou sufocada por violenta fumaceira. A casa ardia. Saltou como louca da enxerga e berrou pelo Russo.

Ninguém lhe respondeu.

Atirou-se, então, contra a porta: estava fechada por fóra. O instincto fal-a agarrar um machado e romper a golpes desesperados as tabuas rijas. Escapa-se da fornalha, rola para o terreiro com as vestes em fogo, precipita-se no tanque e, livre das chammas, cae inerte para um lado — justamente onde, vinte annos atraz, vira o engeitadinho chorando ao relento...

Quando de manhã passantes a recolheram, estava d'olhos pasmados e muda. Levaram-na em

maca para o hospital, onde sarou das queimaduras, mas nunca mais do juízo.

Foi feliz, Rosa. Enlouqueceu no momento preciso em que a vida ia tornar-se-lhe um puro inferno.

O Russo... O Russo abalou com o dinheiro. Dizem uns que corre o Oeste como ladrão de cavallos. Outros, que já tem negocio e prospéra. Eu pendo para esta ultima hypothese e tenho esperanças de vel-o ainda coronel, vereador — ou deputado, quem sabe? Parece-me sujeito de grandes destinos.

Ahi parava a historia do Elesbão, como o sabia o meu camarada. Um crime vulgar como os ha na roça ás dezenas, se a lembrança do mata-páu o não colorisse com tintas de symbolo.

— Não é só no matto que ha mata-páus!... murmurei philosophicamente, á guiza de commentario.

O capataz entreparou um momento, como quem não entende. Depois abriu na cara o ar de quem entendeu e gostou.

— Não é por gabar, mas vosmecê disse ahi uma palavra que merece escripta. E' tal e qual...

E calou-se, de olho parado, pensativo.

A COLCHA DE RETALHOS

— Upa!

Cavalgo e parto.

Por estes dias de Março a natureza acorda tarde. Passa as manhãs embrulhada num roupão e neblinas e é com espreguiçamentos de mulher adormecida que despe os veus da cerração para o banho luminoso do sol.

A nevoa esmaia o relevo da paizagem, desbotando-lhe as côres. Tudo parece coado através d'um crystal despolido.

Vejo a orla de capim tufada como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adeante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto gottejante d'alguns angiqueiros marginaes.

Agora, uma porteira.

Ali, a encruzilhada do Labrego.

Tomo á destra, em direitura ao sitio do José Alvorada.

Este sujeito mora-me a geito de empreitar um roçado no capoeirão do Bilú, nata de terra que pelas boccas do caheté legitimo (1) da unha-de-vacca (2) e da caquéra (3) está a pedir foice e covas de milho.

(1), (2), (3) Padrões de terra boa.

Não é difficil a puxada: com cincoenta braças de carregador bóto a roça no caminho.

Tres alqueires, só no bom. Talvez quatro. A noventa por um — nove vezes quatro trinta e seis: trezentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras (1) que o porco estraga e o que comem a paca e o rato...

Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina! O pae está em casa?

E' a filha unica. Pelo geito não vae além de quatorze annos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nas grotas noruegas (2). Mas arredia e itê (3) como a fructa do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha. Veio pegar agua a este cor'go e é milagre não haver-se esgueirado por detraz daquella moita de taquarys ao ver-me.

— O pae está lá? insisti.

Respondeu um "está" enleado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do matto asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho, quando comprou a situação dos Periquitos, vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu dura na lucta contra terras ensapezadas e seccas, que encurtam as safras por mais que dê de si o homem. Foram-se

(1) Bandeira de milho, diz-se de qualquer trecho do milharal.

(2) Grotta fria, onde nunca bate o sol.

(3) Sabor agreste, adstringente, acido.

rareando as idas á cidade e, ao cabo, de todo se supprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em annos outoniços, e que a geada queimou o café novo — uma tamina (1), tres mil pés — o velho, amuado, nunca mais espichou o nariz fóra do sitio.

Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vae á villa tres vezes — uma a baptizar, outra a casar, a terceira a enterrar.

Com taes casmurrices na cabeça dos velhos, era natural que a pobrezinha da Pingo d'Agua (tinha esse appellido a Maria das Dôres) se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar medo ás gentes. Fôra uma vez á villa, com vinte dias, a baptizar. E já lá ia nos quatorze annos sem nunca mais ter-se arredado d'ali.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ella ler e escrever que nem uma professora, se des'que casou nunca mais teve geito de abrir um livro? Na roça, como na roça.

Deixei a menina ás voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente á morada.

Que ruinaria!...

Da casa antiga aluira uma ala, e o restante, além da cumieira sellada, tinha o oitão fóra do prumo.

(1) Ninharia, coisa de nada.

O velho pomar, roído de formiga, succumbira de inanição; na ansia de sobreviver, tres ou quatro laranjeiras macilentas, furadas de broca, sope-sando o polvo retrançado da herva de passarinho, abrolhavam ainda rebentos cheios de compridos espinhos. Fóra disso, mamoeiros, a silvestre goiaba e araçás, promiscuamente com o matto invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiro á casa. Tapera, quasi e, enluradas nella, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati palmas.

— O' da casa!

Appareceu a mulher.

— Está sêo Zé?

— Inda agorinha sahiu, mas não demora. Foi queimar um mel na massaranduva do pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavallo a um moirão de cerca e entrei.

Acabadinha, a Sinh'Anna. Toda rugas na cara — e uma côr... Estranhei isso.

— Doença, gemeu. Estou no fim. Estomago, figado, uma dôr aqui no peito que responde na cacunda... Casa velha, é o que é.

— Metade é scisma, disse-lhe, para consolo.

— Eu é que sei! retrucou-me suspirando.

Entrementes, surgiu da cozinha uma velhota bem apessoada, no cerne, rija e têsã, que me saudou e:

— Está espantado do geito de Nhanna? Esta gente de agora não presta para nada... Olhe: eu com setenta no lombo não me troco por ella. Criei

minha neta e inda lavo, cozinho e coso. Admira-se? Coso, sim!...

— Mecê é gabola porque nunca padeceu doença — nem dôr de dente!... Mas eu? Pobre de mim! Só admiro de inda estar fóra da cova... Ah! vem o Zé.

Chegava o Alvorada. Ao ver-me, abriu a cara.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim... E' só melado. Bonito, hein? Estava difficil, num ôco muito alto e sem geito. Mas sempre tirei. Não é jity, não! E' mel de páu.

Depoz num mocho a cuia dos favos e se foi á janella, lavar as mãos sob o coco d'agua que a mulher despejava. Poz os olhos no meu cavallo:

— Hoje veio no picaço... Bom bicho! Eu sempre digo: animaes, aqui no redor, são este picaço e a ruana do Izé de Lima. O mais é eguada de moenda.

Neste momento entrou a menina, de pote á cabeça. Ao vel-a o pae apontou para a cuia de mel.

— Está ahi, filha, o doce da aposta. Perdi, paguei.

Que aposta? Ah! ah! Brincadeira. A gente cá na roça, quando não tem serviço, com qualquer coisa se diverte. Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse, atoa: São mais de dez! Pingo negou: Não chega lá! Apostamos. Eram nove. Ella ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta songui-nha só vendo, não é o que parece, não!

A loquacidade do Alvorada não desmedrara com o atrazo da vida. Em se lhe dando corda, ressurgia nelle o tagarela da cidade.

Expuz-lhe o meu negocio. O homem enrugou a testa e reflectiu um bocado, de queixo preso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que cahi daquella amaldiçoada ponte do Labrego, fiquei assim como quebrado por dentro. Não escóro serviço, e para lidar com camaradas no eito não basta ter bocca. Sem puxar a enxada de par com elles, a coisa não vae, não! Lembra-se da empreitada do anno retrazado? Pois sahi perdendo dinheiro. O tranca do João Mina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com esses prejuizos não livreí o jornal.

Desde então fiz cruz em serviços alheios. Se inda teimo neste sapezal é por via da menina; senão, largava tudo e ia viver no matto, como bicho. E' Pingo que inda me dá um pouco de coragem, concluiu com ternura.

A velhinha sentara-se á luz da janella e, abrindo uma caixeta, poz-se a coser, de oculos no nariz.

Aproximei-me, admirativo.

— Sim, senhora! Com setenta annos!

Sorriu-se, lisonjeada.

— E' para ver. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho fazendo ha quatorze annos, des'que Pingo nasceu. Dos vestidinhos della, vou guardando nesta caixa cada retalho que sobeja e um dia os coso. Veja que galantaria de serviço!...

Estendeu-me ante os olhos um panno variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O ultimo retalho ha de ser o vestido de casamento, não é, Pingo?

Pingo d'Agua não respondeu. Mettida na cozinha, percebi que nos espiava por uma fresta.

Mais dois dedos de prosa, um cafézinho ralo — escolha com rapadura — e,

— Está bem, rematei, levantando-me do mocho de tres pernas. Como não póde ser, paciencia. Apesar disso, acho que deve pensar um bocado. Olhe que este anno estou pagando os roçados a oitenta mil réis o alqueire. Dá para ganhar, não?

— Que dá, eu sei que dá — mas tambem sei para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era gente, muitas peguei a sessenta, e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois annos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervallo Dona Anna falleceu. Era fatal a dôr que respondia na cacunda. E não mais me aflorava á memoria a imagem daquelles humildes urupês, quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crível: o filho de um sitiante vizinho, rapaz de todo pancada, furtara Pingo d'Agua aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

— E' para ver! Desconfiem das sonsas... Fugiu, e lá rodou com elle para a cidade — não para casar, nem para enterrar. Foi ser "moça", a pom-binha...

O incidente ficou a azoinar-me o bestunto. A' noite perdi o somno, revivendo scenas da ultima visita ao sitio, e disso brotou a idéia de lá tornar. Para? Confesso: méra curiosidade, para ouvir os commentarios da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro entumescia gommos em cada arbus-to. Nenhuma neblina. A paizagem desenhava-se nítida até aos cabeços dos morros distantes.

Por amor á symetria, montava eu o mesmo picarso. Transpuz a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No correjo vi, com os olhos da imaginação, o vulto da menina envergonhada, com o pote descansado na lage e toda ás voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera antolhou-se-me, deserta. As tres arvores do pomar extincto eram já galha-ça resecca e poenta. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos, sempre apinhados de fructos. O resto peorara, descambando para o lugubre. Ruiu o oitão e o terreirinho pintalgava-se de moitas de guaxuma, cordão de frade e joás.

— O' de casa.

Silêncio. Tres vezes repeti o appello. Por fim surgiu dos fundos uma sombra, acurvada e tremula.

— Bom dia, nha Joaquina. Está sêo Zé?

Não me reconheceu a velhinha. O Zé fôra á villa, vender a sitióca para mudar de terra.

Fez-me entrar, logo que me dei a conhecer, pedindo escusas da má vista.

Entrei para a saleta vazia.

— Tem coragem de estar aqui sózinha?

— Eu? Sózinha estou em toda a parte... Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, disse, apontando para o mocho de dois annos atraz.

Sentei-me com um nó na garganta. Não sabia o que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nha Joaquina! Parece que foi hontem que estive aqui. Apesar das doenças, iam vivendo felizes. Hoje...

A velha limpou no canhão da manga uma lagrima.

— Viver setenta e dois annos para acabar assim!... Felizmente a morte não tarda. Já a sinto cá dentro...

Confrangia-se-me o coração naquelle termo onde tudo era passado — a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo, tremulo espectro sobrevivente como a alma da tapera, a triste velhinha enancida, cujos olhos poucas lagrimas estilavam, tantas chorara.

— Que mais agora? murmurou pausadamente, em voz de quem já não é deste mundo. Até á “desgraça”, eu não queria morrer. Velha e inutil, inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta que é duas vezes filha e era o meu consolo. Desencaminharam a pobrezinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me tire, logo e logo...

Relanceei um olhar pela sala vazia. A caixeta de costura inda estava sobre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nella, marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento e, erguendo-se, tomou a caixa nas mãos tremulas.

Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamente. Depois, com tremuras na voz, disse:

— Dezeseis annos — e não pude acabar a colcha... Ninguém imagina o que é para mim esta prenda. Cada retalho tem sua historia e me lembra um vestidinho de Pingo d'Agua. Aqui leio a vidinha della des'que nasceu.

Este, olhe, foi da primeira camiseta que vestiu... Tão galantinha! Estou a vel-a no meu braço, tentando pegar os oculos com a mãozinha gorda...

Este azul, de listras, lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos tres annos. Ella já andava pela casa inteira, armando reinações, perseguindo o Romão, que um dia, por signal, lhe metteu as unhas no rostinho. Chamava-me "óó aquina".

Este vermelho, de rosinhas, foi quando completou os cinco annos. Estava com elle por ocasião do tombo na pedra do correjo, d'onde lhe veio aquella marquinha no queixo, não reparou?

Este cá de xadrezinho foi pelos sete annos, e eu mesma o fiz de saia comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada, feita uma mulherzinha!

Pingo d'Agua já sabia temperar um virado quando usou este aqui, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com elle que entornou uma panella e queimou as mãos.

Este roxo, usou-o quando tinha dez annos e cahiu de sarampo, muito malzinha. Os dias e as

noites que passei ao pé della, a contar historias! Como gostava da Gata Borralheira!...

A velha enxugou na colcha uma lagrima, e calou-se.

— E este? perguntei, apontando um retalho amarello, para avival-a.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha quinze annos quando o vestiu pela primeira vez, num mutirão do Labrego. Não gosto d'elle. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito assentadinho no corpo, e galante, mas, pelas minhas contas, foi o culpado do Labreguinho engrajar-se da coitada. Hoje sei disso. Naquelle tempo de nada suspeitava...

— Este, disse-lhe eu, fingindo recordar-me, é o que vestia quando cá estive.

— E' engano seu. Era, quer ver qual? Era este de pintas vermelhas, repare bem.

— E' verdade, é verdade! menti. Agora me lembra, era isso mesmo. E este derradeiro?

Após uma pausa dorida, a pobre criatura sacudiu a cabeça e balbuciou:

— Este é da desgraça. Foi o ultimo que lhe fiz. Com elle fugiu... e me matou.

Calou-se, a lacrimejar, tremula.

Calei-me tambem, oppresso d'um infinito aperto d'alma.

Que quadro immensamente triste, aquelle fim de vida, machucado pela mocidade louca!...

E ficamos ambos assim, immoveis, de olhos pregados na colcha.

Ella por fim quebrou o silencio.

— Era o meu presente de noivado. Deus não quiz. Será agora a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com ella...

E guardou-a dobradinha na caixa, envolta num suspiro arrancado ao imo do coração.

Um mez depois morria. Soube que lhe não cumpriram a ultima vontade.

Que importa ao mundo a vontade ultima d'uma pobre velhinha da roça?

Pieguices...

BOCCATORTA

A quarto de legua do arraial do Atoleiro começam as terras da fazenda de igual nome, pertencente ao major João Lucas.

De permeio entre o povoado e um tracto de mattas virgens, dormita de papo acima um famoso pantano. Pégo de insidiosa argilla negra, fraldejado por corôa de velhos guembês nodosos, a tabôa esbelta cresce-lhe á tona, viçosa na folhagem erectil que as brisas tremelicam. Pela inflorescencia, longas varas soerguem-se a prumo, sustendo no apice um chouriço côr de telha que, maturado, se esbruga em paina esvoaçante. Corre entre seus talos a batura de longo bico, e saltita pelas hastes a corruira do brejo, cujo ninho bojudo se ouriça nos espinheiros marginaes.

Fóra disso, rãs, mimbuias pensativas e, a rabear velocissima nas poças verdinhentas de algas, a trahira, o voraz esqualozinho do lodo. Um brejo, emfim, como cem outros.

Notabiliza-o, porém, a profundidade. Ninguém ao vel-o tão calmo, sonha o abysmo trahidor occulto na verdura. Dois, tres bambús emendados que lhe tentem alcançar o fundo subvertem-se no lôdo sem alcançar pé.

Além de varios animaes sumidos nelle, contavam o caso do Simas, portuguez teimoso que, na birra de salvar um burro já atolado a meio, se viu engulido lentamente pelo barro maldito. Desd'ahi ficou o atoleiro gravado na imaginativa popular como uma das boccas do proprio inferno.

Transposto o abysmo, a vegetação encorpa, até constituir a matta, por cujo seio corre a estrada mestra da fazenda.

Pela manhã daquelle dia passara por ali o trole do major, de volta da cidade.

Além do velho, de sua mulher, Don'Anna e de Christina, a filha unica, vinha a passeio o bacharel Eduardo, primo longe e noivo da moça. Chegaram e agora ouviam todos, na varanda, da bocca do Vargas, fiscal, a noticia do succedido durante a ausencia.

Já contara Vargas do café, da puxada dos milhos e estava na criação.

— Porcos, têm sumido alguns. Uma leitôa rabicó e um capadete malhado dos "Polanchan" (1), ha duas semanas que moita. Para mim, ninguem me tira da cabeça, o ladrão foi o negro, inda mais que essa criação costumava alongar das bandas do brejo. Eu estou sempre dizendo: é preciso tocar de lá o raio do maldelazento. Aquillo, Deus me perdôe, é bicho ruim inteirado. Mas não "querem" me acreditar...

O major sorriu áquelle "querem". Vargas tinha ogerisa velha ao misero Boccatorra, não perdia ensanchas de lhe attribuir maleficios e de estumar

(1) Poland China.

o patrão a correr com elle das terras — que aquillo, Nossa Senhora! até enguiçava uma fazenda...

Interessado, o moço indagou do estranho personagem.

— Bocatorta é a maior curiosidade da fazenda. Filho d'uma escrava de meu pae, nasceu, o coitado, disforme e horripilante como não ha memoria de outro. Um monstro!

De tão feio, fugiu ao mundo e ha annos que vive sózinho, entocado no matto, donde raro sae e sempre á noite. O povo diz delle horrores — que come crianças, que é bruxo, que tem partes com o diabo. Todas as desgraças acontecidas no arraial correm-lhe por conta. Para mim, apenas é um pobre diabo cujo crime unico é ser feio demais. Perdeu a medida, e está a pagar crime que não commetteu...

Vargas interveio, cuspilhando com cara de asco.

— Se o doutorzinho o visse!... Que bicho! E' a coisa mais nojenta deste mundo!

— Feio como Quasimodo? perguntou o da cidade.

— Esse não conheço, sêo doutor, mas estou aqui estou jurando que o negro passa adeante do... como é?

Eduardo apaixonava-se pelo caso.

— Mas, amigo Vargas, feio como? Porque feio? Explique-me lá essa feiura.

Grande parola quando lhe davam trela, Vargás entreparou um bocado e disse:

— O doutor quer saber como é o negro? Venha cá. Vossa Senhoria 'garre num juda de carvão e judie delle; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brasas alumando; metta a faca nos beíços e saque fóra os dois; 'rranque os dentes e só deixe um tôco; entorte a bocca de vriez na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdôe. Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cansar, descanse. Corra o mundo campeando feiura braba e applique o pior no estupor. Quando acabar 'garre no juda e ponha rente de Boccatorta. Sabe o que acontece? O juda fica lindo!...

Eduardo desferiu uma gargalhada.

— Você exaggera, Vargas. Nem o diabo é tão feio assim, criatura de Deus!

— Homem, sêo doutor, quer saber? Contando não se acredita. Aquillo é feiura que só vendo!

— Nesse caso quero vel-o. Um horror dessa marca merece bem uma pernada.

Neste comenos assomou Christina á porta, annunciando café na mesa.

— Sabe? disse-lhe o noivo. Temos um bello passeio em perspectiva: desentocar um gorilha que, diz o Vargas, é o bicho mais feio do mundo.

— Boccatorta? exclamou Christina com um reverbero de ennojo no rosto. Não me fale nisso! Só o nome dessa criatura me põe arrepios no corpo.

E contou o que delle sabia.

Boccatorta representara papel saliente em sua imaginação. Pequenita, amedrontavam-na as mucamas com a cuca, e a cuca era o horrendo negro.

Mais tarde, com ouvir ás creoulinhas todos os horrores correntes á conta dos seus bruxedos, ganhou inexplicavel pavor ao noctambulo. No collegio houve tempo em que, noites e noites a fio, o mesmo pesadelo a atropelou: Boccatorta a perseguil-a, e ella, em transes, a fugir. Gritava por socorro, mas a voz lhe morria na garganta. Despertava arquejante, lavada em suores frios. Curou-a o tempo, mas a obsessão vincara fundos vestígios em su'alma.

Eduardo, não obstante, insistia:

— E' o meio de te curares de vez. Nada como o aspecto crú da realidade para desmanchar exag-geros de imaginação. Vamos todos, em farrancho -- e asseguro-te que a piedade te fará ver no espantalho, em vez d'um monstro, um simples desgraçado digno do teu soccorro.

Christina consultou-se por uns momentos e,

— Póde ser, disse. Talvez vá. Mas não prometto! Na hora veremos se ha coragem...

A maturação do espirito em Christina desbotara a vivacidade nevrotica dos terrores infantis. Inda assim vacillava. Renascia o medo antigo, como renasce a encarquilhada rosa de Jericó ao contacto de humilima gotta d'agua.

Vexada de surgir aos olhos do noivo tão infantilmente medrosa, deliberou que iria, mas desde esse instante uma imperceptivel sombra annuveou-lhe o rosto.

Ao jantar foram o assumpto as novidades do arraial, eternas novidades de aldeia — o fulano que morreu, a sicrana que casou. Casara um boti-

cario e morrera uma menina de quatorze annos, muito chegada á gente do major.

Condoida particularmente, Don'Anna não a tirava da idéa.

— Pobre da Luizinha! Não me sae dos olhos o geito della, tão galante, quando vinha aqui pelo tempo das jaboticabas. Ali, naquella porta — Dá licença, Don'Anna! — tão cheia de vida, vermelhinha 'do sol... Quem diria...

— E ainda por cima a tal historia do cemiterio... interveio Christina. Papae soube?

Corriam no arraial rumores macabros. O coveiro, no dia seguinte ao enterramento, topou a sepultura remexida, como se fôra violada durante a noite, e viu na terra fresca pegadas mysteriosas de uma "coisa" que não seria bicho nem gente deste mundo.

Já duma feita succedera caso identico por ocasião da morte de Sinhazinha Esteves; mas todos duvidaram da integridade dos pobres miolos do coveiro sarapantado.

Esses incréus não mofavam agora do visionario, porque o padre, e outras pessoas de boa cabeça chamadas a testemunhar o facto, confirmavam-no.

Eduardo, imbuido do scepticismo facil dos moços da cidade, metteu a riso o caso com muita fortidão de espirito.

— A gente da roça, d'uma folha d'embauva pendurada no barranco faz logo, pelo menos, um lobishomem, mais tres mulas sem cabeça. Esse caso do cemiterio: um cão vagabundo entrou lá e arranhou a terra. Ahi está todo o grande mysterio!

Christina objectou:

— E os rastos?

— Os rastos! Estou a apostar como taes rastos são os rastos do proprio coveiro. O terror impediu-o de reconhecer o molde do casco...

— E o padre Lysandro? acudiu Don'Anna, para quem um testemunho tonsurado era documento de muito peso.

Eduardo cascalhou uma risada anticlerical e, trincando um rabanete, expectorou:

— Ora, o Padre Lysandro! Pelo amor de Deus, Don'Anna! O Padre Lysandro é o proprio coveiro de batina e corôa! A proposito...

E contou a proposito varios casos daquella marca, os quaes, no correr do tempo, vieram a explicar-se naturalmente, com grande cara d'asno dos coveiros e Lysandros respectivos.

Christina ouviu, com o espirito absorto em scismas, a bella demonstração geometrica. Don'Anna concordou da bocca para fóra, por amabilidade. Mas o major, esse não piou sim, nem não. A experiencia da vida ensinara-lhe a não affirmar com despotismo, nem negar com "oras".

— Ha muita coisa estranha neste mundo... disse, traduzindo involuntariamente a safada replica de Hamlet ao cabeça forte do Horacio.

Zangara o tempo quando á tarde o rancho se poz de rumo ao casebre de Boccatorra.

Ventava. Rebojos de nuvens pardas sorviam as ultimas nergas d'azul.

Os noivos breve se distanciaram dos velhos que, a passos tardos, seguiam commentando a bôa composição do futuro casal.

Não havia nisso exaggero de paes. Eduardo, embora vulgar, tinha a esbelteza necessaria para ouvir sem favor o encomio de rapagão, e Christina era um ramalhete completo das graças que os dezoito annos sabem compor.

Donaire, elegancia, distincção... pintam lá vocabulos esbeiçados pelo uso esse punhado de “quês” particularissimos, cuja somma a palavra “linda” totaliza?

Labios de cereja, a magnolia da pelle accesa em rosas na face, olhos sombrios como a noite, dentes de perola... as velhas tintas de uso em retratos femininos desde a Sulamita não pintam melhor que o “linda!” dito sem mais enfeites além do ponto de admiração.

Vel-a mordiscando o hastil d’uma flor de catingueiro colhida á beira do caminho, ora risosinha, ora séria, a côr das faces mordida pelo vento frio, madeixas louras a brincar-lhe nas temporas, vel-a assim formosa no quadro agreste d’uma tarde de Junho, era comprehender a expressão dos roceiros: Linda que nem uma santa.

Olhos, sobretudo, tinha-os Christina de alta belleza. Naquella tarde, porém, as sombras de sua alma coavam nelles penumbras de estranha melancholia. Melancholia e inquietação. O amoroso enlevo de Eduardo esfriava a miude ante suas repentinas fugas. Elle a percebia longe de si, ou pelo menos introspectiva em excesso, reticencia que o amor não vê de bôa cara. E á medida que caminhavam recrescia aquella exquisitice. Um como intactil morcego diabolico riscava-lhe a alma de voejos presagos. Nem o estimulante das brisas asperas, nem a ternura do noivo, nem o “cheiro de

natureza" exsolvido da terra, eram de molde a esgarçar a mysteriosa bruma de lá dentro.

Eduardo interpellou-a, por fim:

— Que tens hoje, Christina? Tão sombria...

E ella, num sorriso triste:

— Nada!... Por que?

Nada... E' sempre nada quando o que quer que é lucila avisos informes na escuridão do sub-consciente, como ziguezagues subtilissimos de sismographo em prenuncio de distante commoção tellurica. Mas esses nadas são tudo!...

— A' esquerda, pelo trilho!

A voz do major chamou-os á realidade. Um carreiro mal batido na macega esgueirava-se em colleios até á beira d'um corrego, onde se reuniram de novo.

O major tomou á frente, e guiou-os mata a dentro pelos meandros d'uma picada. Era ali o matto sinistro onde se alapavam Boccattorta e o seu cachorro lazarento, Merimbico, nome tresandante a satanismo para o fáro do povilêu. Ás sextas-feiras, na voz corrente do Arraial, Merimbico virava lobishomem e se punha de ronda ao cemiterio, com lamentosos uivos á lua e aboccamientos ás pobres almas penadas — coisa muito de arrepiar.

O sombrio da matta ennoiteceu de vez a alma de Christina.

— Mas, afinal, para onde vamos, meu pae? Afundar no atoleiro, como o Simas? Meu pae já fez o testamento?

— Já, minha filha, chasqueou o major, e deixou Boccattorta para ti...

Christina emmudeceu. Retransia-a em doses crescentes o velho medo de outr'ora e foi com um estremecimento arrepiado que ouviu o ladrido próximo de um cão.

— E' Merimbico, disse o velho. Estamos quasi.

Mais cem passos e a matta rasgou-se em clareira, na qual Christina viu logo a biboca do negro. Fez-se toda pequenina e achegou-se a Don'Anna, apertando-lhe nervosamente as mãos.

— Bobinha! Tudo isso é medo?

— E' peor que medo, é... não sei quê!

Não tinha feição de moradia humana a alfurja do monstro. A' laia de paredes, paus a pique mal juntos, entresachados de ramadas seccas. Por cobertura, presos com pedras chatas, molhos de sapé no fio, defumado e podre. Em redor, um terreirinho atravancado de latas ferrujentas, trapos e cacteria velha. A entrada era um buraco por onde mal passaria um homem de agacho.

— Olá, ó caramujo! Sae da toca, que está cá o sinhô moço e mais visitas! gritou o major.

Respondeu de dentro um grunhido cavo. Ao ouvir tão desagradavel som, Christina sentiu correr na pelle o arrepio dos pesadelos antigos, e num incoercivel movimento de pavor abraçou-se com a mãe.

O negro sahiu da cova, meio de rastos, com a lentidão de monstruosa lesma. A principio surdiu uma gaforinha arrussada, depois o tronco e os braços, e a traparia immunda que lhe escondia

o resto do corpo, entremostrando nos rasgões o negror da pelle craquenta.

Christina escondeu o rosto no hombro de Don'Anna — não queria, não podia vêr.

Boccatorta excede a toda pintura. A hediondez personificara-se nelle, avultando, sobretudo, na monstruosa deformação da bocca. Não tinha beiços e as gengivas largas, violaceas, com raros cotos de dentes bestiaes fincados ás tontas, mostravam-se crúas, como enorme chaga viva. E torta, posta de vizez na cara, num esgar diabolico, resumindo o que o feio póde compor de horripilante. Embora se lhe estampasse na bocca quanto fosse preciso para dar áquella criatura a culminancia da ascosidade, a natureza malvada fôra além, dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembravam a forma do pé humano. E olhos vivissimos, que pulavam das orbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerotica amarella. E pelle grumosa, escamada de escaras cinzentas... Tudo nelle quebrava o equilibrio normal do corpo humano, como se a teratologia caprichasse em crear a sua obra prima.

A' porta do casebre, Merimbico, cachorro vulgar, todo ossos, pelle e sarna, rosnava contra os importunos.

Don'Anna e a filha retiraram-se engulhadas.

Só os homens resistiam á nauseante vista, embora a Eduardo o tolhesse uma emoção jámais experimentada, mixto de asco, piedade e horror. Aquelle quadro de suprema repulsão, novo para seus nervos, desnorteava-lhe as idéas. Estarrecido como em face da Gorgona, não lhe vinha palavra que dissesse.

O major, entretanto, trocava lingua com o monstro que, em certo ponto, a uma pergunta alegre do velho, arregaçou na cara um riso.

Eduardo não teve mão de si. Aquelle riso naquella cara excedia á sua capacidade de horripilação. Voltou o rosto e se foi para onde as mulheres, murmurando:

— E' demais! E' de fazer mal a nervos de aço!

Seus olhos encontraram os de Christina e nelles viram a expressão de pavor da preá engrifada nas púas da suindára — o pavor da morte.

Quando sahiram da floresta, morria a tarde sob a chibata d'um vento precursor de chuva.

Don'Anna arreceou-se pela filha.

— Foi imprudencia, Christina, vires sem um chalinho de cabeça, ao menos!... Queira Deus...

A moça não respondeu. D'olhos baixos, retransida, aspirava a largos haustos o ar gelado, para desafoço d'um aperto de coração nunca sentido fóra dos pesadelos.

Generalizara-se o silencio. Só o major tentava espanejar a impressão penosa, chasqueando ora o terror da filha, ora o asco do moço; mas breve calou-se, ganho tambem pelo mal estar geral.

Triste anoitecer o daquelle dia, picado a espaços pelo surdo revôo dos curiangos. O vento zunia, e numa lufada mais forte trouxe da matta o uivo plangente de Merimbico. Ao ouvil-o, um comentario unico escapou á bocca do major:

— Diabol!

Fechara-se a noite e cahiam as primeiras gotas de chuva quando pisaram o alpendre do casarão.

Christina sentiu nesse momento um calafrio unico pelo corpo inteiro, como se a sacudisse a corrente electrica.

No dia seguinte amanheceu febril, com ardores no peito e tremuras amiudadas. Tinha as faces vermelhas e a respiração oppressa.

O reboliço foi grande na casa.

Eduardo, mordido de remorsos, compulsava com mão nervosa um velho Chernoviz, tentando atinar com a doença de Christina; mas perdia-se sem bussola no barathro de molestias. Nesse em meio Don'Anna exgottava o arsenal da medicina anodina dos simplices caseiros.

O mal, entretanto, recalcitrava ás chasadas e sudoriferos. Chamou-se o boticario da villa. Veio a galope o Eusebio Macario e diagnosticou pneumonia.

Quem já não assistiu a uma dessas subitaneas desgraças que de golpe se abatem, qual negro avejão de presa, sobre uma familia feliz, e estraçoam tudo quanto nella representa a alegria, a esperança, o futuro?

Noites em claro, dias morosos, janellas cerradas, cochichos pelos cantos, o rumor dos passos abafados... E a doente a peorar... O medico da casa, apprehensivo, cheio de vincos na testa... Dias e dias de duello mudo contra a molestia incoercivel... A desesperança, afinal, o irremediavel antolhado imminente, a morte presentida de ronda ao quarto...

Ao oitavo dia foi Christina desenganada e no decimo o sino do arraial annunciava o seu prematuro fim.

— Morta!...

Eduardo escondia as lagrimas entre as almofadas do leito, repetindo cem vezes a mesma palavra:

— Morta!...

Alcançava-lhe agora o significado tremendo e, no entanto, quantas vezes a ouvira como a um som vazio de sentido!

A imagem de Christina morta, a esfervilhar na dissolução sob a terra gelada, contrapunha-se ás visões da Christina viva, toda mimos d'alma e corpo, radiosa manhã humana de cuja luz toda se impregnara sua alma.

Cerrando os olhos, revia-a ao seu lado durante o passeio fatal, envolta nas brumas de vagos sentimentos. Recordava-lhe as palavras dubias, a vacillação. E arrepelava-se por não ter adivinhado na repulsa da moça os avisos informes de qualquer coisa mysteriosa que tenazmente a defendia. Taes pensamentos, enxameantes em torno á carne viva da sua dôr, coavam nella venenos crueis.

Fóra, o sol redoirava crúamente a vida.

Brutalidade!...

Morria Christina e não se desdobravam crepes pelo céu, nem murchavam as folhas das arvores, nem se recobria de cinzas a terra!

Espezinhado pela crúa indiferença das coisas, Eduardo fechou-se em si proprio, torvo e dolo-

rido, sentindo-se amarfanhado sob a pata cruel do destino.

Correram horas. Noite alta, acudiu-lhe a idéa de ir ao cemiterio para beijar num ultimo adeus o tumulo da noiva.

Por sobre a vegetação adormecida boiava o pallor cinereo da mingoante. Raras estrellas no céu, e na terra nenhum rumorejo além do remoto uivar de um cão — Merimbico talvez — a escandir o concerto das untanhas que coaxavam glús-glús nas aguadas.

Eduardo alcançou o cemiterio. Estava enca-deado o portão. Apoiou a testa nos frios varões de ferro e mergulhou os olhos queimados de lagrimas por entre os carneiros humildes, em busca do que recebera Christina.

No ar, um silencio de eternidade.

A espaço as brisas carreavam o odor acre dos cravos de defunto que, em moitas, floriam aquelle triste cemiterio de aldeia.

Seu olhar pervagava de cruz em cruz na tentativa de atinar o sitio onde ella dormia o grande somno, quando um rumor suspeito lhe feriu os ouvidos. Dirieis um arranhar da terra em raspões cautelosos, ao qual se casava o resfolego soffregos d'uma criatura viva.

Pulsou-lhe violento o sangue. Os cabellos cresceram-lhe na cabeça. Allucinação? Apurou os ouvidos: o rumor estranho lá continuava, vindo de um ponto sombreado de cyprestes. Firmou a vista: qualquer coisa movia-se na terra, agachada.

Subito, num relampago, fulgurou em sua memória a scena do jantar, o caso da Luizinha, as palavrás de Christina. Eduardo sentiu arrepiarem-se-lhe os cabellos e, ganho d'um panico desvairado, deitou a correr, como um louco, rumo á fazenda, em cujo casarão penetrou de pancada, sem folego, lavado em suores frios, despertando de sobresalto a familia adormecida.

Com gritos de espanto, que o cansaço e o bater dos dentes entrecortavam, exclamou, entre arquejos:

— Estão desenterrando Christina!... Eu vi uma coisa desenterrando Christina!...

— Que loucura é essa, moço?

— Eu vi!... continuava Eduardo, com os olhos desmesuradamente abertos. Eu vi uma coisa desenterrando Christina!...

O major apertou a testa entre as mãos. Esteve assim, immovel, uns instantes. Depois, sacudiu a cabeça num gesto de decisão e, horivelmente calmo, murmurou entre dentes, como em resposta a si proprio:

— Será possível, meu Deus?

Vestiu-se de golpe, mettu no bolso o revólver e, atirando tres palavras enigmaticas á estarecida Don'Anna, gritou para Eduardo, com inflexão de aço na voz:

— Vamos!

Magnetizado pela energia do velho, o moço o seguiu somnambulicamente.

No terreiro encontraram o capataz.

— Venho comnosco — disse o major. A “coisa” está no cemiterio.

Vargas passou mão de uma foice e acompanhou-os.

— Vae ver que é elle, patrão, até juro!

O major não respondeu, e os tres homens partiram a correr pelos campos em fóra.

A meio caminho Eduardo, exausto de tantas commoções, atrazou-se. Seus musculos recusavam-lhe obediencia. Ao defrontar com o atoleiro a perna lhe fraqueou de vez e elle cahiu, offegante.

Entrementes, o major e o feitor alcançaram o cemiterio, galgaram o muro e aproximaram-se como gatos do tumulo de Christina.

Um quadro hediondo antolhou-se-lhes de golpe: um corpo branco jazia fóra do tumulo — abraçado por um vulto vivo, negro e colleante como o polvo.

O pae de Christina desferiu um rugido de féra, e qual féra mal ferida arrojou-se para cima do monstro. A hyena, mau grado a surpresa, escapou ao bote e fugiu. E coxeando, cambaio, semi-nú, de tropeço nas cruces, a galgar tumulos com agilidade inconcebivel em semelhante criatura, Boccattorta saltou o muro e fugiu, seguido de perto pela sombra esganiçante de Merimbico.

Eduardo, que concentrava todas as forças para acompanhar de longe o desenlace do drama, viu passar rente de si o vulto asqueroso do necrophilo, para logo desaparecer mergulhado na massa escura dos velhos guembês.

Voando-lhe no encalço viu passar em seguida o vulto dos perseguidores.

Houve uma pausa, em que só lhe feriu o ouvido o rumor da correria. Depois, gritos de colera, d'envolta a um grunhir de queixada cahido em mundéu — e tudo se misturou no barulho d'uma lucha que o uivo intercadente de Merimbico dominava lugubre.

O moço correu a mão pela testa gelada: estaria sob as garras d'um pesadelo? Não; não era sonho. Disse-lh'o a voz alterada do feitor, esboçando o epilogo da tragedia:

— Não atire, major, elle não merece bala. Pr'a que serve o atoleiro?

E logo após sentiu recrudescer a lucha, entre imprecações de colera e os grunhidos cada vez mais lamentosos do monstro. E ouviu farfalhar o matto, como se arrastassem por elle um corpo manietado, a debater-se em convulsões violentas. E ouviu um rugido cavo de supremo desespero. E, após, o baque fôfo de um fardo que se atufa na lama.

Uma vertigem escureceu-lhe a vista; seus ouvidos cessaram de ouvir; seu pensamento adormeceu...

Quando voltou a si, dois homens lhe borrifavam na cara agua gelada.

Encarou-os, marasmado. Ergueu-se, mal firme, apoiado a um delles. E reconheceu a voz do major que lhe dizia, entre arquejos de cansaço:

— Seja homem, moço. Christina já está na terra, e o negro...

— ... está beijando o barro, concluiu sinistramente o Vargas.

Ao raiar do dia Merimbico ainda lá estava, sentado nas patas trazeiras, a uivar saudosamente de olhos postos no sitio onde sumira o seu companheiro.

Nada mais lembrava a tragedia nocturna, nem denunciava o tumulto de lodo açaimador da bocca hedionda que babujara nos labios de Christina o beijo unico de sua vida.

O ENGRAÇADO ARREPENDIDO

Francisco Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo d'uns Souza Pontes de trinta mil arrobas, afazendados no Barreiro, só aos trinta e dois annos de idade entrou a pensar sériamente na vida.

Como fosse de natural engraçado, vivera até ali á conta de veia comica, e com ella amanhara casa, mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens, pilherias, anedotas de inglez e tudo quanto bole com os musculos faciaes do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas.

Sabia de cór a Encyclopedia do Riso e da Galhofa, de Fuão Pechincha, a criatura mais dissaborida que Deus botou no mundo; mas era tal a arte do Pontes, que as semsaborias mais relamborias ganhavam em sua bocca um chiste raro, de fazer os ouvintes babarem de puro goso.

Para arremedar gente ou bicho, era um genio. A gamma inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetús ao uivo á lua, e o mais, rosnado ou latido, assumia em sua bocca perfectibilidade capaz de illudir aos proprios cães — e á lua.

Tambem grunhia de porco, cacarejava de galinha, coaxava de untanha, ralhava de mulher ve-

lha, choramingava de fedelho, silenciava de deputado governista ou perorava de patriota em sacada. Que vozeio de bipede ou quadrupede não copiava elle ás maravilhas, quando tinha pela frente um auditorio predisposto?

Descia outras vezes á prehistoria. Como fosse d'algumas luzes, quando os ouvintes não eram pecos reconstituia os vozeirões paleontologicos dos bichos extinctos — roncôs de mastodontes ou berros de estegosaurios ao avistarem-se com “homos” peludos, repimpados em fétos arboreos, coisa muito de rir e divulgar a sciencia do sr. Barros Barreto.

Na rua, se pilhava um magote de amigos parados á esquina, aproximava-se de mansinho e — “nhoc”! — arremessava um bote de munheca á barriga da perna mais a geito. Era de ver o pino-te assustado e o — “passa”! — nervoso do incauto, e logo em seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, o qual gargalhava d'um modo todo seu, estrepitoso e musical — musica d'Offenbach.

Pontes ria parodiando o riso normal e espontaneo da criatura humana, unica que ri além da raposa bebedeira, e estacava de golpe, sem transição, cahindo n'um sério de irresistivel comico.

Em todos os gestos e modos, como no andar, no ler, no comer, nas acções mais triviaes da vida, o raio do homem differençava-se dos demais no sentido de amolecal-as prodigiosamente.

E chegou a ponto que escusava abrir a bocca ou esboçar um gesto para que se torcesse em risos a humanidade. Bastava sua presença. Mal o avis-

tavam, já as caras refluíam; se fazia um gesto, espirravam risos; se abria a bocca, espigaitavam-se uns, outros afrouxavam os cóses, terceiros desabotoavam os colletes. Se entreabria o bico, Nossa Senhora! eram cascalhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos, engasgos, fungações e asphyxias tremendas.

— E' da pelle, este Pontes!

— Basta, homem, você me afoga!

E caso o pandego se innocentava, com cara palerma:

— Mas que estou fazendo? Se nem abri a bocca...

— Quá, quá, quá! — a companhia inteira, desmandibulada, chorava no espasmo supremo dos risos incoercíveis.

Com o decorrer do tempo não foi preciso mais que seu nome para deflagrar a hilaridade. Pronunciando alguém a palavra "Pontes", accendia-se logo o estopim das fungaladas pelas quaes o homem se alteia acima da animalidade que não ri.

Assim viveu Pontes até a idade do Christo, numa parabola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada sério — vida de filante que dá mômos em troca de jantares e paga continhas miudas com pilherias de truz.

Um negociante caloteado disse-lhe um dia, entre frouxos de riso baboso:

— Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca.

Aquelle recibo sem sello mortificou seu tanto ao nosso pandego; mas a conta subia a quinze

mil réis — valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança della espetada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Atraz desse vieram outros e outros, estes fincados de leve, aquelles até á cabeça.

Tudo cansa. Farto de tal vida, o hilarião entrou a sonhar as delicias de ser tomado a sério, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos faciaes, gesticular sem promover a quebra da postura humana, atravessar uma rua sem presentir na piugada um côro de — “Lá vem o Pontes!” em tom de quem se espreme na contensão do riso ou se ageita para uma barrigada das boas.

Reagindo, tentou Pontes a seriedade.

Desastre.

Pontes sério mudava de tecla, cahia no humorismo inglez. Se antes divertia como o Clown, passava agora a divertir como o Tony.

O estrondoso exito do que se afigurou a toda a gente uma faceta nova da sua veia comica, lançou mais sombras na alma do engraçado arrependido.

Era certo que se não poderia traçar outro caminho na vida além daquelle, ora odioso? Palhaço, então, eternamente palhaço á força?

Mas a vida de um homem feito tem exigencias sisudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis nos annos verdes. O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a immobibilidade da idiotia que não ri. Não se concebe vereador risonho. Falta ao dito de Rabelais uma exclusão: o riso é proprio á especie humana, fóra o vereador.

Com o dobar dos annos a reflexão amadureceu, o brio crystallizou-se, e os jantares cavados acabaram por saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura ao cunho; já não sahia com a frescura antiga; já usava della como expediente de vida, não por folgança despreoccupada como outróra. Comparava-se mentalmente a um palhaço de circo, velho e achacoso, a quem a miseria obriga a transformar rheumatismo em caretas hilares como as quer o publico pagante.

Deu de fugir dos homens e gastou bons mezes no estudo da transição necessaria ao conseguimento de um emprego honesto. Pensou no commercio, na industria, na feitoria d'uma fazenda, na montagem d'um botequim — que tudo era preferivel á paspalhice comica de até então.

Um dia, bem maturados os planos, resolveu mudar de vida. Foi a um negociante amigo e sinceramente lhe expoz os propositos regeneradores, pedindo por fim um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição, o gallego e a caixeirada em peso, que espiava de longe á espera do desfecho, torceram-se em estrondoso gargarhar, como sob cocegas.

— Esta é boa! E' de primeirissima! Quá! quá! quá! Com que então... Quá! quá! quá! Você me arruina os figados, homem! Se é pela continha dos cigarros, vá socegado, que me dou por pago! Quá! quá! quá! Este Pontes tem cada uma...

E a caixeirada, os freguezes, os sapos de balcão e até passantes que pararam na calçada para "aproveitar" o "espírito", desboccaram-se em quá de matraca até lhe doerem os diaphragmas.

O miserando, atarantado e seriissimo, tentou desfazer o equivoco.

— Falo sério, e o senhor não tem o direito de rir-se. Pelo amor de Deus não zombe de um infeliz que pede trabalho e não gargalhadas.

O negociante desabotoou o cós da calça.

— Fala sério, pff! Quá! quá! quá! Olhe, Pontes, você...

Pontes largou-o em meio da phrase, e se foi com a alma atenazada entre o desespero e a co-lera.

Era demais. A sociedade o repellia, então? Impunha-lhe uma comicidade eterna?

Correu outros balcões, explicou-se como melhor pôde, implorou. Mas por voz unanime o caso foi julgado uma das melhores pilherias do "incorrigivel", e muita gente o commentou com a observação do costume:

— E' sempre o mesmo! Não se emenda o raio do rapaz! E olhem que já não é criança...

Barrado no commercio, voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedira o feitor e expoz-lhe o seu caso.

O coronel, depois de ouvir-lhe attentamente as allegações, conclusas pelo pedido de um lugar de capataz, explodiu num ataque de hilaridade:

— O Pontes capataz! Ih! Ih! Ih!

— Mas...

— Deixe-me rir, homem, que cá na roça isto é raro. Ih! Ih! Ih! E' muito boa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguem!

E berrando para dentro:

— Maricota, venha ouvir esta do Pontes. Ih! Ih! Ih!

Nesse dia o infeliz engraçado chorou. Compreendeu que não se desfaz do pé p'r'a a mão o que levou annos a crystallizar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem do chifre furado ou da pelle, estava construida com muito boa cal e rijo cimento para que assim esboroasse de chofre.

Urgia, entretanto, mudar de vida, e Pontesolveu as vistas para o Estado, patrão commodo e unico possivel no caso, porque abstracto, porque não sabe rir nem conhece de perto as cellulas que o compõem. Esse patrão, só elle, o tomaria a sério — o caminho da salvação, pois, embicava por ali.

Estudou a possibilidade da agencia do correio, dos tabellionatos, das collectorias e do resto. Bem ponderados prós e contras, trunfos e naipes, fixou a escolha na collectoria federal, cujo occupante, major Bentes, por avelhantado e cardiaco, era de crer não durasse muito. Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado a qualquer hora.

O az de Pontes era um parente do Rio, sujeito ricoço, em via de influenciar a politica no caso de realizar-se certa reviravolta no governo. Lá correu atraz d'elle e tantas fez para movel-o á sua pretensão que o parente o despediu com promessa formal.

— Vae socegado, que em a coisa arrebrandando por cá, e o teu collecter rebentando por lá, ninguem mais ha de rir-se de ti. Vae, e avisa-me da morte do homem sem esperar que esfrie o corpo.

Pontes voltou, radioso de esperança e aguardou pacientemente a successão dos factos, com um olho na politica e outro no aneurisma salvador.

A crise veio afinal; cahiram ministros, subiram outros e entre estes um politico negociista, socio do tal parente. Meio caminho era já andado. Restava apenas a segunda parte.

Infelizmente, a saude do major encruara, sem signaes patentes de declinio rapido. Seu aneurisma era, na opinião dos medicos que matavam pela allopathia, coisa grave, de estourar ao menor esforço; mas o precavido velho não tinha pressa de ir-se para melhor, deixando uma vida onde os fados lhe conchegaram tão fofo ninho, e lá engabelava a doença com um regimen ultra-methodico. Se o mataria um esforço violento, socegassem, não faria tal esforço.

Ora, Pontes, já meio dono daquella sinecura, impacientava-se com o equilibrio desequilibrador dos seus calculos. Como desembaraçar o caminho daquella travanca? Leu no Chernoviz o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escreveu a respeito; chegou a entender da materia mais que o doutor Iodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui á puridade, não entendia de coisa nenhuma desta vida.

O pomo da sciencia, assim comido, induziu-o á tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço.

— A gargalhada é um esforço, philosophava satanicamente de si para si. A gargalhada, portanto, mata. Ora, eu sei fazer rir...

Longos dias passou, alheio ao mundo, em dialogo mental com a serpente.

— Crime? Não! Em que código fazer rir é crime? Se morresse disso o homem, culpa era da sua má aorta.

A cabeça do maroto virou picadeiro de luta, onde o “plano” se bateu em duello contra todas as objecções mandadas ao encontro pela consciencia. Servia de juiz da contenda a sua ambição amarga, e Deus sabe quantas vezes tal juiz prevareicou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores.

Como era de prever, venceu a serpente, e Pontes resurgiu para o mundo um tanto mais magro, de olheiras cavadas, porém com um brilho estranho de resolução victoriosa nos olhos. Também notaria nelle o nervoso dos modos quem o observasse com argucia — mas a argucia não era virtude sobeja entre os seus conterraneos, além de que estados d’alma do Pontes eram coisa de some-nos, porque o Pontes...

— Ora o Pontes!...

O futuro funcionario forgicou, então, meticolosos planos de campanha. Em primeiro era mister aproximar-se do major, homem recolhido comsigo e pouco amigo de lérias; insinuar-se-lhe na intimidade; estudar suas venetas e cachacinhas até descobrir em que zona do corpo tinha elle o calcanhar d’Achilles.

Começou frequentando com assiduidade a collectoria, sob pretextos varios, ora para sellos, ora para informações sobre impostos, que tudo era en-sejo de um parolar manhoso, habilissimo, calcula-

do até tres decimaes para combalir a rispidez do velho.

Tambem ia a negocios alheios, pagar sizas, extrahir guias, coisinhas, fazendo-se serviçal dos amigos que traziam negocios com o fisco.

O major estranhou tanta assiduidade e disse-lh'o, mas Pontes escamoteou-se á interpeção montado numa pilheria de truz e perseverou num bem calculado dar tempo ao tempo que fosse desbastando as arestas aggressivas do cardiaco.

Dentro de dois mezes já se habituara Bentes áquelle serelepe, como lhe chamava, o qual em fim de contas parecia um bom moço, sincero, amigo de servir e sobretudo inoffensivo.

D'ahi a lá em dia d'accumulo de serviço pedir-lhe um obsequio, e depois outro, e terceiro, e tel-o afinal como especie de addido á repartição, foi um passo.

Para certas commissões não havia outro. Que diligencia! Que finura! Que tacto!

O major, ralhando certa vez o escrevente, puxou aquella diplomacia como lembrete.

— Grande pasmado! Aprenda com o Pontes, que tem geito para tudo e inda por cima tem graça.

Nesse dia convidou-o para jantar.

Grande exultação na alma do Pontes! A fortaleza abria-lhe as portas.

Aquelle jantar foi o inicio d'uma série onde o serelepe, agora "factotum" indispensavel, teve campo de primeira ordem para evoluções tacticas.

O major Bentes, entretanto, possuía uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros commensaes a erguerem-se da mesa atabafando a bocca nos guardanapos, encrespava apenas os seus labios. E se não era a graça de superfina agudeza, o collector mofino desmontava sem piedade o contador.

— Isso é velho, Pontes, já num almanaque Laemmert de 1850 me lembra de o ter lido.

Pontes sorria com ar vencido; mas consolava-se, dizendo lá por dentro, dos figados para o rim, que se não pegara d'aquella, d'outra pegaria.

Toda a sua sagacidade enfocava no fito de descobrir o fraco do major. Cada homem tem predilecção por um certo genero de humorismo ou chalaça. Este morre pela pilheria fescenina de frades bojudos. Aquelle péla-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica. Aquell'outro dá a vida pela pimenta da canalhice gauleza. O brasileiro adora a chalaça onde se põe a nú a burrice tamancuda de gallegos e ilhéos.

Mas o major? Por que não ria á ingleza, nem á allemã, nem á franceza, nem á brasileira? Qual o seu genero?

Um trabalho systematico de observação e a methodica exclusão de generos já provados inefficientes, levaram Pontes a descobrir a fraqueza do rijo adversario: o major lambia as unhas por casos de inglezes e frades. Era preciso, porém, que viessem juntos. Separados, negavam fogo. Exquisitices de velho... Em surgindo *bifes* vermelhos, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada, sapatões

formidolosos e cachimbo, conjuntamente com frades redondos, namorados da pipa e amigos da polpa feminina, lá abria o major a bocca e interrompia o serviço da mastigação, como criança a quem acenam com cocada. E quando o lance comico chegava, elle ria com gosto, abertamente, embora sem exaggero capaz de lhe transtornar o equilibrio sanguineo.

Pontes, com infinita paciencia, bancou nesse genero e não mais sahiu dali. Augmentou o repertorio, a gradação do sal, a dóse de malicia, e bombardeou systematicamente a aorta do major com os productos da sua habil manipulação.

Quando o caso era longo, porque o narrador o florejava no intento de esconder o desfecho e realçar o effeito, o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas pedia esclarecimento ou continuação:

— “E o raio do bife?” “E dahi?” “Mister John apitou?”

Embora tardasse a gargalhada fatal, o futuro collector não desesperava, confiando no apologo da bilha que de tanto ir á fonte lá ficou.

Não era máu o calculo. Tinha a psychologia por si, e teve tambem por si a quaresma.

Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno de uma enorme piabanha recheada, presente d’um collega.

O entrudo desmazorrara a alma dos commensaes, e a do amphytrião, que estava naquelle dia contente de si e do mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde.

O cheiro vindo da cozinha, valendo por todos os appetitivos de garrafaria, punha nas caras um enternecimento estomacal.

Quando o peixe entrou, scintillaram os olhos do major. Pescado fino era com elle, inda mais cozido pela Gertrudes. E naquelle brodio primara a Gertrudes num tempero que excedia ás raías da culinaria e se guindava ao mais puro lyrismo. Que peixe! Vatel o assignaria com a penna da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escrevente, sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxistas do paladar.

Entre goles de rica vinhaça era a piabanha introduzida nos estomagos com religiosa uncção. Ninguem se atrevia a quebrar o silencio da bromatologica beatitude.

Pontes presentiu opportuno o momento da cartada. Trazia engatilhado um caso de inglez, sua mulher e dois frades barbadinhos, anecdotas que elaborara á custa da melhor materia cinzenta do seu cerebro, aperfeiçoando-a constantemente em longas noites de insomnia. Já de dias a tinha de tocaia, aguardando o momento em que tudo corresse para obter della o effeito maximo.

Era a derradeira esperanza do facinora, seu ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, mettia duas balas nos miolos. Reconhecia impossivel manipular-se torpêdo mais engenhoso. Se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma ficção, o Chernoviz um palavrório, a medicina uma miseria, o doutor Iodureto uma cavalgada e elle, Pontes, o mais chapado semsaborão aquecido pelo sol — indigno, portanto, de viver.

Matutava o Pontes assim, negaceando com os olhos da psychologia a pobre victima, quando o major veio ao seu encontro, e lhe piscou o olho esquerdo.

— E' agora! pensou o bandido — e com infinita naturalidade, pegando uma garrafinha de molho, como por acaso, poz-se a ler o rotulo.

— *Perrins; Lea and Perrins*. Será parente d'aquelle lord Perrins que bigodeou os dois frades barbadinhos?

Inebriado pelos amavios do peixe, o major alumiou um olho concupiscente, guloso de chulice.

— Dois barbadinhos e um lord! A patifaria deve ser marca X. P. T. O. Conta lá, serelepe.

E mastigando machinalmente absorveu-se no caso fatal.


A anedota correu capciosa pelos fios naturaes até ás proximidades do desfecho, narrada com arte de mestre, segura e firme, num andamento estrategico onde havia genio. Por essas immediações a maranha empolgou de tal fórma o pobre velho que o poz suspenso, de bocca entreaberta, uma azeitona fígada no garfo detida a meio caminho. Um ar de riso — riso parado, riso estopim que não é senão o armar bote da gargalhada, illuminava-lhe o rosto.

Pontes vacillou. Presentiu o estouro da arteria. A consciencia breiou-lhe a lingua por uns instantes; mas Pontes deu um pontapé na consciencia e com voz firme desfechou o gatilho.

O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se ao fim da rua, gargalhada

igual á de Teufelsdröck deante de João Paulo Richter. Primeira e ultima, entretanto, porque no meio della os convivas, attonitos, viram-no cahir de borco sobre o prato, ao tempo que uma onda de sangue avermelhava a toalha.

O assassino ergueu-se, allucinado, e aproveitando a confusão esgueirou-se para a rua, qual outro Caim. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes a noite inteira, suou gelado. Os menores rumores retraziam-no de pavor: policia?

 Semanas depois é que entrou a declinar aquelle transtorno d'alma que toda gente levou á conta de dôr pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre deante dos olhos a mesma visão: o velho, de bruços no prato, golfando sangue, emquanto no ar, inda vibrantes, os echos de sua derradeira gargalhada.

E foi nesse deploravel estado que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras coisas dizia o az: "Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes. Fui ao ministro mas era tarde, já estava lavrada a nomeação do successor. A tua leviandade fez-te perder a melhor occasião da vida. Guarda para teu governo este latim: "tarde venientibus ossa", e sê mais esperto para o futuro".

Um mez depois encontraram-no pendurado duma trave, com a lingua de fóra, rigido.

Pontes enforcara-se numa perna de ceroula.

Quando a noticia deu volta á cidade, toda a gente achou graça no caso. O gallego do armazem commentou para os caixeiros:

— Vejam que criatura! Até morrendo fez chalaça! Enforcar-se na ceroula! Esta só mesmo do Pontes...

E reeditaram em côro meia duzia de “quás”
— unico epitaphio que lhe deu a sociedade...

UM SUPPLICIO MODERNO

Todas as crueldades de que foi useira a Inquisição para reduzir hereticos, as torturas requintadas da “questão” medieval, o empalamento otomano, o supplicio chinez dos mil pedaços, o chumbo em fusão mettido a funil gorgomilos a dentro — toda a velha sciencia de martyrizar subsiste ainda hoje encapotada sob habeis disfarces.

A humanidade é sempre a mesma cruel chacinadora de si propria, numerem-se os seculos anterior ou posteriormente ao Christo. Mudam de fórma as coisas; a essencia permanece.

Como prova denuncia-se aqui um avatar moderno das antigas torturas — *o estafetamento*.

Este supplicio vale o torniquete, a fogueira, o garrote, a polé, o touro de bronze, a empalação, o bacalháu, o tronco, a roda hydraulica de surrar. A differença é que estas engenharias matavam com relativa rapidez, ao passo que o estafetamento prolonga por annos a agonia do paciente.

Estafeta-se um homem da seguinte maneira: o governo, por malevola indicação d’um chefe politico, hodierno succedaneo do “familiar” do Santo Officio, nomeia um cidadão estafeta do correio entre duas cidades convizinhas, não ligadas por via ferrea.

O ingenuo vê no caso honraria e negocio. E' honra penetrar na phalange gorda dos carrapatos orçamentivoros que pacientemente digeram o paiz; é negocio lambiscar ao termo de cada mez um ordenado fixo, tendo arrumadinha no futuro a cama fôfa da aposentadoria.

Note-se aqui a differença entre os ominosos tempos medievos e os sobreexcellentes da democracia de hoje.

O absolutismo agarrava ás brutas a victima e, sem tir-te nem "habeas-corpus", trucidava-a; a democracia opera com manhas de Tartufo, arma arapucas, mette dentro rodela de laranja e espera aleivosamente que, "sponte sua", caia no laço o passarinho faminto. Quer victimas ao acaso, não escolhe. Chama-se a isto — arte pela arte...

Nomeado que é o homem, a principio não percebe elle a sua desgraça. Só ao cabo de um mez, ou dois, é que entra a desconfiar; desconfiança que por gráus se vae fazendo certeza, certeza horriavel de que o empalaram no lombilho duro do peor matungo das redondezas, com, pela frente, cinco, seis, sete leguas de tortura a engulir por dia, de mala postal á garupa.

Eis as púas do aparelho de tormento, as taes leguas!

Para o commum dos mortaes, uma legua é uma legua; é a medida d'uma distancia que principia aqui e acaba lá. Quem viaja, feito o percurso, chega e é feliz.

Mas as leguas do estafeta, mal acabam, voltam "da capo", como nas musicas. Vencidas as seis (supponhamos um caso em que sejam sómente seis)

renascem ellas na sua frente, de volta. E' fazel-as e desfazel-as. Teia de Penelope, rochedo de Sysipho, ha de permeio entre o ir e o vir a má digestão do jantar requentado e a noite mal dormida; e assim um mez, um anno, dois, tres, cinco, emquanto lhes restarem, a elle nadegas, e ao sen-deiro, lombo.

Quando cruza um viandante a jornadaear, morde-o a inveja: aquelle breve "chegará", ao passo que para o estafeta tal verbo é uma irrisão ironica.

Mal apeia, derreado, com o coranchim em fogo, ao termo dos trinta e seis mil metros de caminheira, comido o máu feijão, dormida a má somneca, a aurora do dia seguinte estira-lhe á frente, á guiza de "bons dias", os mesmos malditos trinta e seis mil metros da vespera, agora espichados ao contrario...

Breve, o animal, pisado, dá de si, fraqueia. Já os topes o cavalleiro galga a pé. Não possue meios de adquirir outra montada. O ordenado vae-se-lhe em milho e "rapador" (1) para a alimaria, agua de sal para os semicupios e mais remedios ás pisaduras de ambos, cavalgante e cavalgado. Não sobeja sequer para a roupa.

Dá-lhe o Estado — o mesmo que custeia enxundiosas tatoranas burocraticas e baitacas parlamentares a cem mil réis por dia — dá-lhe o generoso Estado... *cem mil réis mensaes*. Quer dizer "um real" por nove braças de tormento. Com um vintem paga-lhe trezentos e trinta metros de supplicio. Vem a sair o kilometro de mar-

(1) Pasto de aluguel muito sovado; rapado

tyrio por sessenta réis. Dôr mais barata é impossível...

O estafetado entra a definhar de canseira e fome. Vão-se-lhes as carnes, as bochechas encovam, as pernas viram parenthesis dentro dos quaes móra a barriga do rocim desventurado.

Além das calamidades physiologicas, economicas e sociaes, chovem-lhe em cima as meteorologicas.

O tempo inclemente não lhe poupa judiarias.

No verão não se dóe o sol de assal-o como se assam pinhões nas cinzas. Se chove, de nenhuma gotta se livra. Pelos fins de Maio, á entrada do frio, é entanguido como um subdito de Nicoláu exilado nas Siberias que devora as leguas infernaes. No dia de S. Bartholomeu, agarrado de unhas á crina da escanzellada egua, é por milagre que não os despeja a ambos, perambeiras abaixo, o endemoninhado vento.

O patrão-governo presuppõe que elle é de ferro e suas nadegas de aço nickel; que as estradas são umas mesas de bilhar, forradas de velludo; que o tempo é um eterno céu azul com brisas fagueiras occupadas em soprar sobre os caminhantes os olores suaves da "balsamina em flôr".

Presuppõe ainda que os cem mil réis do salario são uma paga real de lambar as unhas. E, nestas angelicaes presupposições, quando ha crises financeiras e lhe lembram economias, corta seus cinco, seus dez mil réis no pingue ordenado, para que haja sobras permittidoras d'ir á Europa um afilhado bacharel, em commissão de estudos sobre

“a influencia zygomática do perihelio solar no regimen zarathustrico das democracias latinas”.

E assim o exercito dos estafetas, dia a dia mais escanifrado, encalacrado de dividas, enchagado de pisaduras, ao sol de Dezembro ou á garôa entangente de Junho, trota, trota sem cessar, morro acima, morro abaixo, por atoleiros e areaes, caldeirões e escorregadoiros, sacudido pela miserranda cavalgadura que, de tanto padecer, coitada, já nem geito de cavallo tem.

O lombo della é todo uma chaga viva; as costellas, um ripado. Caricaturas contristadoras do nobre “Equus”, um dia rebentam de fome, exhaustas a meio da viagem.

O estafeta toma ás costas os arreios, a mala, e conclue a caminheira a pé.

Como, porém, nesse dia chega fóra de horas, o agente do correio officia ao centro sobre a “irregularidade”.

O centro move-se; faz correr um papelorio através de varias salas onde, commodamente espapaçada em poltronas caras, a burocracia gorda palestra sobre espões allemães.

Depois de demorada viagem o papelorio chega a um gabinete onde impa em secretaria de imbuia, fumegando o charutão, um sujeito de boas carnes e optimas côres.

Este vence dois contos de réis por mez, é filho d’algo, é cunhado, sogro ou genro d’algo, entra as onze e sae ás tres, com folga de permeio para uma “batida” no freje da esquina.

O canastrão corre os olhos mortícios de lombeira por sobre o papel e grunhe:

— Estes estafetas, que malandros!

E assigna a demissão d'aquelle a bem do serviço publico.

(Quando não acontece isso. acontece coisa peor. Certa vez o agente do correio d'uma cidadezinha paulista officiou ao centro queixando-se do estafeta. O centro respondeu autorizando-o a punir com severidade o faltoso. O nosso agente medita a sério sobre o caso; depois, mostrando o officio ao desgraçado, e com muita dor de coração, ferra-lhe, em nome do Governo, a maior sóva de chicote de que ha memoria no lugar. Em seguida officia ao centro, dando conta do cabal desempenho da missão e declarando que o serviço ficaria interrompido por uns quinze dias, visto o paciente estar de cama, a curar-se com salmoura).

O suppliciado, posto no olho da rua, sem saude, sem cavallo, sem nadezas, coberto de dividas, com o figado e mais visceras fóra do lugar em virtude do muito que “chacoalharam”, vê-se logo rodeado pela chusma de credores, avidos como urubús de matadouro.

Como está nú, mais nú que Job, não póde pagar a nenhum e ganha fama de caloteiro.

— Parecia um homem sério e, no entanto, roubou-me cinco alqueires de milho, diz o da venda, calabrez gordo, enricado no passamento de notas falsas.

— Tomou-me emprestados cem mil réis, para a compra de um cavallo, a jurinho d'amigo (cinco por cento ao mez), já lá vão cinco annos, e por muito favor pagou-me o premiozinho e deu os arreios por conta. Que ladrão! diz o onzeneiro, socio do outro na moeda falsa.

A loja de fazendas chora umas calças de algodão mineiro que lhe fiou em tempo. A pharmacia, um kilo de sal-amargo falsificado. E o martyr, abeberado de insultos, só vê pela frente uma sahida: fincar o pé na estrada e fugir... fugir para uma terra qualquer onde o desconheçam e o deixem morrer em paz.

Dest'arte, o moderno supplicio do estafetamento, além de xarquear as carnes d'uma criatura humana limpa de crimes, dá-lhe ainda, de lambujem, uma bella mortezinha moral.

Tudo isto afim de que não falte aos soletra-dores de taes e taes bibocas do sertão o pabulo diario da graxa preta em fundo branco, por meio do qual se estampam em lingua bunda as facadas que deu o Pé Espalhado no Camisa Preta, o queijo que furtou o Bahianinho ao Manoel da Venda, o romance traduzido do Jorge Ohnet, o salvamento da patria pela alta volataria nacional, o palavriado gordo das ligas d'isto e d'aquillo, a descoberta de espiões onde nada ha que espiar, a polycultura, o zebú, o analphabetismo, o alliadismo, o germanismo, as potocas da Havas e quanta papalvice gréla por massapés e terras roxas deste paiz das arabias.

A politica do coronel Evandro, em Itaóca, deu com o rabo na cerca des'que em tal pleito o competidor Fidencio, tambem coronel, guindou a cotação dos votos de gravata a quinhentos mil réis e os de pé no chão a dois pares de roupa, mais um chapéu.

O primeiro acto do vencedor foi correr a vassoura do Olho da Rua em tudo quanto era olhodarruavel em materia de funcçionarismo publico.

Entre os varridos estava a gente do correio, inclusive o estafeta, para cuja substituição inculcou-se ao governo o Izé Biriba.

Era este Biriba um caranguejo humano, lerdo de maneiras e atolambado de idéas, com dois percalços tremendos na vida: — a politica e o topete.

O topete era um palmo de grenha teimosa em lhe cahir sobre a testa, e tão insistente nisto que gastava elle metade do dia erguendo a mão esquerda á altura da fronte para, num movimento machinal, botar p'r'arriba a crina rebelde. A politica escusa dizer o que é.

Colligados ambos, topete e politica comiam-lhe o tempo inteiro, de geito a não sobrar a Biriba folga nenhuma para o amanhã do sitio, que, afinal, roído pelo cupim da hypotheca, lá foi parar ás mãos d'um calabrez velhaco.

Montou em seguida botequim, mas falliu. Enquanto arrumava o topete, os freguezes surrupiavam-lhe os mata-bichos; e nas cavaqueiras politicas os correligionarios, de passo que expelliam diatribes contra o governo, sorviam capilés refrescantes e mascavam bolinhos de peixe por conta da victoria futura.

Além do topete tinha Biriba o sestro do “sim senhor”, alçado ás funcções de virgula, ponto e virgula, dois pontos e ponto final de todas as parvoçadas emittidas pelo parceiro; e ás vezes, pelo habito, quando o freguez, parando de falar, entrava a comer, continuava elle escandindo a “sim senhores” a mastigação do bolinho filado.

Ao tempo da quêda do outro e subida da sua gente, andava Biriba reduzido á conspicua posição de phosphoro eleitoral.

No pleito trabalhou como nenhum. Deram-lhe as peores missões — acuar eleitores tabaréus embibocados nos socavões das serras, negociar-lhes a consciencia, debater preço de votos, barganhal-os com eguas lazarentas e provar aos desconfiados, com argumentos de cochicho ao ouvido, que o “governo estava com elles”.

Após a victoria sentiu Biriba, pela primeira vez na vida, um goso integral de coração, cabeça e estomago.

Vencer! Oh, nectar! Oh, ambrosia incomparavel!

O nosso homem regalou as visceras com o petisco dos deuses. Até que enfim os negros da sua vida de miserias alvorejavam em aurora. Comer á farta, serrar de cima... Delicias da vida!

Que lhe daria o chefe?

No antegoso da pepineira imminente, viveu a rebolar-se em cama de rosas até que rebentou sua nomeação para o cargo de estafeta.

Sem quéda para aquillo, quiz reluctar, pedir mais; entretanto, na conferencia que teve com o chefe, as objecções que lhe chegavam á bocca transmutavam-se no habitual “sim senhor”, de modo a convencer o coronel de que era aquelle o seu ideal.

— Veja, Biriba, quanto vale a fidelidade! Pilha um empregão! Vae o Regino para agente e você para estafeta.

O mais que pôde allegar foi que não tinha cavalgadura.

— Arranja-se, resolveu de prompto o coronel; tenho lá uma egua moira legitima, de passo pica-

do, que vale duzentos mil réis. Por ser para você, dou-a por metade. O dinheiro? E' o de menos. Tome emprestado ao Leandrinho. Arranja-se tudo, homem!

O arranjo foi adquirir Biriba uma egua trotona pelo dobro do valor, com dinheiro tomado a tres por cento ao tal Leandro, que outra coisa não era senão o testa de ferro do proprio Fidencio. Dess'arte, carambolando, o matreiro chefe punha a juro o peor sendeiro da fazenda, além de conservar pelo cabresto da gratidão ao idiota estafetado.

Iniciou Biriba o serviço: seis leguas diarias a fazer hoje e a desfazer amanhã, sem outra folga além do ultimo dia dos mezes impares.

Inda bem se fôra devorar as leguas na só companhia da chupada mala postal. Mas não lhe sahiu serena assim a empresa. Como Itaóca não passasse de mesquinho lugarejo empoleirado no espinhaço da serra e desprovido de tudo, não transcorria vez sem que amigos politicos o procurassem com encommendas a aviar na cidade. A' hora de partir surgiam aproveitadores com listinhas de miudezas, ou moleques com recados.

— Sinhá disse assim p'r'a suncê comprar tres carreteis de linha cincoenta, um papel de agulhas, uma peça de cadarço branco, cinco maços de grampo miudo e, se sobejar um tostão, p'ra trazer uma bala de apito p'ra são Juquinha.

Muitas vezes todos aquelles artigos existiam em Itaóca, um tantinho mais caros, porém; o encommendal-os fôra visava apenas a economia do tostão da bala de apito.

— Sim senhor, sim senhor!...

Não lhe escapava da bocca outra palavra, embora o exasperasse a continuada repetição do abuso.

Além das pequenas encomendas, pouco trabalhosas, surgiam outras, de vulto, como levar um cavallo arreado ao sr. Fulano que vinha em tal dia, acompanhar a mulher de Etcetrano, e que taes. A Tiburcia, cozinheira preta do collector, cada vez que ia de férias descansar á cidade, era o Biriba o indicado para conduzi-la.

Foi como o conheci, guardando costas á amazonas. De viagem para Itaóca, a meio caminho tópo um homem encavalgado na mais avariada egua que jámais viram meus olhos. A' garupa iam malas do correio e varios picuás; no sant'antonio, mais picuás, além d'uma vassoura nova, enganchada nos arreios, com a palha para cima. Estava parado, em attitude idiotizada, segurando pelo cabresto um cavallinho de silhão. Abordei-o, pedindo fogo. Acceso o cigarro, indaguei de quem montava a cavalgadura vazia.

— “Não vê” que estou acompanhando a dona Engracia, que é parteira em Itaóca. Ella apeou um bocadinho e...

Ouvi rumor atraz: sahia do matto uma mulheraça rubida, de saias tufadas de gomma, tendo na cabeça um toucadinho coevo de S. M. Fidelissima... Para não vexal-a puz-me a caminho, não sem, voltando a cara de soslaio, regalar-me com os apuros do estafeta para entalar sobre as andilhas as sete arrobas da parteira alliviada.

E descomposturas...

— Sêo Biriba, não foi linha quarenta que eu encommendei. O senhor parece bôbo!

Quando a fazenda era má:

— Não viu que a chita desbotava? Que moda!

Doia-lhe, sobretudo, carretear para a execravel gente da opposição. O coronel contrario não se pejava de, por intermedio de terceiro, neutro ou opposicionista encapotado, abusar da bôa fé do martyr.

Lembrava-se Biriba, com dôr d'alma, de um bóde de raça que lhe déra grandes trabalhos pelo caminho — e varias marradas de lambuja; afinal, chegando, verificou que vinha destinado ao inimigo.

Toda a gente gosou do caso entre espirros de riso e galhofa.

— E' um "pax-vobis" este Biriba! Trazer o bóde da opposição! Quiá! Quiá! Quiá!

Estas e outras foram-lhe azedando os figados e visceras circumvizinhas. Biriba emmagreceu. Biriba amarellou.

A egua, coitada, perdeu a feição cavallar. Seu lombo sellara em meia lua, de modo que por um nadinha não raspavam o chão os pés do cavalleiro. Montado, Biriba afundava. Sua cabeça cahia quasi ao mesmo nivel d'uma linha tirada da anca ás orelhas da egua. Horrendamente pisada, a bicha trazia nos olhos permanentes lagrimas de dôr; mas em vez de tanta mazella mover ao dó os corações duros dos itaóquenses, regalava-os, e eram chufas sem fim e piadas idiotas acerca do "Estafeta da Triste Figura mais a sua Bucephala", como os baptisou um engraçado local.

Lazarento como elles, só o Cunegundes cachorro sem dono, coberto de sarna, que perambulava a esmo pela cidade, fugindo a moscas e pontapés. Pois não lhe mudaram o nome para Biribinha? Cachorrada!

Não tardou viesse o governo dar sua voltinha ao torniquete, cortando dez mil réis no ordenado dos estafetas, para salvar-se em certa ocasião de apuros financeiros. E salvou-se, esta é que é!...

Roupa no fio. A' entrada das chuvas uma alma caridosa presenteou Biriba com uma velha capa de borracha; mas ao primeiro aguaceiro o presenteado verificou que tal capote vasava como peneira, de modo a peorar-lhe a situação com a sobrecarga d'um panejamento absorvedor de varios litros d'agua.

Biriba, perdida a paciencia, murmurou.

Ai! Soube-o logo o chefe e fel-o vir a contas.

— E' certo que o senhor me anda arrenegando do emprego que lhe demos? Queria, acaso, ser eleito senador ou vice-presidente? Um pedaço de porcalhão que andava ahi lambendo embira, morre não morre de fome, passa, por generosidade nossa, a occupar um cargo federal, com direito a aposentadoria, ordenado relativamente bom (aqui Biriba tossiu um... "Sim senhor"), encontra todas as facilidades, recebe um bom animal, e ainda se queixa? Que quer, então, Vossa Excellencia?

Biriba entumescceu-se de coragem e declarou querer uma coisa só: a demissão. Estava doente, surradissimo, ameaçado de perder de um momento para outro a egua e as nadegas. Queria mudar de vida.

— Muda-se, então, de vida, assim, do pé para a mão? Quer abandonar os amigos? E a disciplina partidaria, onde fica, meu caro palerma?

Não convinha a ninguém a sahida do Biriba.

Quem, mais serviçal? Lembravam-se dos estafetas anteriores, malcriados, inimigos de trazer um papel d'agulhas fosse para quem fosse. Não sahiria. Itaóca impunha-lhe o sacrificio.

Mas a tortura do diario chocalhar por sete leguas das visceras do Biriba acabou por desconjuntar nelle o cimento da lealdade partidaria. O martyr abriu os olhos. Lembrou-se com saudades dos ominosos tempos do coronel Evandro, das delicias do botequim e até do calamitoso periodo de degradação phosphorica. Peorara após a victoria, não havia duvida.

Este livre exame de consciencia — crêde-me — foi o inicio da quêda do coronel Fidencio. Biriba, o firme esteio, apodrecia pelo nabo. Viria abaixo e com elle a cumieira do pardieiro politico. Na sua alma vascolejada, a vibora da traição armou ninho...

Como o novo pleito se aproximasse, nova victoria seria para o estafeta novo triennio de martyrio. Biriba ponderou de si para sua egua que a salvação de ambos estava na derrota. Demittiam-no e elle, veterano e martyr do fidencismo, continuaria com jus ao apoio do partido, sem padecer por via coccygeana o contacto odioso das sete horas diarias de socado.

Deliberou trahir.

Na vespera da eleição incumbira-o Fidencio de trazer da cidade um papel importantissimo pa-

ra o tribofe das urnas. Sei lá o que era! Um “papel”. A palavra “papel”, dita assim em tom de mysterio, traz no bojo “coisas”...

Não pesco de eleições. Não sei positivamente se um “papel”, que não o hygienico, terá forças para decidir d’essas almorreimas sociaes. Sei, porém, que tudo dependia do “papel”, e tanto que a missão do Biriba era secreta. Fidencio frisou a gravidade da incumbencia — a maior prova de confiança jámais dada a um cabo eleitoral.

— Veja lá! A nossa sorte está nas suas mãos. Isto é que é confiança, hein?

Partiu Biriba. Recebeu na cidade o “papel” e rodou para traz.

A meio caminho, porem, tomou uma errada, foi ter á biboca d’um negro velho, soltou a egua e pegou de prosa com o gorilha. Cahiu a noite e Biriba deixou-se ficar. Alvoreceu o dia seguinte, e Biriba quieto. Dez dias se passaram assim. Ao cabo, arreou a egua, montou e botou-se para Itaóca como se nada houvera acontecido.

Foi um assombro a sua apparição. Baldadas as tentativas para apanhal-o no dia do pleito, e nos posteriores, deram-no todos como papado pelas onças, elle, egua, mala postal e “papel”. Vel-o agora surgir, sãozinho e socegado, foi um abrir de bocca e um pasmar á villa inteira. Que foi? Que não foi?

Biriba, a todas as perguntas, armava na cara a suprema expressão da idiotia. Nada explicava. Não sabia de nada. Somno cataleptico? Feitiço? Não comprehendia o succedido. Afigurava-se-lhe ter partido na vespera e estar de volta no dia certo.

Ficaram todos maravilhados, com asneissimas caras.

Fidencio delirava na cama, com febre cerebral. Perdera a eleição redondamente. “Derrota fedida”, arrotavam os do Evandro, atuchando foguetes de assobio.

Em consequencia do inexplicavel eclipse do estafeta, senhoreou-se do rebenque o ex-ominoso Evandro.

Começou a derrubada. O olho da rua recebeu em seu seio tudo quanto cheirava a fidencismo.

A vassoura da demissão, porém, poupou a... Biriba.

O novo cacique aproximou-se d'elle e disse:

— Demitti toda a canalha, Biriba, menos a você. Você é a unica coisa que se salva da quadilha do Fidencio. Fique sossegado que do seu lugarzinho ninguem o arranca, nem que o céu chova torqueses.

Biriba, pela derradeira vez em Itaóca, balbuciou o “Sim senhor”. A’ noite deu um beijo no focinho da egua e sahiu de casa pé ante pé. Ganhou a estrada e sumiu-se.

E nunca mais ninguem lhe poz a vista em cima...

O COMPRADOR DE FAZENDAS

Peor fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinara tres donos, o que fazia dizer aos pragueiros: — Espiga é que aquillo é!

O detentor ultimo, um David Moreira de Souza, arrematara-a em praça, convicto de negocio da China; mas lá andava, tambem elle, escalavrado de dividas, coçando a cabeça, num desanimo...

Os cafezaes em vara, anno sim, anno não, batidos de saraiva ou esturrados pela geada, nunca deram de si colheita de entupir tulha. Os pastos ensapezados, enguaxumados, ensamambaiados nos tópes, eram acampamentos de cupins com entre-meios de macegas mortças, formigantes de carrapatos. Boi entrado ali punha-se logo de costellas á mostra, encaroçado de bernes, triste e dolorido de metter dó.

As capoeiras, substitutas das mattas nativas, revelavam pela indiscreção das tãbocas a mais safada das terras seccas. Em tal solo a mandioca bracejava a medo varetinhas nodosas; a canna cayanna assumia aspecto de canninha, e esta virava um taquariço magrela que passava incolume por entre os cylindros moedores.

Piolhavam os cavallos. Os porcos escapos á peste encruavam na magrém pharonica das vaccas egypcias.

Por todos os cantos imperava soberano o ferão das saúvas, dia e noite entregues á tosa dos capins para que, em Outubro, se toldasse o céu de nuvens de içás, em saracoteios amorosos com enamorados savitús.

Caminhos por fazer, cercas no chão, casas d'aggregados engotteiradas, combalidas de cumieira, renunciando feias taperas.

Até na moradia senhorial insinuava-se a breca, aluindo pannos de reboco, carcomendo assoalhados. Vidraças sem vidro, mobilia capengante, paredes lagarteadas... intacto, que é que havia lá?

Dentro dessa esborcinada moldura, o fazendeiro, avelhuscado por força de successivas decepções e, a mais, roído pelo cancro voraz dos juro, sem esperança e sem concerto, coçava cem vezes ao dia o redemoinho capillar da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre dona Izaura, perdido o viço do outono, agrumava na cara quanta sarda e pé de gallinha inventam os annos de mãos dadas á trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, sahira-lhes um pulha, amigo de erguer-se ás dez, ensebar a pastinha até ás onze e consumir o resto do dia em namoriscos mal azarados.

Afóra este malandro, tinham a Zilda, então nos dezesete, menina galante, porém sentimental mais do que manda a razão e pede o socego dos paes. Era um ler Escrich, a rapariga, e um scismar amores d'Hespanha...

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita para respirar a salvo das hypothecas. Era difficil, entretanto, em quadra de café a cinco mil réis, pôr unhas num tolo das dimensões requeridas. Illudidos por annuncios manhosos alguns pretendentes já haviam abicado ao Espigão; mas todos franziram o nariz, indo-se a arrenegar da pernada, sem abrir offerta.

— De graça é caro! cochichavam de si para comsigo.

O redemoinho capillar do Moreira, ao cabo de coçadelas, suggeriu-lhe uma engenhosa traça mystificatoria: entreverear de cahetés, cambarás, unhas de vacca e outros padrões de terra boa, transplantados das vizinhanças, a fimbria das capoeiras e uma ou outra entrada accessivel aos visitantes. Fel-o, o maluco, e mais: metteu em certa grota um páu d'alho importado da terra roxa, e adubou os cafeeiros margeantes ao caminho, o sufficiente para encobrir a mazela do resto.

Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vicio da terra, ali o allucinado velho botava a peneirinha...

Um dia recebeu carta do seu agente de negocios, annunciando um novo pretendente: "Você tempere o homem, aconselhava o pirata, e saiba manobrar os padrões que este cae. Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de recreio. Tudo depende de você espigal-o com arte de barganhista ladino".

Preparou-se Moreira para a empresa. Advertiu primeiro aos aggregados para que estivessem a postos, afiadissimos de lingua.

Industriados pelo patrão, estes homens respondiam com manha consummada ás perguntas dos visitantes, de geito a transmutar em maravilhas as ruindades locaes.

Os pretendentes, como lhes é suspeita a informação dos proprietarios, costumam interrogar á socapa os encontradiços. Ali, se isso acontecia — e acontecia sempre, porque era o Moreira em pessoa o machinista do acaso — havia dialogos desta ordem:

— Gêa por aqui?

— Coisinha, e isso mesmo só em anno bravo.

— O feijão, dá bem?

— Nossa! Inda este anno plantei cinco quartas e malhei cincoenta alqueires. E que feijão!

— Berneia o gado?

— Qual o que! Lá um ou outro carocinho, de vez em quando. Para criar, não ha melhor. Nem herva, nem feijão bravo (1). O patrão é porque não tem forças. Tivesse elle os meios e isto virava um fazendão.

Avisados os espoletas, discutiram-se á noite os preparativos da hospedagem, alegres todos com o revicar das esperanças emmurchecidas.

— Estou com palpite que desta feita a “coisa” vae! disse o filho maroto. E declarou necessitar, á sua parte, de tres contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se com quê? perguntou, admirado, o pae.

(1) Plantas veneñosas para o gado.

— Com armazem de seccos e molhados, na Volta Redonda...

— Na Volta Redonda!... Já me estava espantando uma idéa boa nessa cabeça de vento. Para vender fiado á gente da Tudinha, não é?

O rapaz, se não corou, calou-se: tinha razões para isso.

Já a mulher queria casa na cidade. De ha muito trazia d'olho uma de porta e janella, em certa rua modesta, casa baratinha, d'arranjados.

Zilda, um piano — e caixões e mais caixões de Escrich...

Dormiram felizes essa noite e no dia seguinte mandaram cedo á villa buscar gulodices de hospedagem — manteiga, um queijo, biscoitos.

Na manteiga houve vacillações.

— Não vale a pena! riguingou a mulher. Sempre são tres mil réis. Antes se comprasse com esse dinheiro a peça de algodãozinho que tanta falta me faz.

— E' preciso, filha! Ás vezes uma coisa de nada engambela um homem e facilita um negocio. Manteiga é graxa — e graxa engraxa...

Venceu a manteiga.

Emquanto não vinham os ingredientes, metteu dona Izaura unhas á casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto dos hospedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitôa manquitola; temperou a massa do pastel de palmito, e estava a folheal-a quando:

— “Ei vem” elle! gritou Moreira da janella, onde se postara desde cedo, muito nervoso, a de-

vassar a estrada por um velho binoculo; e sem deixar o posto de observação foi transmittindo á occupadissima esposa os pormenores divisados.

— E' moço... Bem trajado... Chapéu panamá... Parece o Chico Canhambora...

Chegou, afinal, o homem. Apeou-se. Deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhaes Fagundes. Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante mais do que quantos até ali approaram á Espiga.

Contou logo mil coisas, com o desembaraço de quem no mundo está de pijama em sua casa — a viagem, os incidentes, um mico que vira pendurado num galho d'embaúva.

Entrados que foram para a saleta de espera, Zico, incontinenti, grudou-se d'ouvido ao buraco da fechadura, a cochichar d'ali para as mulheres occupadas na arrumação da mesa o que ia pilhando á conversa.

Subito, esganiçou para a irmã, numa careta suggestiva:

— E' solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres e sumiu-se.

Meia hora depois reaparecia, trazendo o melhor vestido e no rosto duas redondinhas rosas de carmim.

Quem a ess'hora penetrasse no oratorio da fazenda notaria, nas vermelhas rosas de papel de seda que enfeitavam o Santo Antonio, a ausencia de varias petalas, e aos pés da imagem uma velinha accesa. Na roça, o "rouge" e o casamento saem do mesmo oratorio...

Trancoso dissertava sobre variados themas agricolas.

— O canastrão? Pff! Raça tardia, muito agres-te. Eu sou pelo Poland China. Tambem não é mau, não, o Large Black. Mas o Poland! Que preciosidade! Que raça!

Moreira, chucro na materia, só conhecedor das pelhancas famintas, sem nome, nem raça, que lhe grunhiam nos pastos, abria insensivelmente a bocca pasmada.

— Como em materia de pecuaria bovina, continuou Trancoso, tenho para mim que, de Barreto a Prado, andam todos erradissimos. Pois não! Er-ra-di-ssi-mos! Nem selecção, nem cruzamento. Quero a adopção im-me-di-a-ta das mais finas raças, o Polled Angus, o Red Lincoln. Não temos pasto? Façamol-os. Plantemos alfafa. Fenemos. Ensi-lemos. O Assis (1) confessou-me uma vez...

O Assis! Aquelle homem confessava os mais altos paredros da agricultura! Era intimo de todos elles — o Prado (2) o Barreto, (3) o Cotrim, (4) ... E de ministros! “Eu já alleguei isso ao Bezerra (5) ...”

Nunca se honrara a fazenda com cavalheiro mais distincto, assim bem relacionado e tão viajado. Falava da Argentina e de Chicago como quem veio hontem de lá. Maravilhoso!

(1) Assis Brasil; (2) Antonio Prado; (3) Luiz Pereira Barreto; (4) Eduardo Cotrim, homens de muita autoridade em assumptos de pecuaria, na época; (5) José Bezerra, ministro da Agricultura.

A bocca de Moreira foi abrindo e accusava o gráu maximo da abertura permittida a angulos maxillares, quando uma voz feminina annunciou o almoço.

Apresentações.

Mereceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puzeram de coração aos pinotes.

Tambem os teve a gallinha ensopada, o tútú com torresmos, o pastel e até a agua do póte.

— Na cidade, senhor Moreira, uma agua assim, pura, crystallina, absolutamente potavel, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebel-a!

A familia entreolhou-se: nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e cada um insensivelmente sorveu o seu golezinho, como se naquelle instante travassem conhecimento com um precioso nectar. Zico chegou a estalar a lingua...

Quem não cabia em si de goso era dona Izaura. Os elogios á sua culinaria puzeram-na rendida; por metade d'aquillo já se daria por bem paga da trabalhadeira.

— Aprende, Zico, cochichava ella ao filho, o que é educação fina. Isto é que é ser gente!

Após o café, brindado com um "delicioso!" convidou Moreira o hospede para um gyro a cavallo.

— Impossivel, meu caro, não monto em seguida ás refeições; dá-me cephalaria.

Zilda corou. Zilda corava sempre que não entendia uma palavra.

— A' tarde sairemos, não tenha pressa. Prefiro agora um passeiozinho pedestre pelo pomar — a bem do chylo.

Emquanto os dois homens, em pausados passos, para lá se dirigiam, Zilda e Zico correram ao dictionario.

— Não é com S, disse o rapaz.

— Veja com C, alvitrou a menina.

Com algum trabalho encontraram a palavra.

— “Dôr de cabeça!” Ora! Uma coisa tão simples...

A' tarde, no gyro a cavallo, Trancoso admirou e louvou tudo quanto os olhos viram, com grande espanto do fazendeiro que, pela primeira vez, ouvia gabos a coisas suas.

Os pretendentes em geral malsinam de tudo, com olhos voltados só para os defeitos; ante uma barroca, abrem-se em exclamações quanto ao perigo das terras frouxas; acham más e poucas as aguas; se enxergam um boi, não despegam a vista dos bernes.

Trancoso, não! Gabava! E quando Moreira, nos trechos mystificados, com o dedo tremulo assignalou os padrões, o moço abriu a bocca.

— Caquéra? Mas isto é fantastico!...

Em face do páu d'alho culminou-lhe o assombro.

— E' maravilhoso o que vejo! Nunca suppuz encontrar nesta zona vestigios de semelhante arvore! disse, mettendo na carteira uma folha como lembrança.

Em casa abriu-se para a velha.

— Pois, minha senhora, a qualidade destas terras excedeu de muito á minha expectativa. Até páu d'alho! Isto é positivamente famoso!...

Dona Izaura baixou os olhos. A scena passava-se na varanda. Era noite. Noite trilhada de grillos, coaxada de sapos, com muitas estrellas no céu e muita paz na terra.

Trancoso, refestelado numa preguiçosa, transfez o sopor da digestão em quebreira poetica.

— Este cri-cri de grillos, como é encantador! Eu adoro as noites estrelladas, o bucolico viver campezino, tão sadio e feliz!...

-- Mas é muito triste!... aventurou Zilda.

— Acha? Gosta mais do canto estridente da cigarra, modulando cavatinas em plena luz? disse elle, amelaçando a voz. E' que no seu coraçãozinho ha qualquer nuvem a sombreal-o...

Vendo Moreira assim aticado o sentimentalismo, e desta feita passivel de consequencias matrimoniaes, houve por bem dar uma pancada na testa e berrar: "Oh, diabo! Não é que eu ia me esquecendo do..." Não disse do que, nem era preciso. Sahiu precipitadamente, deixando-os sós...

Continuou o dialogo, mais mel e rosas.

— O senhor é um poeta! exclamou Zilda a um regorgeio dos mais sucados.

— Quem o não é, debaixo das estrellas do céu, ao lado d'uma estrella da terra?

— Pobre de mim! suspirou a menina, palpitante.

Tambem do peito de Trancoso subiu um suspiro. Seus olhos alçaram-se a uma nuvem que fazia no céu as vezes da Via Lactea, e sua bocca murmurou em soliloquio um rabo d'arraia, desses que derrubam meninas:

— O amor!... A via lactea da vida!... O aroma das rosas, a gaze da aurora! Amar, ouvir estrellas... Amai, pois só quem ama entende o que as estrellas dizem!

Era zurrapa de contrabando; não obstante, ao paladar inexperto da menina soube a fino moscatel. Zilda sentiu subir á cabeça um vapor. Quiz retribuir. Deu busca aos ramilhetes rhetoricos da memoria em cata da flôr mais bella. Só achou um bogari humilimo.

— Lindo pensamento para um cartão postal! disse.

Ficaram no bogari; o café com bolinhos de frigideira veio interromper o idyllio nascente.

Que noite, aquella! Dir-se-ia que o anjo da felicidade distendera suas asas de ouro por sobre a casa triste. Via Zilda realizar-se todo o Escrich deglutido. D. Izaura gosava da possibilidade de casar-a rica. Moreira sonhava quitações de dividas com sobras fartas a tilintar-lhe no bolso. E Zico, transfeito imaginariamente em commerciante, ficou a noite inteira, em sonhos, á gente da Tudinha, que, captiva de tanta gentileza, lhe concedia afinal a ambicionada mão da pequena.

Só Trancoso dormiu o somno das pedras, sem sonhos, nem pesadelos. Que bom ser rico!

No dia immediato visitou o resto da fazenda, cafezaes e pastos, examinou criação e bemfeitorias; e como o gentil mancebo continuasse no enlevo, Moreira, deliberado na vespera a pedir quarenta contos pela Espiga, julgou de bom aviso elevar o preço.

Após a scena do páu d'alho, suspendeu-o mentalmente para quarenta e cinco; findo o exame do gado, já estava em sessenta. E assim, quando foi abordada a magna questão, o velho declarou corajosamente, na voz firme de um "alea jacta":

— Sessenta e cinco! — e esperou de pé atraz a ventania.

Trancoso, porém, achou razoavel o preço.

— Pois não é caro, disse, está um preço mais moderado do que suppuz.

O velho mordeu os labios e tentou emendar a mão.

— Sessenta e cinco, sim, mas... o gado fóra!...

— E' justo, respondeu Trancoso.

— ... e fóra tambem os porcos!...

— Perfeitamente.

— ... e a mobilia!

— E' natural.

O fazendeiro engasgou; não tinha mais o que excluir e confessou-se de si para comsigo que era uma cavalgada. Porque não pedira logo oitenta?

A mulher, informada do caso, chamou-lhe "pax-vobis".

— Mas, criatura, por quarenta já era um negocio!

— Por oitenta seria o dobro melhor. Não se defenda. Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e sarambé. E' do sangue. Você não tem culpa.

Amuaram um bocado, mas a ansia de architectar castellos com a imprevista dinheirama varreu para longe a nuvem.

Zico aproveitou a aura para insistir nos tres contos do estabelecimento — e obteve-os.

Dona Izaura desistiu da tal casinha. Lembra-va agora outra maior, em rua de procissão — a casa do Eusebio Leite.

— Mas essa é de doze contos, advertiu o marido.

— Mas é outra coisa do que não é aquelle casebre! Muito bem repartida. Só não gosto da alcova pegada á copa; muito escura...

— Abre-se uma claraboia.

— Tambem o quintal precisa de reforma; em vez do cercado de gallinhas...

Até noite alta, enquanto não vinha o somno, foram remendando a casa, pintando-a, transformando-a na mais deliciosa vivenda da cidade.

Estava o casal nos ultimos retoques, dorme-não-dorme, quando Zico bateu á porta.

— Tres contos não bastam, meu pae; são precisos cinco. Ha a armação, de que não me lembrei, e os direitos, e o aluguel da casa, e mais coisinhas...

O pae concedeu generosamente seis, entre dois bocejos.

E Zilda?

Essa vogava em alto mar d'um romance de fadas.

Deixemol-a vogar.

Chegou enfim o momento da partida. Trancoso despediu-se. Sentia muito não poder prolongar a deliciosa estada, mas interesses de monta chamavam-no. A vida do capitalista não é tão livre como parece... Quanto ao negocio, considerava-o quasi feito; daria a palavra definitiva dentro de semana.

Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos — gostara muito da raça de gallinhas criada ali; e um saquito de carás — petisco de que era mui guloso.

Levou ainda uma bonita lembrança, o rosilho do Moreira, o melhor cavallo da fazenda. Tanto gabara o animal durante os passeios, que se viu o fazendeiro na obrigação de recusar uma barganha proposta e dar-lh'o de presente.

— Vejam vocês! disse Moreira, resumindo a opinião geral. Moço, riquissimo, direitão, instruido como um doutor e no entanto amavel, gentil, incapaz de torcer o focinho como os pulhas que cá têm vindo. O que é ser gente!

A' velha agradara sobretudo a semcerimonia do joven capitalista. Levar ovos e carás! Que mimo!

Todos concordaram, louvando-o cada um a seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil ricaço preocupou a casa durante a semana inteira.

Mas a semana transcorreu sem que viesse a resposta ambicionada. E mais outra. E outra ainda.

Escreveu-lhe Moreira, já apprehensivo, e nada.

Lembrou-se d'um amigo morador na mesma cidade e mandou carta pedindo que obtivesse do capitalista a solução definitiva. Quanto ao preço, abatia alguma coisa. Dava a fazenda por cinquenta e cinco, cinquenta e até por quarenta, com criação e mobília.

O amigo respondeu sem demora. Ao rasgar do envelope, os quatro corações da Espiga pulsaram violentamente: aquelle papel encerrava o destino de todos.

Dizia a carta: "Caro Moreira. Ou muito me engano ou estás illudido. Não ha por aqui nenhum Trancoso Carvalhaes, capitalista. Ha o Trancosinho, filho da Nha Véva, vulgo Sacatrapo. E' um espertalhão que vive de barganhas e sabe illudir aos que o não conhecem. Ultimamente tem corrido o Estado de Minas de fazenda em fazenda, sob varios pretextos. Finge-se ás vezes comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a caceteal-o com passeios pelas roças e exames de divisas; come e bebe do bom, namora as criadas, ou a filha, ou o que encontra — é um vassoura de marca! — e no melhor da festa some-se. Tem feito isto um cento de vezes, mudando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife. Como aqui Trancoso só ha este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora o Sacatrapo a comprar fazenda! Tinha graça..."

Moreira cahiu numa cadeira, aparvalhado, com a carta sobre os joelhos. Depois o sangue lhe avermelhou as faces e seus olhos chisparam.

— Cachorro!

As quatro esperanças da casa ruíram com fragor, entre lagrimas da menina, raiva da velha e colera dos homens.

Zico propoz-se a partir incontinenti na piugada do biltre, afim de quebrar-lhe a cara.

— Deixa, menino! O mundo dá voltas. Um dia cruzo-me com o ladrão e justo contas.

Pobres castellos! Nada mais tristes que estes repentinos desmoronamentos de illusões. Os formosos palacios d'Hespanha, erigidos durante um mez á custa da mirífica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias. Dona Izaura chorou até os bolinhos, a manteiga e os frangos.

Quanto a Zilda, o desastre operou como pé de vento através de paineira florida. Cahiu de cama, febricitante. Encovaram-se-lhe as faces. Todas as passagens tragicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memoria; reviu-se na victima de todos elles. E dias a fio pensou no suicidio.

Por fim, habituou-se á idéa e continuou a viver. Teve azo de verificar que isto de morrer d'amores, só em Escrich.

Acaba-se aqui a historia — para a platéa; para as torrinhas segue ainda por meio palmo. As platéas costumam impar umas tantas finuras de bom gosto e tom, muito de rir; entram no theatro depois de começada a peça e saem mal as ameaça o epilogo.

Já as galerias querem a coisa pelo comprido, a geito de aproveitar o rico dinheiro até ao derra-deiro real. Nos romances e contos pedem esmiuçamento completo do enredo, e se o autor, levado

por formulas de escola, lhes arruma para cima, no melhor da festa, com a caudinha reticenciada a que chama nota impressionista, franzem o nariz. Querem saber — e fazem muito bem — se Fulano morreu, se a menina casou e foi feliz, se o homem afinal vendeu a fazenda, a quem e por quanto.

Sã, humana e respeitabilissima curiosidade!

— Vendeu a fazenda o pobre Moreira?

Pesa-me confessal-o: não! E não a vendeu por artes do mais inconcebível qui-pro-qué de quantos tem armado neste mundo o diabo — sim, porque afóra o tihoso quem é capaz de intrincar os fios da meada, com laços e nós cegos, justamente quando vae a feliz remate o croché?

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cincoenta contos na loteria. Não se riam. Porque motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e elle tinha no bolso um bilhete? Ganhou os cincoenta contos, dinheiro, para um pé-atraz d'aquella marca, significativo de grande riqueza.

De posse da maquia, após semanas de tonteira deliberou afazendar-se. Queria tapar a bocca ao mundo realizando coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda.

Correu em revista quantas visitara durante os annos de malandragem, propendendo, afinal, para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha e a idéa de metter na administração ao sogro, de geito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada pelo amor da Zilda e pelos requintes culinarios da sogra.

Escreveu, pois, ao Moreira, annunciando-lhe a volta, afim de fechar o negocio.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de colera com entremeio de bufos de vingança.

— E' agora! disse o velho. O ladrão gostou da pandega e quer repetir a dose. Mas desta feita curo-lhe a balda, ora se curo! concluiu, esfregando as mãos no antegoso da vingança.

No murcho coração da pallida Zilda, entretanto, bateu um raio de esperança. A noite de su'alma alvorejou ao luar de um "Quem sabe?"

Não se atreveu, todavia, a arrostar a colera do pae e do irmão, concertados ambos num tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Accendeu outra velinha a Santo Antonio...

O grande dia chegou. Trancoso rompeu pela fazenda, caracolando o Rosilho.

Desceu Moreira a esperal-o em baixo da escada, de mãos ás costas.

Antes de soffrear as redeas, já o amavel patife abria-se em exclamações...

— Ora viva, caro Moreira! Chegou emfim o grande dia. Desta vez, compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre apeasse e, mal Trancoso, lançando as redeas, dirige-se para elle de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o jaleco um rabo de tatú e rompe-lhe para cima com impeto de queixada.

— Queres fazenda, grandissimo tranca! Toma, toma fazenda, ladrão! — e lepte, lepte, finca-lhe rijas rabadas colericas.

O pobre rapaz, tonteado pelo imprevisto da agressão, corre ao cavallo e monta ás cegas, de passo que Zico lhe sacode no lombo nova série de lambadas de aggravadissimo ex-quasi-cunhado.

Dona Izaura atíça-lhe cães:

— Péga, Brinquinho! Férra, Joli!

O mal azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de espóras e foge a toda, sob uma chuva de insultos e pedras.

Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir entre a grita os desafôros esganiçados da velha:

— Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma! Em outra não has de cahir, ladrão de ovo e cará!...

E Zilda?

Atraz da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em nuvens de pó, o cavalleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora, perdia assim naquelle dia o unico negocio bom que durante a vida inteira lhe deparara a Fortuna: o duplo descarte — da filha e da Espiga...

OS PHAROLEIROS

— Navio?

Dava azo á duvida uma luz vermelha, a piscar na escuridão da noite. Escuridão, não direi de breu, que não é o breu de sobejo escuro para referir um negror daquelles. De cégo de nascença, vã.

Céu e mar fundia-os um só carvão, sem festa nem pique além da pinta vermelha que, subito, se fez amarella.

— Lá mudou de côr, é pharol.

E, como era pharol, a conversa recahiu sobre pharóes.

Eduardo interpellou-me de chofre sobre a idéa que eu delles fazia.

— A idéa de toda gente, ora essa!

— Quer dizer, uma idéa falsa. “Toda a gente” é um monstro com orelhas d’asno e miolos de macaco, incapaz d’uma idéa sensata sobre o que quer que seja. Tens na cabeça, respeito a pharol, uma idéa de rua, recebida do vulgo e nunca recunhada na matriz das impressões pessoas. Érrro?

— Confesso-me capaz de abrir a bocca a um auditorio de casaca, se me dêsse na telha discursar

sobre o thema, mas não afianço que o pharol descripto viesse a parecer-se com algum.

— Pois eu te asseguro, sem fazer pouco do teu engenho, que tal conferencia, ouvida por um pharoleiro, poria o homem de olho parvo, a dizer como o outro: Se percebo, sebo!

— Acredito. Mas perceberia melhor uma tua? retorqui abespinhado.

— E' de crer. Já vivi uma temporada inesquecível no pharol dos Albatrozes e falaria de cadeira.

— Viveste em pharol!... exclamei com espanto.

— E lá fui comparsa numa tragedia nocturna de arrepiar os cabellos. O escuro desta noite evoca-me o tremendo drama...

Estavamos ambos de bruços na amurada do "Orion", em hora propicia ao esbagoar d'um dramalhão inedito. Esporeado na curiosidade, proveiquei-o.

— Vamos ao caso, que estes negrumes clamam por espectros que o povoem. E' calamidade á Shakespeare ou á Ibsen?

— Assigna o meu drama um nome maior que o de Shakespeare...

— ???

— ... a Vida, meu caro, a grande mestra dos Shakespeares maiores e menores.

Eduardo começou do principio.

— O pharol é um romance. Um romance iniciado na antiguidade com as fogueiras armadas nos promontorios para norteio das embarcações de remo e continuado seculos em fóra, até aos nossos

possantes holophotes electricos. Enquanto subsistir no mundo o homem, o romance "Pharol" não conhecerá epílogo. Monotono como as calmarias, embrecham-se nelle, a espaços, capitulos de tragedia e loucura — pungentes gravuras de Doré quebrando a monotonia de um diario de bordo.

O caso dos Albatrozes foi um delles.

Gerebita metteu-se no pharol aos vinte e tres annos. E' raro isso.

— Quem é Gerebita?

— Sabel-o-ás em tempo. E' raro isso porque no geral só se mettem nas torres homens maduros, quarentões batidos pela vida e descrentes das suas illusões.

Deixar a terra na quadra verdolenga dos vinte annos é apavorante. A terra!... Nós mal damos tento da nossa profunda adaptação ao meio terreno. A sua fixidez, o variegado de aspectos, o bulicio humano, a cidade, os campos, a mulher, as arvores... Conhecem os pharoleiros melhor do que ninguem o valor dessas teias.

Enlurados num bloco de pedra, tudo quanto para nós é sensação de todos os instantes, nelles é saudade ou desejo. Cessam os ouvidos de ouvir a musica da terra, rumorejos de arvoredos, vozes amigas, barulho de rua, as mil e uma notas d'um polyphonia que nós sabemos que o é, e encantadora, unicamente quando a segregação prolongada nos ensina a lhe conhecer o rythmo. Cessam os olhos de rever as imagens que desde a meninice lhes são habituaes. Para os ouvidos só ha ali, dia e noite, anno e anno, o marulho das vagas ás chicotadas no enrocamento da torre, e para a

vista, a eterna massa que ondula, ora torva, ora azul. Variante unica trazem as velas que passam de largo, donairosas como garças, ou os transatlanticos pennachados de fumo.

Figura tu a vida de um homem arrancado á querencia e assim posto, qual galé, dentro d'uma torre de pedra grudada como craca a um ilhéu. Terá poesia de longe; mas de perto é allucinante.

— Mas o Gerebita...

— Uma leitura de Kipling despertara-me a curiosidade de conhecer um pharol por dentro.

— “O perturbador do trafego”?

— Parabens pela argucia. Foi justamente a historia do Dowse o ponto inicial do meu drama. Esse desejo incubou-se-me cá dentro á espera d'ocasião para brotar.

Certo dia fui espairer ao cáes, e lá estava, de mãos ás costas, a seguir o vôo dos João-Grandes e a notar a gamma dos verdes luzentes que a sombra dos barcos ondeia na agua represada dos portos, quando uma lancha abicou, e vi saltar em terra um homem de feições duras e pelle encorreada. Ao passar por pé d'um magote de catraeiros, um delles chasqueou em tom insinuativo:

— “Gerebita, como vae a Maria Rita?

O desembarcadiço rosnou uma palavra de grosso calibre, e seguiu caminho, de sobreceño carregado.

Interessou-me aquelle typó.

— “Quem é? indaguei.

— “Pois quem ha de ser senão o pharoleiro dos Albatrozes? Não vê a lancha?

De facto, a lancha era do pharol. A velha idéa eu-me cotoveladas: E' hora!

Fui-lhe ao encalço.

— “Sr. Gerebital...

O homem entreparou, como admirado de ouvir-se nomear por bocca desconhecida. Emparehei-me com elle e, enquanto andavamos, fui-lhe expondo os meus projectos.

— “Não póde ser, respondeu; o regulamento prohibe “sapos” na torre. Só com ordem superior.

Ora, eu tenho corrido mundo, sei que marosca é essa de ordens superiores. Metti a mão no bolso e cochichei-lhe o argumento decisivo. O pharoleiro reluctou uns instantes, mas corrompeu-se mais de pressa do que suppoz. Guardou o dinheiro e disse:

— “Procure o Dunga, patrão da “Gaivota Branca”, terceiro armazem. Diga-lhe que já falou commigo. De quinta-feira em deante. E bico, hein?

Prometti-lh'o, caladissimo, e tornei ao cães á cata do Dunga. Que sim — foi a resposta do catraeiro, ilhéu palavroso, logo que expuz o negocio — já fizera isso certa vez a “outro maluco” e sabia prender a lingua para não atanzar a vida aos amigos.

E como me informasse do pharoleiro:

— “E' Gerebita, d'appellido ganho no “Purús”, onde serviu como grumete. Ao depois se metteu na lanterna, p'r'amor d'amores, o alarve, como se faltassem ellas por ahi, e bem catitas. Mulheres! A mim é que não me empecem, as songuinhas. O demo que as tolha, que eu...

E foi pelas mulheres além; a dar de rijo, com razões nem melhores, nem peores que as do philosopho Schopenhauer.

No dia aprazado, antemanhã, a “Gaivota” largava de rumo ao pharol. Saltei num atracadouro tosco, de difficil abordagem, e encontrei o pharoleiro occupado em polir os metaes da lanterna. Recebeu-me de boa sombra, largando o esfregão para fazer as honras da casa.

Examinei tudo, dos alicerces ao lanternim, e á hora do almoço já entendia de pharol mais que uma encyclopedia. Gerebita deu trela á lingua e falou do officio com melancholica psychologia. Tambem narrou a sua vida desde menino, a grumetagem no “Purús”, sua paixão pelo mar e, por fim, a entrada para o pharol aos vinte e tres annos de idade.

— “Por que, assim tão moço?

— “Caprichos do coração, má sorte, coisas...” respondeu com ar triste; e accrescentou após uma pausa, mudando de tom:

“Pois a vida é cá isto que vê. Boazinha, hein? Entretanto, boa ou má, temos, os pharoleiros, um orgulho: sem nós, essa bicharada de ferro que passeia n’agua fumando seus dois, seus tres charutos...”

“Lá vem um! — interrompeu-se, fisingando com a luneta uma fumaça remota.

“Bandeira allemã... duas chaminés... rumo sul... Ha de ser um “Cap” — o “Trafalgar”, talvez. Seja lá que diabo fôr, vá com Deus. Mas, como ia dizendo, sem os pharoleiros a manobrar a “optica”, esses comedores de carvão haviam de

rachar atoinha ahi pelos bancos de areia. Basta cahir a cerração e já se põem tontos, a urrar de medo pela bocca das sereias, que é mesmo um cortar a alma á gente. Porque, então, nem pharol, nem caracol. E' a cegueira. Navegam com a morte no leme. Fóra disso, salva-os o foguinho lá de cima. Pouco antes de minha entrada para aqui houve desgraça. Um cargueiro da "Bremen" rachou o bico ali no Capellão... Quem é o Capellão? Ah! ah! ah! O Capellão!... Pois o Capellão é o raio da terceira pedra a boreste. São tres deste lado, a Menina, que é a primeira, a Gurutuba, que é a do meio. A criminosa é o Capellão, que reponta mais ao largo e só mostra a corôa nas grandes vasantes. Cá a bombordo ainda ha duas, a Virgem e a Maldita, onde bateu o cargueiro "Rotterdam".

— "E aquella, lisinha, acolá?

— "Uma coitada que nem nome tem. E' mansa, está muito perto da terra, não faz mal a navio. Ali mora um anequim (1), bichança de tamanho do diabo, que gosta de virar canoas. Mas, aqui para nós, moço, isso é embromação. Peixe mora em todo o mar, não tem toca como bicho de terra. E' abusão de pescador. Quando ha mar, não se enxerga nada por ali; mas se a agua serena, e vem vindo a vasante, vae apparecendo um lombo de pedra lisa, com geito de peixe. Passa um pescador atolambado, vê aquillo de longe. E' anequim! é anequim! e toca a safar, com o medão n'alma. Se acontece embrabecer a agua, e dá temporal e a canôa vira: "Qu'é de Fulano? Tá, tá, tá, foi o ane-

(1) Especie de tubarão.

quim! Toda a gente péga, feito mulher velha: Foi o anequim do pharol! Ora ahi está como são as coisas. Elle ha muito anequim e tintureira (1) por aqui. Onde é mar sem cação? Mas dizer que um tal móra aqui ou ali, isso é embroma.

E na sua pinturesca linguagem de marítimo, que ás vezes se tornava prodigiosamente technica, narrou-me toda a vida daquellas paragens malditas. Falou de como, segundo a tradição, se foram baptizando os arrecifes; falou dos crimes de cada um; das hecatombes periodicas de aves nocturnas que, cegadas pela luz, batem de peito contra os vidros da lanterna, juncando o chão de corpinhos latejantes; das medonhas tormentas nas quaes o pharol estremece como a tiritar de pavor. De que não falou Gerebita, naquelle inesquecivel dia?

— “E o ajudante? Tem-no cá? perguntei.

O rosto do meu pharoleiro mudou de expressão. Vi de relance que eram inimigos.

— “E’ aquelle estupor que lá pesca, disse, apontando da janella um vulto immovel, acorado num penedo. Está a apanhar garoupinhas. E’ o Cabrea. Máu companheiro, máu homem...

Entreparou. Percebi que mascava uma confidencia difficil. Mas a confidencia denunciou-se apenas. Gerebita sacudiu a cabeça e murmurou, como de si para si:

— “Está cá de pouco, e é o unico homem no mundo que não podia cá estar. Já reclamei do capitão do porto, já lhe mostrei o perigo. Mas, qual!...

(1) Especie de tubarão.

Estranha criatura, o homem! Insulados do mundo naquella fragua, ambos naufragos da vida, o odio os separava...

Não faltavam no pharol, entretanto, accomodações para as familias dos seus guardiães. Por que não as tinham ali? Seria um bocado de mundo a lenir as agruras do emparedamento. Interpellei-o. Gerebita retrucou-me de modo enviezado.

— “Familia não tenho, isto é, tenho e não tenho. Tenho, porque sou casado, e não tenho porque... Historias! Estas coisas de familia é bom que fiquem cá com a gente.

Notei de novo que, a pique d’uma revelação, mascava o segredo, por desconfiança ou pudor. Suas feições endureceram. Sombras más annuearam-lhe a physionomia. E mais torvo ainda me pareceu quando Cabrea entrou, sobraçando um balão de pescado. Typo de má cara, passou em direita á cozinha sem nos volver um olhar. Mal se sumiu o bruto, Gerebita exclamou — “Raio do diabo!” assentando num caixote expiatorio um murro de fender pinho. Depois:

— “O mundo é tão grande, ha tanta gente no mundo, e cae-me aqui justamente o unico ajudante que eu não podia ter...

— “Por que?

— “Por que?... Porque... é um louco.

Entre o primeiro e o segundo “porque” notei transição radical. Dubio o primeiro, o segundo afigurou-se-me resolute, como illuminado pelo clarão de uma idéa brotada no momento.

Desde esse dia nunca mais Gerebita abandonou o thema da loucura do outro. Demonstrava-m'a de mil maneiras.

— “E aqui, onde os sãos perdem a tramontana, argumentava, um já assim rachado de telha, aos tres por dois rebenta como bomba em fogueira. Eu jógo que não vára o mez. Não vê seus modos?

Metade por suggestão, metade por observação leviana, razoavel me pareceu a prophecia e, como Gerebita sem cessar malhasse na mesma tecla, acabei por convencer-me de que o casmurro Cabrea era um fadado ao hospicio, com pouco tempo de equilibrio nos miolos.

Um dia Gerebita abordou a questão nestes termos:

— “Quero que o senhor me resolva um caso. Estão dois homens numa casa; de repente, um enlouquece e rompe, como cação esfomeado, para cima do outro. Deve o outro deixar-se matar como um carneiro ou tem o direito de atolar a faca na garganta do bicho?

Por demais clara que era a consulta e respondi como um rabula positivo:

— “Se Cabrea enlouquecesse e o aggredisse, matal-o seria um direito natural de defesa — não havendo soccorro á mão. Matar para não morrer não é crime — mas isto só em ultimo caso, você comprehende.

— “Comprehendo, comprehendo, respondeu-me, distrahidamente, como quem lá segue os volteios d'uma idéa secreta; e, depois de longa pausa: Seja o que Deus quizer — murmurou entre si suspirando e recahindo em scismas.

Deixei-me ficar á janella a ver cahir a tarde. Nada mais triste do que as avemarias no ermo. A tréva espessava as aguas e absorvia no céu os derradeiros pallores da luz. No poente, um leque aluarado vermelhejava nas varetas, com dedadas sangrentas de nuvens a barral-o de listrões horizontaes.

Triste...

A ardosia do mar; as primeiras estrellinhas entreluzindo a medo; o marulho na pedra, tchá, tchá, compassado, eterno...

A alma confrangeu-se-me de angustia. Vi-me naufrago, retido para sempre num navio de pedra, grudado como desconforme craca na pedranceira da ilhota. E pela primeira vez na vida senti profundas saudades dessa coisa sordida, a mais réles de quantas inventou a civilização — o “café”, com o seu tumulto, a sua poeira, o seu bafio a tabaco e a sua freguezia habitual de vagabundissimos “agentes de negocios”.

Correram dias. Minto. No vazio daquelle dis-saborido viver no ermo o tempo não corria — arrastava-se com a lentidão da lesma por sobre chão liso e sem fim. Gerebita tornara-se enfadonho. Não mais narrava pinturescos incidentes da sua vida de marujo. Aferrado á idéa fixa da loucura do Cabrea, só cuidava de demonstrar-me os progressos della. Fóra desse thema sinistro, sua occupação era seguir de olhos os navios que repontavam ao largo, té vel-os sumirem-se na curva das aguas.

Velas, poucas alvejavam, tirante barquinhas de pesca. Mas uma que surgisse lá nos levava os olhos

e a imaginação. Como se casa bem com o mar o barco de vela! E que sordido baratão craquento é ao pé d'elle o navio a vapor!

Escunas, corvetas, pequeninos “cutters”, fragatas, lugres, brigues, hiates... O que lá vae passado de leveza e graça!... Substituem-nas, ás garças leves, feios escaravelhos de ferro e pixe; a ellas, que viviam de brisas, os negros comedores de carvão, bicharocos que mugem roncós de touro enrouquecido.

Progresso amigo, tu és commodo, és delicioso, mas feio...

Que fizeste da coisa linda que é a vela enfundada? Do barco á antiga, onde resoavam canções de maruja, e todo se enleava de cordame, e trazia gageiro na gavea, e lendas de serpentes marinhas na bocca dos marinheiros, e a Nossa Senhora dos Navegantes em todas as almas, e o medo das se-reias em todas as imaginações?

Desfez-se a poesia do reino encantado de Amphitrite ao ronco dos “Lusitanias” — hoteis ambulantes com “garçons” em vez de “lobos do mar”, incaracteristicos, cosmopolitas, sem donaire, sem capitães de suíças, pittorescos no falar como seiscentos milhões de caravelas. O fumo da hulha sujou a aquarella maravilhosa que desde Hannon e Ulysses vinha o veleiro pintando sobre a tela oceânica...

— Se páras o caso dos loucos e te mettes por intermezos poeticos para uso de meninas olheirudas, vou dormir. Volta ao pharol, românticão de má morte.

— Devia castigar o teu prosaismo sonegando-te o epílogo do meu drama, ó filho do “café” e do carvão.

— Conta, conta...

— Certa tarde Gerebita chamou minha attenção para o aggravamento da loucura de Cabrea, e adduziu varias provas concludentes.

— “Queira Deus não seja hoje!...

— “Tens medo?

— “Medo? Eu? De Cabrea?

Queria que visses a estranha expressão de ferocidade que lhe endureceu o rosto!...

A conversa parou ahi. Gerebita chupava cachimbadas nervosas, fechado de sobrecenho como quem ruma uma idéa fixa. Deixou-me, e logo em seguida subiu. Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me. Dormi e sonhei. Sonhei um sonho guinholesco, agitadissimo, com luctas, facadas, o diabo. Lembro-me que, aggreddido por um facinora, desfechei contra elle cinco tiros de revólver; as balas, porém, grudaram-se á parede e deram de resoar d’um modo tal que me despertou. Mas acordado continuei a ouvir o mesmo rumor, vindo de cima, da lanterna.

Presinto a catastrophe esperada. Salto da cama e aguço o ouvido: barulho de lucta. Corro á escada, galgo-a aos tres degraus e no topo esbarro com a porta fechada. Tento abril-a: não cede. Escuto: era de facto lucta. Rolavam corpos no chão, fazendo retinir os vidros da lanterna, e ouvia-se um resfolegar surdo, entremeiado de embates contra os moveis. Trévas absolutas. Nenhuma restea de luz coava para a escada.

Minha situação era esquerda. Ficar ali, inútil, sabendo que portas a dentro dois homens se entrematavam? Permanecia nessa dubiedade, quando choque violento escancarou-me a porta. Um clarão de sol chofrou-me os olhos. Senti nas pernas um tranco, e rodei escada abaixo, de cambulhada com dois corpos engalfinhados. Ergui-me, tonto, e vi em rebolo no chão os dois pharoleiros atacadados.

Atirei-me á lucta em auxilio de Gerebita.

— “Dois contra um! gemeu Cabrea, suffocado. E’ covardia!

Pela primeira vez lhe ouvi a voz, e hoje noto que nada nella denunciava loucura. No momento pensei diversamente, se é que pensei alguma coisa.

Gerebita, com grande assombro meu, tambem me repelliu.

— “Não! Não! Eu só!

Nisto, um pégão de nortada, varrendo a torre, trancou a porta do lanternim com estrondo. Envolveu-nos de novo a escuridão.

E começa aqui o horror... Os rugidos que ouvi, os arrancos e sacões formidaveis da lucta nas trévas, a minha ansiedade... Pavorosos minutos de vida que não desejo renovados.

Perdi a noção do tempo. Durou muito aquillo? Não sei dizer. Só sei que, a tantas, ouvi escapar-se ao peito de Gerebita um urro de dôr, e logo em seguida uma imprecação — “Desgraçado!” — cujas derradeiras syllabas morreram num trincar de dentes atassalhando carnes.

Cabrea grugulejou uns roncões que se casaram com o arquejar do peito de Gerebita e a lucta esmoreceu.

Sem palavras na bocca, cegado pela escuridão, eu só ouvia, fóra, os uivos da nortada, e ali, aquelle arquejo do vencedor exausto, cahido á beira do vencido. Com os olhos da imaginação eu via esse quadro, que com os da cara enxergava tanto como se os tivera envoltos em velludo negro.

Não te conto os pormenores do epilogo. Obtive luz e o que vi não te conto. Impossivel pintar o hediondo aspecto de Cabrea, com a carotida estacalhada a dente, cahido num lago de sangue. Ao seu lado Gerebita, com a cara e o peito vermelhos, a mão sangrenta, estatelava-se no chão, sem sentidos. Os meus transes deante daquelles corpos martyrizados, áquella hora da noite — daquella terrivel noite, negra como esta e sacudida por um vento do inferno!...

Na manhã seguinte Gerebita pousou-me a mão no hombro e disse:

— “O mar não leva daqui os corpos á praia e o mundo não precisa saber de que morreu Cabrea. Cahiu n’agua — morte de marinheiro, e o moço é testemunha de que matei para não morrer. Foi defesa. Agora vae jurar-me que isto ficará para sempre entre nós.

Jurei-o, lealmente, tocando de leve a mão mutilada. E elle, num accesso de infinito desalento, quedou-se immovel, a olhar para o chão, murmurando insistentemente:

— Eu bem avisei. Não me acreditaram. Agora, está ahi, está ahi, está ahi...

Nesse mesmo dia veio buscar-me o Dunga. Mal a “Gaivota” largou, narrei-lhe a morte do pharoleiro, romanceando-a: Cabrea, louco, a despenhar-se torre abaixo e a sumir-se para sempre no seio das ondas.

Dunga, assombrado, susteve no ar os remos.

— “Pois morreu? E louco?”

— “Está claro!”

— “Claro que lhe parece, que a mim...”

— “Conhecia-o?”

— “Não conhecia outra coisa. Des’que furtou a Maria Rita...”

— “Que Maria Rita?”

— “Pois a Maria Rita, mulher do Gerebita, então não sabe? Que elle seduziu, hom’essa.

Abri a minha maior bocca e arregalei o que pude os olhos.

— “Como sabe disso?”

— “E’ boa! Sei porque sei, como sei que aquella gaivota que ali vae é uma e que este mar é mar. A Maria Rita era uma morena de truz, perigosa como o demo. O tolo do Gerebita derreou-se d’amores pela bisca e lá casou. E vae ella, a songui-nha, mal o homem sahia no “Purús” mettia em casa ao Cabrea. E nesse jogo viveram até que um dia fugiram juntos para outras terras. O pobre Gerebita se não acabou de paixão é que é teso. Mas entrou para o pharol, o que é tambem um modo de morrer p’r’o mundo. Pois bem. A bola vira, o tempo corre, e vae, senão quando, quem mette o Governo no pharol, em lugar do defunto Gavriel?”

Ao Cabrea! Ao Cabrea que tambem andava descrente da vida porque a Maria Rita lhe fugira com terceiro. Coisas do mundo. Diz-me agora vossoria que o homem enlouqueceu e rolou do penedo e lá o come o peixe. Está bem. Antes assim! Que do contrario era em ponta de faca que aquillo acabaria...

Calei-me. Ha situações na vida em que as idéas se embaralham de tal arte que é de bom aviso deixal-as se assentarem por si mesmas. Eis como...

— O grande Eduardo foi empulhado por um assassino vulgar!

— Perdão. O facto de não haver manejo de floretes não tira áquelle pugilato o character de duello.

— “Cavalleria rusticana, então?

— E por que não?

BUCOLICA

Tanta chuva hontem!... O cedrão do pasto fendido pelo raio — e hoje, que manhã!

A natureza orvalhada tem a frescura de uma criancinha ao deixar o banho. Inda ha rolos de cerração vadia pelas grotas. O sol já nado e ella com tanta preguiça de recolher os pannos de neblina... A vegetação toda a pingar orvalho, bisbilhante de gottas que caem e tremelicam, sorri, como em extase. Ha em cada vergonteia folhinhas de esmeralda tenra, brotadas durante a noite. A mão de quem passa não resiste: colhe-as de alcance, porque é um gosto mordiscar-lhes a polpa macia.

Meu Deus! O que vae de aranhóes pela relva — nos galhinhos da joveva, nas flechas de capim, grandes e pequeninos, todos mimosos de desenho tecidos a fio de seda... Compraz-se a noite em agrupar nelles milhões de diamantezinhos que a luz da manhã irrisa.

Mal-me-queres por toda a parte — amarelllos, brancos. E tanta flôr sem nome...

— Flôr atôa, diz a gente roceira.

São, coitadinhas, a plebe humilima. A nobreza floral móra nos jardins, esplendendo côres de

dansa serpentina sob formas luxuriosas de odaliscas. A duquesa Dhalia, sua majestade a Rosa, o samurai Chrisantemo — que fidalguia! Bem longe estão destas aqui, azulegas, pouco maiores do que uma conta de rosario.

Não obstante, vejo nestas mais alma. Leio mil coisas na sua modestia. Luctaram sem treguas contra a terra tramada de raizes concorrentes, contra as geadas, contra as lagartas, contra os bichos que pastam. Que tenacidade, que prodigio de economia não representam estas iscas de petalas, e o perfume agreste que as oloriza, e a côr — tentativa de azul — com que se enfeitam as feiticeirinhas!

São bellas, sim — da sua belleza, a belleza selvatica das coisas que jámais soffreram a domesticação do homem.

As de jardim: escravas de harem... Adubo farto, terra livre, tutores para a haste, cuidados mil — cuidados do homem para com a rez na ceva... As agrestes morrem livres no hastil materno; as fidalgas, na guilhotina da tesoura. Fabula do lobo e do cão...

Que ar! A gente das cidades, afeita a sorver um indecoroso gaz feito de pó em suspensão num mixto de máu azoto e peor oxygenio, não sabe o prazer sadio que é sentir os pulmões borbulhantes deste fluido vital em estado de virgindade. O oxygenio fresquinho foi elaborado naquelle momento pela vegetação viçosa. Respiral-o é sorver vida á nascente.

Ali, o rio. Ingazeiros desganhados inclinam-se para elle, arrepiam-lhe o espelho das aguas. Caem na corrente flôres mortas. O movediço es-

quife condul-as com mimo até a barulhenta cor-redeira proxima; lá, irritado, amarfanha-as, fal-as pedaços — e as coitadinhas viram babugem.

Margeia o rio a estrada, ora d'ocre amarello, ora roxa-terra; aqui, tunnel sob a verdura picada no alto de nesgões de luz; além, escampa. Nos barrancos ha tocos de raizes decepadas pelo enxá-dão, e covas de formigueiros mortos onde as cor-ruiras armam ninho.

Surgem casebres de palha.

Lá, na aguada, bate roupa uma mulher.

Rumor no matto... Sae delle, de lenha ao hombro, uma cabocla.

— Sinh'Anna, bom dia! Que é do Luiz?

— No eito, coitado.

— Sarou bem?

— Ché que esperança! Melhorzinho. Panaricio é uma festa!...

— Malva, Sinh'Anna, malva cozida.

Baitacas em bando, bulhentas, a sumirem-se num capão d'angico. Borboletas amarellas nos humidos. Parece um debulho de flôres de ipé.

— Zut!

Uma preá que corta o caminho.

— Péga, Vinagre!

Outra casinha, lá longe. E' a tóca do Urundu-va, caboclo amaleitado. Este diabo tem nas terras a coisa mais bella da zona — a paineira grande. Tóco para lá. Um carreirinho entre roças, a pin-guela, um vallo a saltar... Eil-a! Que maravilha!

Derreada de flôres côr de rosa, parece uma só immensa rosa crespas. Beija-flores como ali ninguém jámais viu tantos. Milheiros não digo — mas centenas, uma centena pelo menos lá está, zunindo. Chegam de longe, todas as manhãs, emquanto dura a festa floral da paineira mãe. Voejam rapidos como o pensamento, ora librados no ar, sugando uma corolla, ora riscando curvas velocissimas, em trabalhos de amôr.

Que lindo amôr — alado, rutilante de pedrarias!...

Respiro um ar cheiroso, adocicado, e fico-me em enlevo a ver as flôres que caem, gyrantes. Se afla mais forte a brisa, despegam-se em bando e recamam o chão. Devem ser assim as arvores do paiz das fadas...

O Urunduva? E' elle mesmo. Amarello, inchado, a arrastar a perna...

— Então, meu velho, na mesma?

— Melhorzinho. A quina sempre é remedio.

— Isso mesmo, quina, quina.

— E'... mas está cara, patrão! Um vidrinho assim, tres cruzados. Estou vendo que tenho de vender a paineira.

— ??

— “Não vê que” o Chico Bastião dá dezoito mil réis por ella — e ainda um capadinho de choro. Como este anno carregou demais, vem paina p'r'arobas. Elle quer aproveitar; derruba e...

— Derruba!!

— Derruba e...

— Por que não colhe a paina a vara, homem de Deus?

— “Não vê que” é mais facil derrubar...

— Derruba!...

Fujo dali com este horrivel som a azoinar-me a cabeça. Aquella maleita ambulante é “dona” da arvore. O Urunduva está classificado no genero “homo”. Gosa de direitos. E’ rei da criação e dizem que feito á imagem e semelhança de Deus.

— Derruba!...

Roças de milho. A terra calcinada, com as cinzas escorridas pelo aguaceiro da vespera, inça-se de tocos carbonizados, e arvores ennegrecidas até meia altura, e paulama em carvão. Entremeio, covas de milho já espontando folhinhas tenras.

Adeante, feijão. O terreno varrido, côr de se pia, pontilhado pelo verde das plantas recém-vindas, lembra chita de velha: as velhas gostam de chitas escuras com pintas verdes.

E’ aqui o sitio da Maria Véva. Tem ruim fama, esta mulher papuda. Má até ali, dizem.

O marido — coitado — um bobo que anda pelo cabresto — Pedro Suan. Ganhou este appellido desde uma celebre festa em que a mulher o surrou com um suan de porco. Lá vem elle, de espingardinha...

— Vae caçar?

— Antes fosse. Vou cuidar do enterro.

— Enterro?...

— Pois morreu a menina, a Annica.
— Pobrezinha! De quê?
— A gente sabe? Morreu de morte...
Estúpido!

Sem querer, dirijo-me para a casa delle. Não gosto da Véva. E' horrenda, beijo rachado, olhar mau — e aquelle papol!

— Então, Nha, morreu a menina? Soube-o ainda agora pelo Suan...

— E'.

Que resposta secca!

— E de que morreu?

— Deus é que sabe.

Peste! E como a atrevediça me olha duro! Sinto-me mal em sua presença.

— Adeus, Sycorax!

Para alguma coisa sirva a literatura...

Arrepio caminho, entristecido. A manhã vae alta, já crúa de luz. O sol, estúpido; o azul, de irritar. Que é dos aranhóes? Sumiram-se com o orvalho que os visibiliza. Estão agora invisiveis, a apanhar os incautos que Nha Véva Aranha devora. A paizagem perdeu o encanto da frescura e da bruma. Está um lugar commum. Não vejo flores, nem passaros. O excesso de luz dilue as flores, o calor esconde as aves. Só um carácará resiste ao mormaço, empoleirado num esgalho de perobeira. Está de tocaia aos pintos do Urunduva, o rapinante.

Um vulto... E' mulher... Será a Ignacia? Vem de trouxa á cabeça. E' ella mesma, a preta aggregada aos Suans.

— Então, rapariga?

— Ai, sêo moço, vou-me embora! Alguem ha de ter dó da velha. Na casa da peste papuda, nem mais um dia! Antes morrer de fome...

— Que coisa houve?

— Não sabe que morreu a aleijadinha? Pois é, morreu. Morreu a pobre só porque hontem esta sua negra foi ao bairro do Liborio e a chuva prendeu ella lá. Se eu pudesse adivinhar...

— Mas de que morreu a menina, criatura?

— Sabe do que morreu? Morreu... de sêdel! Morreu, sim, eu juro, um raio me parta pelo meio se a coitadinha não morreu...

Aqui soluços de choro cortaram-lhe a voz.

— ... de seeeede! Meu Deus do céu, o que a gente não vê neste mundo!

A menina era entrevada e a mãe, má como a irára. Dizia sempre: Pestinha, porque não morre? Bocca atôa, a comer, a comer. Estica o cambito, diabo! Isto dizia a mãe — mãe, hein? A Ignacia, entretanto, morava lá só para zelar da aleijadinha. Era quem a vestia, e a lavava, e arrumava o pratinho d'aquelle passarico enfermo. Sete annos assim. Excellente negra!

— Coisa de tres dias, garrou uma doencinha, dôr de cabeça, febre. Dei chá de hortelã; nada. Dei cidreira; nada. Sempre a quentura da febre. Disse commigo: — Vou lá no bairro e trago uma dóse. Fui, é longinho, tres quartos de legua. O curador me deu a dóse, mas quem disse de poder voltar? Uma chuvarada... Pousei no Liborio. Hoje, manhanzinha, vim.

Entrei alegre, pensando: a coitadinha vae sarar. Eu que pisei na sala, dou com a menina espichada na esteira, fria. Annica! Annica! Quando vi bem que estava morta de uma vez, ah! sêo moço, berrei como nunca na minha vida!...

— “Nha Véva, de que geito morreu Annica, conte, conte!”

Nha Véva quieta, repuxando a bocca. Uma pedra! Cahi em cima da menina, beije, chorei. Nisto, uma cotucada — era o Zico, aquelle negrinho, sabe? Olhei p’ra elle: fez geito de me falar lá fora, longe da tatorana. Lá fóra me contou tudo. A menina, des’que eu sahi, peorou. Mas quietinha sempre. Noite alta, gemeu.

— “Cala a bocca, peste!” gritou do outro quarto a mãe — mãe, veja!

— “Quero agua, nha mãe.

— “Cala a bocca, peste!

A menina calou. Mais tarde gemeu outra vez,

— “Quero agua! quero agua!

Ninguem se incommodou.

— “E tu, negrinho safado, porque não acudiu a menina?

— “Não vê! Eu conheço nha Véva!...

Sêo Pedro, aquelle trapo, esse estava na pinga de todo o dia. Ninguem na casa para chegar uma caneca d’agua á bocca da doentinha. Ella, um chorinho ainda; depois, mais nada. De manhã...

Lgrimas escorriam a fio pela cara da preta e soluços de dôr escandiam-lhe as palavras.

— De manhã foram encontrar a menina morta na cozinha, rente do pote d’agua. Arrastou-se

até lá o anjinho que nem se mexer na cama podi
e morreu de sede diante da agua!...

— Quem sabe se...

— Não bebeu, não! O pote, em cima da caixa
ficava alto, e a caneca estava tal e qual no lugar
zinho do costume. Não bebeu, não! Morreu de sede,
o anjo!

Enxugou as lagrimas na manga.

— Agora, vou no Liborio. Se elle me quizer
fico. Se não, sou bem capaz de me pinchar neste
rio. Este mundo não paga a pena...

Sol a pino. Desanimo, lassidão infinita...

MEU CONTO DE MAUPASSANT

Conversavam no trem dois sujeitos. Aproximei-me e ouvi:

— “Anda a vida cheia de contos de Maupassant; infelizmente ha pouquissimos Guys...

— “Porque Maupassant e não Kipling, por exemplo?

— “Porque a vida é amor e morte e a arte de Maupassant é simplesmente um enquadramento engenhoso do amor e da morte. Mudam-se os scenarios, variam os actores, mas a substancia persiste — o amor, sob a unica face impressionante, a que culmina numa posse violenta de fauno incendiado de luxuria, e a morte, o estertor da vida em transe, o quinto acto, o epilogo physiologico. A morte, meu caro, e o amor, são os dois unicos momentos em que a jogralice da vida arranca a mascara e freme num delirio tragico.

— “?

— “Não te rias. Não componho frases. Justifico-me. Na vida, só deixamos de ser uns palhaços inconscientes a macaquear-nos uns aos outros, a copiar gestos e a mentir á natureza, quando esta, reagindo, põe a nú o instincto hirsuto ou acena o “basta” final que recolhe o grotesco actor ao pó.

Só ha grandeza, em summa, e “seriedade”, quando cessa de agir o pobre jogral que é o homem feito, guiado e dirigido por Moraes, religiões, códigos, modas e mais postigos de sua invenção — e entra em scena a natureza bruta.

— “A proposito de quê tanta philosophia, com este calor de Janeiro?...”

O comboio corria entre S. José e Quiririm. Região arroseira em plena faina do corte. Os campos em séga tinham o aspecto de cabellos louros tosados á escovinha. Pura paizagem européa de trigaes.

A espaços feriam nossos olhos telas de Millet, em fuga lenta, se longe, ou rapida, se perto. Vultos de mulheres de cesta á cabeça, que paravam a ver passar o trem. Vultos de homens amontoando feixes de espigas para a malhação do dia seguinte. Carroções, tirados a bois, recolhendo o cereal ensaccado. E como cahia a tarde, e a Mantiqueira já era uma pincelada opaca de indigo a barrar a imprimadura evanescente do azul, vimos em certo trecho o original do “Angelus”...

— “Já te digo a proposito de quê vem tanta philosophia, respondeu o segundo sujeito, — e, enfiando os olhos pela janella, calou-se. Houve uma pausa de minutos. Subito, apontando um velho saguaragi avultado á margem da linha e logo sumido para traz, proseguiu:

— “A proposito dessa arvore que passou. Ella foi comparsa no “meu conto de Maupassant”.

— “Conta lá, se é curto.

O primeiro sujeito não se ageitou no banco, nem limpou o pigarro, como é de estylo. Sem transição foi logo narrando.

“Havia um italiano, morador destas bandas, que tinha vendola na estrada. Typo mal encarado e ruim. Bebia, jogava, e por varias vezes andou ás voltas com as autoridades. Certa occasião (eu era delegado de policia) vieram uns piraquaras annunciar-me que em tal parte jazia o “corpo morto” de uma velha, picado a foice.

Organizei a diligencia e acompanhei-os. — “E’ lá, naquelle saguaragi”, disseram ao aproximarem-se da arvore que passou. Espectaculo repelente! Ainda sinto o arrepio de horror que me correu pela pelle ao dar uma topada balofa num corpo molle. Era a cabeça da velha, semi-occulta sob as folhas seccas. Porque o malvado a decepara do tronco, lançando-a a alguns metros de distancia.

Como por systema desconfiasse do italiano, prendi-o. Havia indicios vagos. Viram-no sahir com a foice, a lenhar, na tarde do crime.

Entretanto, por falta de provas, foi restituído á liberdade, máu grado meu, pois cada vez mais me capacitava da sua culpabilidade. Eu presentia naquelle sordido typo — e negue-se valor ao sentimento! — o miseravel matador da pobre velhinha.

— “Que interesse tinha elle no crime?”

— “Nenhum. Era o que allegava. Era como argumentava a logicazinha trivial de toda a gente. Não obstante, eu o trazia de olho, certo de que era o criminoso.

O patife, não demorou muito, traspassou o negocio e sumiu-se. Eu, do meu lado, deixei a policia e do crime só me ficou, nitida, a sensação da topada molle na cabeça da velha.

Annos depois o caso resuscitou. A policia co-lheu indicios vehementes contra o italiano, que andava por São Paulo num gráu extremo de decadencia moral, pensionista do xadrez por furtos e bebedices. Prenderam-no e remetteram-no para cá onde o jury iria decidir da sua sorte.

— “Os teus presentimentos...

O sujeito sorriu com malicia velhaca, e continuou.

— “Não resistiu, não reagiu, não protestou. Tomou o trem no Braz e veio, de cabeça baixa, sem proferir palavra, até S. José; dahi por deante (quem o conta é um soldado da escolta) mettia a miude os olhos pela janella, preocupado em descobrir qualquer coisa na paizagem, até que de-frontou o saguaragi. Nesse ponto armou um pincho de gato e despejou-se pela janella fóra. Apanharam-no morto, de craneo rachado, a escorrer a couve-flôr dos miolos, perto da arvore fatal.

— “O remorso!

— “Está aqui o “meu conto de Maupassant”. Tive a impressão delle nas palavras do soldado da escolta: “veio de cabeça baixa até S. José, d’ahi por deante enfiou os olhos pela janella até enxergar a arvore, e pinchou-se”. No progresso ingenuo da narrativa li toda a tragedia intima daquelle cerebro, senti todo o drama psychologico que nunca será escripto...

— “E’ curioso! — commentou o outro, pensativamente.

Mas o primeiro sujeito accendeu o cigarro e concluiu, sorridente, com pausada lentidão:

— “O curioso é que mais tarde, um dos piraguáras denunciadores do crime, e filho da velha, preso por horrivel assassinio a foiçadas, *confessou-se tambem o assassino da velhinha, sua mãe...*

— “?

— “Meu caro, aquelle pobre Oscar Fingall O’ Flahertie Wills Wilde disse muita coisa, quando disse que a vida sabe melhor imitar a arte do que a arte sabe imitar a vida.

“POLLICE VERSO”

Dos dezeseis filhos do coronel Ignacio da Gama, cedo revelou o caçula singulares aptidões para medico. Pelo menos assim julgara o pae, como quer que o visse na horta, interessadissimo em destripar um passarinho agonizante.

— Descobri a vocação do Nico, disse o arguto sujeito á mulher. Dá um optimo esculapio. Inda agorinha o vi lá fóra dissecando um sanhaço vivo.

Hão de duvidar os naturalistas estremes que o homem dissesse dissecar. Um coronel indigena falar assim, com esse rigor de glottica, é coisa inadmissivel para os meticulosos que avaliam o genero inteiro pela meia duzia de pafuncios agaloados do seu conhecimento. Pois disse. Este coronel Gama abria excepção á regra; tinha suas luzes, lia seu jornal, devorara em moço o “Recambole”, as “Memorias de um medico” e acompanhava os debates da Camara com grande admiração pelo Ruy Barbosa, o Barbosa Lima, o Nilo e outros. Vinha-lhe d’ahi um certo apuro na linguagem, destoante do achavascado ambiente glossico da fazenda, onde morava.

Quem nada percebeu foi Dona Joaquininha, que ^{valia} aliar pelo ar emparvecido que deu á cara.

— Dissecando, explicou superiormente o marido, quer dizer destripando.

— E deixou você que elle commettesse semelhante malvadeza? exclamou a excellente senhora, compadecida.

— Lá vens com a pieguice!... Deixal-o brincar, que é da idade. Eu em pequeno fazia peores e nem por isso virei nenhum ogre.

Dona Joaquina fechou a cara, e quando o pequeno facinora entrou do quintal pediu-lhe contas da perversidade, asperamente. O coronel, que nesse momento lia na rêde as folhas recém-chegadas, houve por bem interromper a ingestão de um discurso flammante sobre a questão do Amapá para acudir em apoio do fedelho.

— Uma vez que vai ser medico não vejo mal em ir-se familiarizando com a anatomia...

— A anatomia está ali! rematou a encolerizada senhora, apontando a vara de marmelo occulta atraz da porta. Eu que saiba que o senhor anda com judiarias aos pobres animaesinhos, que te dissecou o lombo com aquella anatomia, ouviu, sêo carniceiro?

O menino raspou-se; o coronel retomou resignado o fio do discurso; e o caso do sanhaço ficou por ali.

Mas não ficou por ali a malvadez do Nico. Acautelava-se agora. Era ás escondidas que “depennava” moscas, brinquedo muito curioso, consistente em arrancar-lhes todas as pernas e asas, para gozar o soffrimento dos corpinhos inertes. Aos grillos cortava as saltadeiras, e ria-se de ver os

mutilados caminharem como qualquer bichinho de somenos.

Gatos e cães farejavam-no de longe, aterrorizados. Fôra elle quem cortara o rabo ao misero Joly da aggregada Emiliana, e era quem descadeirava todos os gatos da fazenda. Isso, longe. Em casa, um anjinho. E assim, anjo internamente e demonio extra-muros, cresceu até á mudança de voz. Entrou nesse periodo para um collegio, e deste pulou para o Rio, matriculado em medicina.

O emprego que lá deu aos seis annos do curso, soube-o elle, os amigos e as amigas. Os paes sempre viveram empulhados, crentes de que o filho era uma aguia a plumar-se, futuro Torres Homem de Itaóca, onde, vendida a fazenda então moravam. Nesta cidade tinham em mente encarreirar o menino para desbanque dos quatro esculapios locaes, uns onagros, dizia o coronel, cuja veterinaria rebaixava os itaoquenses á categoria de cavallos.

Pelas férias o doutorando apparecia por lá, cada vez “mais outro”, desempenado, com tiques de carioca, “ss” sibilantes, roupas caras e uns palavriados technicos de embasbacar.

Quando se formou e veio de vez, estava já definitivo, nos vinte e quatro annos. Não se lhe descreve aqui a cara, porque retratos por meio de palavras têm a propriedade de fazer imaginar feições ás vezes oppostas ás descriptas. Dir-se-á unicamente que era um rapaz espigado, entre louro e castanho, bonito mas antipathico — com o olhar do Stuart Holmes, diziam as meninas doutoras em cinema. No queixo trazia barba de medico fran-

cez, coisa que muito accrescenta a sciencia do proprietario. Doentes ha que entre um doutor barbudo e um glabro, ambos desconhecidos, pegam sem tir-te no pelludo, convictos de que pegam no melhor.

O dr. Ignacinho, entretanto, aborrecia aquelle meio acanhado, “onde não havia campo.”

— Isto aqui, contava em carta aos collegas é um puro degredo. Clinica escassa e mal pagante, sem margem para grandes lances, e inda assim repartida por quatro curandeiros que se dizem medicos, perfeitas vaccas de Hippocrates, estragadores da pepineira com suas consultinhas de cinco mil réis. O cirurgião da terra é um Doyen de sessenta annos, emerito extractor de bichos de pé e cortador de verrugas com fio de linha. Dá iodureto a todo o mundo e tem a imbecilidade de arrotar scepticismo, dizendo que o que cura é a Natureza. Estes rabulas é que estragam o negocio, etc.

Negocio, pepineira, grandes lances — está aqui a psychologia do moço medico. Queria panno verde para as boladas gordas...

— Além disso, continuava, é-me insupportavel a ausencia da Yvonne e de vocês. Não ha cá mulheres, nem gente com quem uma pessoa palestre. Uma pocilga! As boas pandegas do nosso tempo, hein?

Ora aqui está: — a Yvonne, os amigos, as pandegas foram o melhor do curso. Com mão diurna e nocturna manuseou-os, a estes tratadistas de anatomia, da physiologia, da calaçaria, e agora torturavam-no saudades.

Entre os medicos antigos de Itaóca o doutor Ignacinho gozava pessimo renome — se renome pessimo pode ser coisa de goso.

— Uma bestinha! dizia um. Eu fico pasmado mas é de sahirem da Faculdade cavalgadas daquelle porte! E' medico no diploma, na barbiça e no anel do dedo. Fóra d'ahi, que cavallo!

— E que topete! accrescentava outro. Presumido e pomadista como não ha segundo. Não diz humores ou syphilis; é mal luetico. Eu o que queria era pilhal-o numa conferencia, para eschar...

O pae, já viuvo então, esse babava-se de orgulho. Filho medico, e ainda por cima destabocado e bem falante como aquelle... Era de moer de inveja aos mais. Enlevava-o, sobretudo, o seu modo alcandorado de exprimir-se. Revia-se no filho, o coronel...

— A terminologia inteira da sciencia allopatha, coisas em grego e latim, circumvolve naquella cabecinha, disse uma vez ao vigario, que o olhou de revés, por cima dos olhos, áquelle mirifico circumvolve.

E assim corria o tempo, entre as diatribes das duas sciencias, a moça e a velha, com entremeios dos bellos vocabulos que o coronel nunca perdia de embrechar no phraseado.

Entrementes, adoeceu o major Mendanha, capitalista aposentado com trezentas apolices federaes de conto, o Rockefeller de Itaóca. Deu-lhe uma subita afflicção, uma canseira, e a mulher alvoroçou-se.

— Não é nada, isto passa, acalmou elle.

— Passará ou não!... O melhor é chamar um medico.

— Qual, medico! Isto é nada.

Não era tão nada assim, como pretendia. A' noite aggravou-se-lhe o mal estar, e o velho, apprehensivo, cedeu ás instancias da esposa. Chamar a qual delles, porém?

— Pois o Moura, disse a mulher, para quem o da sua confiança era este Moura.

— Deus me livre! retrucou o doente. Aquillo é homem mal azarado. Pois não foi quem tratou o Zéca, o Peixoto, o Jeronymo? E não esticaram a canela todos tres?

— O doutor Fortunato, então...

— O Fortunato! Já esqueceu você do que elle me fez por occasião do jury, o tranca? Cobrar cincoenta mil réis por um attestado falso! Não me pilha mais um vintem, o pirata...

No doutor Elesbão não se falou: era adversario politico.

— Chama-se o Galeno...

— E' tão mosca-morta o Galeno... gemeu o doente com cara de desconsolo. Andou annos a tratar o Faria do Hotel como diabetico, e já o dava por morto quando um curandeiro da roça o poz sanissimo, com um côco da Bahia comido em jejum. Eram solitarias os diabetes do homem... Só se vier o filho do Ignacio?!

Aqui foi a mulher quem protestou.

— Eu, a falar a verdade, prefiro a ruindade do Galeno, a má sorte do Moura, e até o Elesbão...

— Esse, nunca!... interrompeu o velho, num assomo de rancor politico.

— ...do que a antipatia do tal doutorzinho. Os outros ao menos têm a experiencia da vida, a passo que este...

— Este, quê?

— Este, Mendanha, é moço bonito que o que quer é dinheiro e pandega, você não vê?

— Quall... emberrinchou o teimoso. Sempre ha de saber um pouco mais que os velhos; aprendeu coisas novas. No caso da Nhazinha Leandro não a poz boa num apice?

— Tambem que doença! Prisão de ventre.

— Seja prisão ou soltura, o caso foi que curou. Mande chamar o menino.

— Olhe, olhe! Depois não se arrependa...

— Mande, mande chamal-o e já, que não me estou sentindo bem.

Ignacinho veio. Interrogou detidamente o major, tomou-lhe o pulso, auscultou-o com o sem blante carregado e disse, depois de longa pausa:

— Não diagnostico por emquanto, porque não sou leviano como "certos" por ahi. Sem auscultação estethoscopica nada posso dizer. Voltarei mais tarde.

— Vê? disse Mendanha á esposa, logo que moço partiu. Fosse o Moura, ou qualquer dos tae e já d'alli da porta vinha berrando que era isto mais aquillo. Este é consciencioso. Quer fazer uma auscultação, quê?

— Stereoscopica, parece.

— Seja o que fôr. Quer fazer a coisa pelo direito, é o que é.

Voltou o moço logo depois, e com grande cerimonia applicou o instrumento no peito magro do doente. Vincou de novo a physionomia das rugas da concentração e concluiu com imponente solemnidade:

— E' uma pericardite aguda, aggravada por uma phlegmasia hepatico-renal.

O doente arregalou os olhos. Nunca imaginou que dentro de si morassem doenças tão bonitas, embora incompreensíveis.

— E é grave, doutor? perguntou a mulher, assustada.

— E' e não é! respondeu o sacerdote. Seria grave se, modestia á parte, em vez de me chamarem a mim, chamassem a um desses matasanos que por ahi rabulejam. Commigo é differente. Tive no rio, na clinica hospitalar, numerosos casos mais graves e a nenhum perdi. Fique descansada que chorei o seu marido completamente são dentro de um mez.

— Deus o ouça, rematou a mulher, acompanhando-o até a porta, já reconciliada com a "anipathia".

— Então? perguntou-lhe o doente. Fiz ou não fiz bem em chamal-o?

— Parece... Deus queira tenhamos acertado, porque isto de medicos é sorte.

— Não é tanto assim, reguingou o velho, os que sabem conhecem-se por meia duzia de palavras, e este moço, ou muito me engano, ou sabe o que diz. Fosse o Fortunato...

E riu-se lá comsigo, ao imaginar as doencinhas caseiras que o Fortunato descobriria nelle...

A doença do major Mendanha ninguém na soube qual fôra. O lindo diagnostico de Ignacinho não passava de mera sonoridade pelintra. Baco-rejara ao moço que o velho tinha o coração fraco, e qualquer maromba no figado. Isto, porque lhe doia, a elle, aqui no "vazio"; aquillo por ser natural em organismo já combalido pela idade. Méro palpite. Confessal-o, porém, com esta semcerimonia, seria fazer clinica á moda do Fortunato, e desmoralizar-se. Além do mais, quem sabe lá se não estaria ali o sonhado lance? Prolongar a doença... Engordar a maquia...

Ignacio não enxergava em Mendanha o doente, mas uma bolada maior ou menor, conforme a habilidade do seu jogo.

A saude do velho importava-lhe tanto como as estrellas. Como desadorasse a medicina, não vendo nella mais que um meio rapido de enriquecer, nem sequer lhe interessava o "caso clinico" em si, como a muitos.

Queria dinheiro, porque o dinheiro lhe daria Paris, com a Yvonne de lambuja. Ora, o major tinha trezentas apolices... Dependia pois da sua artimanha malabarizar aquelle figado, aquelle coração, aquellas palavras gregas e, num prestidigitar manhoso, reduzir tudo a uns tantos contos de réis bem sonantes.

Escreveu a Yvonne, já então em Paris.

— Os negocios melhoraram. Estou mettido em uma empresa que se me afigura rendosa. Sahin-

do tudo a contento, tenho esperanças de inda este anno beijar-te á moda antiga...

O velho peorou com a medicação. Injecções hypodermicas, capsulas, pillulas, poções, não houve therapeutica que se não experimentasse, desastrosamente.

— E' mais grave o caso do que eu suppunha — disse o doutor á mulher — e os escrupulos do meu sacerdocio aconselham-me a pedir conferencia medica. Os collegas da terra são o que a senhora sabe; entretanto, submetto-me a ouvi-los.

— Não, doutor! Mendanha não quer ouvir falar nos seus collegas; só tem confiança no doutor Ignacio Gama.

— Nesse caso...

Ignacinho voltou para casa esfregando as mãos, de contente. Estava só em campo, com todos os ventos favoraveis. Paris corria-lhe ao encontro...

Máu grado seu, na semana seguinte, inesperadamente, o raio do major apresentou melhoras. Parava, o patife! E a Ignacio palpitou que com mais uma quinzena d'aquella arribação o homem se punha de pé.

Fez os calculos: trinta visitas, trinta injecções e tal e tal: tres contos. Uma miseria! Se morresse, já o caso mudava de figura, poderia exigir vinte ou trinta.

Era costume dos tempos fazerem-se os médicos herdeiros dos clientes. Serviços pagos em casos de cura ahi com centenas de mil réis, em caso de morte reputavam-se por contos. Se os interessados

reluctavam no pagamento, a questão subia aos tribunaes, como base na arbitragem. Os arbitros officiaes do mesmo officio, sustentavam o pedido por colleguismo, dizendo em latim: "Hodie mihi cras tibi" cuja traducção medica é: prepare-se você para me fazer o mesmo, que tambem eu pretendo dar a minha cartada.

Ignacio ponderou tudo isto. Mediu prós e contras. Consultou accordãos.

O que a sua cabeça pensou, ninguém o saberá jámais. Tem as idéas para escondel-as a caixa craneana, o couro cabelludo, a grenha; isso por cima; pela frente, têm a mentira do olhar e a hypocrisia da bocca. Assim entrincheiradas, ellas já de si immateriaes, ficam inexpugnaveis á argucia alheia.

E vae nisso a pouca de felicidade existente neste mundo sublunar. Fosse possivel ler nos cerebros claro como se lê no papel, e a humanidade de crispar-se-ia de horror ante si propria...

Positivo como era Ignacinho, supponho que metteu em equação o problema das duas vidas.

Primeira hypothese:

Cura do major = tres contos.

Tres contos = Itaóca, pasmaceira, etc....

Segunda hypothese:

Morte do major = trinta contos.

Trinta contos = Paris, Yvonne, "Bois"...

Depois desta solida mathematica, esta anavalhaute philosophia. A morte é um preconceito. Não

a morte. Tudo é vida. Morrer é transitar de um estado para outro. Quem morre, transforma-se. Continúa a viver inorganicamente, transmutado em gases e saes, ou organicamente feito Lucillias, Necrophoras e uma centena de outras vidinhas esboaçantes. Que importa para a harmonia universal das coisas esta ou aquella forma? Tudo é vida. A vida nasce da morte. Eu preciso, eu “quero” viver a minha vida. Ha obices no caminho? fasto-os...

Fiquemos por aqui. Não ha tempo para malharatar com o amoralismo, porque o Major Menanha peorou subitamente e lá agoniza. Morreu.

O attestado d'obito deu como “causa-mortis” phlegmatite complicada com necrose elipsoidal. Rodia baptizal-a de embolia estourada, nó cego a tripa, tuberculose mesenterica, estupor granuloso peristaltico, ou qualquer outro dos cem mil modos de morrer á grega.

Morreu, e está dito tudo. Morreu, e o doutor gnacinho apresentou no inventario uma conta de chegar: trinta e cinco contos de réis. Os herdeiros npugnaram o pagamento.

Move-se a traquitana da Justiça. Moe-se o pavriado tabellionesco. Saem das estantes os carunhosos trabucos romanos. Procede-se a arbitramento.

Os arbitros são Fortunato e Moura, os quaes esseram entre si:

— Que grande velhaco! Mata o homem e ainda por cima quer ficar-se herdeiro! O tratamento alto e malo, não vale cem mil réis. Que valha

duzentos. Que valha um conto, ou tres. Mas trinta e cinco? E' ser ladrão!....

No laudo, entretanto, acharam relativamente modico o pedido — sem dizer relativo ao que.

A Justiça enguliu aquelle papel, gestou-o com outros ingredientes da praxe e, a cabo de prazos, partejou um monstrozinho chamada sentença, o qual obrigava o espolio a alliviar-se de trinta e cinco contos de réis em proveito do medico, mais as custas da esvurmadela forense. Ignacinho, radiante, embolsou os cobres e reconciliou-se com os dois collegas que, afinal de contas, não eram os cretinos que elle suppunha.

— Collegas, o passado, passado; agora, para a vida e para a morte!

— Pois está visto! disse Fortunato. Tolo andou você em abrir lucta com os que ajudam o negocio. O colleguismo: eis a nossa grande força!...

— Tem razão, tem razão. Criançada minha, ilusões, farofas que a idade cura...

Que mais? Que vôou a Paris? E' claro. Vôou e lá está a passear com a Yvonne no "Bois".

Ao pae escreveu:

— Isto é que é vida! Que cidade! Que povo! Que civilização! Vou diariamente á Sorbonne ouvir as lições do grande Doyen, e opéro em tres hospitaes. Voltarei, não sei quando. Fico por cá durante os trinta e cinco contos, ou mais, se o pae entender de auxiliar-me neste aperfeiçoamento de estudos.

A Sorbonne é o apartamento em Montmartre, onde compartilha com o apache da Yvonne o dia

a rapariga. Os tres hospitaes são os tres cabarés mais a geito.

Não obstante, o pae scismou naquillo cheio de orgulho, embora pezaroso: não estar viva a Joaquininha para ver em que alturas andava o Nico — o Nico do sanhaço estripado... Em Paris!... a Sorbonne!... Discipulo querido do Doyen, o grande, o immenso Doyen!...

Mostrou a carta aos medicos reconciliados.

— Isto de hospitaes, gemeu o invejoso Fortunato, é uma mina. Dá nome. Para botar nos annuncios é de primeirissima.

— E o Doyen? murmurou, baboso, o embebedado pae. Não ha como a gente aproximar-se das celebridades...

— E' isso mesmo, concluiu o Moura, relanceando um olhar a Fortunato, num commentario tudo áquelle mirifico aproxinamento. E os dois enxugaram, á uma, os copos da cerveja comemorativa mandada abrir pelo bemaventurado coronel.

— E a Consciencia? perguntará com indignação algum megatherio, ledor de Hugo e Sue, contemporaneo do remorso, do Dedo de Deus e outras antigualhas fosseis.

— Dorme o somno do archaismo no fundo dos dictionarios, responde de dentro de qualquer relisma edição do "Fausto" o nosso querido amigo ephistopheles, piscando o olho vermelho.

O ESTIGMA

Fui um dia a Itaóca levado pelas simples indicações do sujeito que me alugou a cavalgadura:

— Não tem errada, é ir andando. Em caso de duvida, pegue a trilha dos carros que vae certo.

Assim fiz, e lá cheguei sem novidade.

No dia da volta, porém, choveu á noite como só chove por aquelles sertões, e na primeira encruzilhada parei desnorteado. Como o enxurro houvesse apagado todos os sulcos da carraria, ali fiquei um pedaço, feito o asno de Buridan, á espera d'algum passante que me abrisse os olhos. Não appareceu viv'alma, e minha impaciencia empurrou-me ao acaso por uma das pernas do V embaraçador. Caminhei cerca de hora na duvida e, por fim, a vista d'uma fazenda desconhecida deu-me a certeza do transvio.

Resolvi portar. Abeiro-me do portão e grito o "O" de casa."

Abre-m'o um negro velho, occupado em abanar feijão no terreiro.

— O patrãozinho é lá em cima, na casa grande.

Dirijo-me para lá, depois de entregue o cavallo, e subo a escadaria de pedra fronteiraça ao casarão senhorial.

Um grupo de crianças brincava por ali, em torno d'uma fogueirinha de gravetos fumarentos.

— Fumaça para lá, santinha para cá!

Ao avistarem-me calaram-se, e fugiram, com excepção da mais taluda, que permaneceu no lugar esfregando os olhos avermelhados e lacrimeiros de fumo.

— Papae está?

Estava e ia chamal-o, respondeu, esgueirando-se pela casa a dentro.

As outras, com o dedinho na bocca, vi-as a mepiarem da porta, á qual logo assomou esbelta menina, ahi entre quatorze e dezeseis annos, de vental azul e corada como quem esteve a lidar no forno.

— Faça o favor de entrar! disse-me com lindeza de voz, sorridente, de passo que seus olhos vivos do me examinavam d'alto a baixo, num relance.

— Sente-se e espere um bocadinho.

— A menina é filha do...

— Não, senhor. Prima. Mas moro aqui des'que morreram meus paes.

— Tão nova e já orphã!...

— De pai e mãe. Tinha seis annos quando os perdi na febre amarella de Campinas. O primo trouxe-me de lá, e...

Aqui rangeu a porta e enquadrou-se nella o rosto da casa.

Reconhecemo-nos incontinenti, com igual estupefacção.

— Bruno! berrou elle. Que milagre!

— E tu, Fausto, onde te vim desentocar, eu que esperava ver surgir um matutão desconfiado!

Abraços, explicações, perguntas atropeladas.

Fausto não cessava de admirar a coincidência.

— Ha quantos annos não nos vemos? Dez, pelo menos...

— Desd'a opa da collação de gráu. Como passa o tempo!... Pois, meu caro, prendo-te por cá. Já não te vaes d'aqui sem conhecer o meu seio de Abrahão e matar bem matadas as saudades.

Durante estas expansões a menina do avental não arredou pé da sala, e eu, volta e meia, regalava meus olhos na linda criatura que ella era.

Fausto, percebendo-o, apresentou-m'a:

— Laurita, nossa prima...

— Já nos conhecemos, disse eu.

— D'onde? exclamou Fausto, surpreso.

— D'aqui mesmo, de ha cinco minutos.

— Farcista! Olha, Laura, vê lá que nos tragam um café.

A menina ao retirar-se poz no andar esse requebro que o instincto aconselha ás moças na presença de um homem casadoiro.

-- Galantinha, hein? disse Fausto, mal se fechou a porta.

— Linda! exclamei, carregando com furia no i. Que frescura! Que corado!

— O corado corre á conta do forno. Estão lá todos a assar bolinhos de milho. Não conheces minha mulher? Familia Leme, de Pedra Fria. Ca-

ei-me logo depois de formado, e aqui vivo alterando seis mezes de roça com outros tantos de capital.

— Excellente vida! E' o sonho de toda a gente.

— Não me queixo, nem quero outra.

— Colheste, então, o pomo da felicidade?

Fausto não respondeu, e como o café entrasse no momento a conversa mudou de rumo. Trouxe-o Laura, com bolinhos quentes.

— Estou adivinhando, dona Laurita, que este foi enrolado pelas suas mãos, galanteei eu, tomando um d'elles.

— Qual? acudiu a menina. Esse que tem marca de carretilha?

— Sim!

Ella desferiu a mais argentina das risadinhas.

— Justamente os que têm marca são da Lucrecia...

— Ora, você, cascalhou Fausto, a confundir as artes da prima com as da preta!

— Os meus são estes, disse Laura, apontando os não carretilhados.

Provei um e arregalei os olhos:

— Realmente a differença é enorme!

Novo "pizzicato" da menina.

— Pois a massa é a mesma, e tudo tempero da preta...

Fausto poz fim aos meus desasos convidando-me para sair.

— Estás muito chucro no galanteio. Vem l'ahi ver a criação, que é o melhor.

Sahimos, e corremos toda a fazenda, o chiqueirão dos canastrões, o cercado das aves de raça, o tanque dos Pekins, o pasto das cabras e do gado Jersey, a machina de café, todas essas coisas comuns a todas as fazendas e que no entanto examinamos sempre com real prazer.

Fausto era um fazendeiro amador. Tudo ali denunciava largo dispendio de dinheiro sem a preocupação da renda proporcional; trazia-a no pé de quem não necessita da propriedade para viver.

Ao jantar apresentou-me sua mulher.

Não condisse com o molde que cá tenho da boa mulher a esposa do meu amigo. De feições duras, olhar d'ave de rapina, nariz agudo, era positivamente feia e provavelmente má.

Compreendi o caso do meu Fausto: casara rico: a fazenda viera-lhe ás mãos por intermédio da esposa.

Na presença della Fausto mudava de tom. De natural brincalhão, embezerrava-se numa sisudez que me desconcertou; e isto me disse que casaram os bens, os corpos, mas não as almas.

Tambem Laurita se cohibia, e as crianças mostravam um odioso "bom comportamento" de metter dó. A mulher gelava-os a todos com o olhar duro e máu de senhora absoluta.

Foi um alivio o erguer-nos da mesa. Fausto lembrara um gyro pelos cafezaes e, como já estivessem arreadas as cavalgadas, partimos. Sem demora voltou o meu amigo á expansibilidade anterior, com a alegre despreocupação dos annos

academicos. A conversa correu por mil veredas e por fim embicou no thema casamento.

— Aquelle nosso horror á colleira matrimonial! Como esbanjavamos diatribes contra o amor sacramento, benzido pelo padre, gatafunhado pelo escrivão... Lembras-te?

— E estamos a pagar a lingua. E' sempre assim na vida: a liberrima theoria por cima e a tramma férrea das injuncções por baixo. Somos, os homens, uma cadeia de contradições. O casamento!... Não o defino hoje com o petulante entono de solteiro. Só digo que não ha casamento — ha casamentos. Cada caso é um caso especial.

— Tendo, aliás, de commum, disse eu, um mesmo traço: restricção da personalidade.

— Sim. E' mister que o homem ceda cincoenta por cento da sua e a mulher outros tantos, para que haja o equilibrio razoavel a que chamamos felicidade conjugal.

— “Felicidade conjugal”, dizes bem, restringindo com o adjectivo a amplidão do substantivo.

A vista do cafezal interrompeu-nos as confidencias.

Era Setembro, e o aspecto das arvores estreladas de florinhas dava uma sensação farta de riqueza e futuro.

Corremol-o em parte, gosando o “prazer paulista” de ver ondular por espigões e grotas a onda verde-escuro dos cafeeiros alinhados.

— No teu caso, perguntei, foste feliz?

Fausto retardou a resposta, mastigando-a.

— Não sei. Cedi os cincoenta, e espero que minha mulher imite a minha abnegação. Ella, porém, mais tenaz, embirra em não chegar a tanto. Procuramos o equilibrio, ainda...

— E Laura? perguntei estouvadamente.

Fausto voltou-se de golpe, ferido pela pergunta. Encarou-me a fito, vacillante em revelar-me o fundo de sua alma. Depois, como atravessássemos um sombrio pedaço de caminho, com baranco acima, avenças viçosas, samambaias e begonias agrestes, disse, apontando para aquillo:

— Sabes o que é uma face noruega? Cá a tens. Não bate o sol. Muita folha, muito viço, verdes carregados, mas nada de flores ou fructos. Sempre esta frialdade humida. Laura... é como um raio de sol matutino que folga e ri na face noruega da minha vida...

Calou-se, e até a casa não mais pronunciou uma só palavra.

Compreendi a situação do meu querido Fausto, e não lhe invejei as riquezas adquiridas por semelhante preço.

Deixei o Paraíso, que assim chamavam á fazenda, com tres impressões n'alma: deliciosa, a da menina dos bolinhos, no seu avental azul, corada como as romãs; penosa, a da megéra entrevistada na criatura feia e má, rica o sufficiente para adquirir marido como quem adquire na feira um animal de luxo. A terceira não a define ahí qualquer adjectivo espipado, complexa, subtil em demasia para caber em moldes vulgares. Era o vago presentir de uma equação sentimental cujos

ermos — o raio de sol, a face noruega e o meu Fausto — vagamente perambulavam dentro da minha imaginativa, ás cabriolas.

Nunca tornei áquellas paragens, nem por longo tempo tive qualquer notícia de nenhum dos tres.

Este mundo, entretanto, é uma bola pequenina. Volvidos vinte annos estava eu parado diante duma vitrina no Rio quando alguém me cotou as costellas.

— Tu, Fausto!

— Eu, sim, Bruno!

Envelhecera Fausto quarenta annos naquelles vinte de desencontro e o tempo murchara-lhe a expansibilidade folgazã. Emquanto palestravamos, uma a uma subiam-me á tona da memoria as cenas e pessoas do Paraíso, a fascinante Laurita frente. Perguntei por ella, em primeiro.

— Morta! foi a resposta secca e torva.

Como nas horas claras do verão, nuvem errática, tapando ás subitas o sol, põe na paizagem soa-neira manchas mormacentas de sombra, assim aquella palavra nos velou a ambos a alegria do encontro.

— E tua mulher? Os filhos?

— Morta, a mulher. Os filhos, por ahi, casados uns, o ultimo inda commigo.

E depois:

— Meu caro Bruno, o dinheiro não é tudo na vida, e principalmente não é para-raios que nos honha a salvo de coriscos a cabeça. Moro á rua tal; apparece lá á noite que te contarei a minha historia — e gaba-te, pois serás a unica pessoa

no mundo a quem revelarei o inferno que me saiu o Paraíso...

Eis o que no dia seguinte ouvi em sua casa:

“Quando a febre amarella em Campinas orphanou Laurita, eu, como o parente melhor condicionado, trouxe-a para minha companhia. Teria ella cinco annos e já prenunciava nas graças infantis a encantadora menina que seria.

Eu estava casado de fresco e errara no casamento. Minha mulher — não o suspeitaste naquele jantar? — era uma criatura visceralmente má.

O “má” na mulher diz tudo; dispensa maior gasto de expressões. Quando ouvires de uma mulher que é má, não peças mais: foge a sete pés. Se eu fôra refazer o Inferno, acabaria com tantos circulos que lá poz o Dante, e em lugar delles metteria de guarda aos precitos uma duzia de megéras. Haviam de ver que paraíso eram em comparação, os circulos...

Confesso que não casei por amor. Estava bacharel e pobre. Vi pela frente o marasmo das promotorias e a victoria rapida do casamento rico. Optei pela victoria rapida, descurioso de sondar para onde me levaria a aurea vereda. O dote grande, valia, ou pareceu-me valer o sacrificio. Errei. Com a experiencia de hoje agarrava a mais réles das sinecuras. O viver que levamos não o desejo como castigo ao peor scelerado.

— A face noruega!...

— Era exacta a comparação, gelida como nos corria a vida conjugal, no periodo em que, illudidos, contemporizavamos, tentando um equilibrio impossivel. Depois tornou-se-me infernal.

Laura, á proporção que desabrochava, reunia em si quanta formosura de corpo, alma e espirito um poeta concebe em sonhos para metter em poemas.

Conluiava-se n'ella a belleza do diabo, propria da idade, com a belleza de Deus, permanente — e o pobre do teu Fausto, um exilado em fria Siberia matrimonial, coração virgem de amor, não teve não de si, succumbiu. No peito que suppunha calcinado viçou o perigosissimo amor dos trinta annos.

O vel-a deslizando pela casa como a fada mimosa da triste mansão, ora a florir um vaso, ora a ameigar os pequenos, já curando os doentes pobres da fazenda, sempre irradiando em roda de si felicidade e graça, foi-se-me tornando a razão do viver. Todas as generosidades e todas as coragens dos annos adolescentes borbulharam no meu peito. Compreendi a minha desgraça: era um cégo a quem restituíam os olhos e que, deslumbra-do via, do fundo de um carcere, através de reixas encruzadas, a aurora, a luz, a vida — tudo inacces-sível... Victimava-me a peor casta de amor — o amor secreto...

Correram mezes.

Ao cabo, ou porque me trahisse o fogo interior, ou porque o ciume desse á minha mulher uma visão de lynce, tudo leu ella dentro de mim como se o coração me pulsasse num peito de crystal.

Conheci, então, um lugubre pedaço da alma humana: — a caverna onde moram os dragões do ciume e do odio.

O que escabujou minha mulher contra os “amasios”!

A caninana envolvia no mesmo insulto a inocencia ignorante e a nobreza d'um sentimento purissimo, recalcado no fundo do meu ser.

Intimou-me a expulsal-a incontinenti.

Resisti.

Afastaria Laura, mas não com a bruteza exigida, de modo a me trahir perante ella e todo o mundo. Era a primeira vez que eu depois de casado resistia, e tal firmeza encheu de assombro a “senhora”. Tenho cá na visão o riso de desafio que nesse momento lhe crispou a bocca, e na alma as cicatrizes das ascuas que espirraram aquelles olhos.

Apanhei a luva.

Estas guerras conjugaes de portas a dentro!... Não ha'hi lucta civil que se lhes compare em crueza. Na frente de estranhos, de Laura e dos filhos, continha-se.

Maltratava a pobre menina, mas sem revelar a verdadeira causa da perseguição. A sós comigo, porém, que inferno!

Durou pouco isso. Escrevi a parentes, e concertava a arrumação de Laura, quando...

Não te recordas do bosque de pinheiros plantado em seguimento ao pomar?

— O pinhal d'Azambuja! (1).

— Foi o nome que lhe puz, como andassem uns lagartões, seus freguezes, a me pilharem as

(1) Certo bosque de Portugal onde se juntavam bandidos

apoeiras. Este pinhal era o passeio favorito de Laura. Emboscava-se nelle com um livro ou com a costura, e dess'arte socegava um momento da innerneira domestica.

Um dia em que sahi á caça, menos pela caçada do que para retemperar-me da guerra caseira a paz das mattas, ao montar a cavallo vi-a dirir-se para lá, com o cestinho dos bordados na mão.

Demorei-me mais do que o usual, e em vez de paca trouxe uma longa meditação desanimadora, feita de papo acima, ainda me lembro, sob fronde de enorme guabirobeira.

Ao pisar no terreno vi que as crianças me esperavam na escada, assustadinhas.

— Papae não viu Laura?

— Laura?...

Estranhei a pergunta, e mais vendo aproximar-se a velha Lucrecia, que disse:

— Não vá ter acontecido alguma para Nha Laurita, patrão! Sahiu cedo, antes do café, já é quasi noite e até agora nada de voltar.

— A senhora... comecei eu a perguntar, não sabia ainda o que.

— Sinhá está no quarto. Andou pelo pomar, voltou e se trancou por dentro. Não quer enxergar ninguém, parece que comeu cobra!...

O coração palpitou-me violento e sahi em procura de Laurinha. Indaguei no terreiro: ninguem a vira. Lembrei-me do pinhal e organizei uma alvoroçada batida ao bosque. Com fachos incendi-

dos de galhaça morta quebramos a escuridão reinante.

Nada!

Eu desanimava já de encontral-a por ali quando um capataz, desgarrado á frente, gritou:

— Está aqui um cestinho!

Corremos todos. Estava o cestinho de costura de Laura e, mais adiante... o corpo frio da menina.

Morta, a bala!

A blusa entreaberta mostrava no entreseio uma ferida: um pequeno furo negro, donde fluia para as costellas fina estria de sangue. Ao lado da mão direita inerte, o meu revólver.

Suicidara-se...

Não te digo o meu desespero. Esqueci mundo, conveniencias, tudo, e beijei-a longamente, entre arquejos e sacões de angustia.

Trouxeram-na a braços. Em casa minha mulher, então grávida, recusou-se a ver o cadáver com o pretexto do estado, e Laura desceu á cova sem que ella por um só momento deixasse a clausura. Note você isto: "Minha mulher não viu o cadáver da menina".

Dias depois, humanizou-se. Deixou a cella, voltando á vida do costume, muito mudada de genio, entretanto. Cessara a exaltação ciumenta do odio, sobrevindo em lugar um mutismo sombrio. Pouquissimas palavras lhe ouvi d'ahi por deante.

A mim, o suicidio de Laura, sobre abalar-me o organismo como o peor dos terremotos, preocupava-me como insolúvel enigma.

Não comprehendia aquillo.

Suas ultimas palavras em casa, seus ultimos actos, nada induzia o horrivel desenlace. Porque mataria Laura? Como conseguira o revólver, guardado sempre no meu quarto, em lugar só de mim e de minha mulher sabido?

Uma inspecção nos seus guardados não me esclareceu melhor; nenhuma carta ou escripto incicioso.

Mysterio!

Mas correram os mezes e, um bello dia, minha mulher deu á luz um menino.

Que tragedia! Dóe-me a cabeça o recordal-a. A velha Lucrecia, auxiliar da parteira, foi quem veio á sala com a noticia do bom successo.

— Desta vez foi um meninão! disse ella. Mas nasceu marcado...

— Marcado?

— Tem uma marca no peito, uma cobrinha ral de cabeça preta.

Impressionado com a exquisitice, dirigi-me para o quarto. Acerquei-me da criança e desfiz as fendas o necessario para examinar-lhe o peitinho. Vi... vi um estigma que reproduzia fielmente o arrimamento de Laurinha: um nucleo negro, imitante do furo da bala, e a "cobrinha", uma estria vermelha, enviezada pelas costellas abaixo.

Um raio de luz inundou-me o espirito. Comprehendi tudo. O feto em formação nas entranhas da mãe fôra a unica testemunha do crime e, mal nascido, denunciava-o com esmagadora evidencia.

— Ella já viu isto? perguntei á parteira.

— Não! Nem é bom que veja antes de sarada.
Não me contive.

Escancarei as janellas, derramei ondas de suor no aposento, despi a criança e ergui-a ante os olhos da mãe, dizendo com frieza de juiz:

— Olha, mulher, quem te denuncia!

A parturiente ergueu-se de golpe, recuou de testa as madeixas soltas e cravou os olhos no estigma. Esbugalhou-os, como louca, á medida que lhe comprehendia a significação. Depois, ergueu os de golpe, e aquelles olhos duros pela primeira vez se turvaram ante a fixidez inexoravel dos meus. Em seguida molleou o corpo, descahindo para os travesseiros, vencida.

Sobreveio-lhe uma crise á noite. Acudiram médicos. Era febre puerperal sob fórma gravissima.

Minha mulher recusou obstinadamente qualquer medicação e morreu sem uma palavra, fór as inconscientes, escapas nos momentos de delirio...

Mal concluirá Fausto a confidencia daquelles horrores, abriu-se a porta e entrou na sala um rapazinho imberbe.

— Meu filho, disse o pae, mostra ao Bruno tua cobrinha.

O moço desabotoou o collete e entreabriu a camisa. Pude, então, ver o estigma.

Era perfeita a illusão: lá estava a imagem do orificio aberto pelo projectil e do fio de sangue escorrido.

— Veja você, concluiu o meu triste amigo, os caprichos da Natureza...

— Caprichos de Némesis... ia eu dizendo, mas o olhar do pae cortou-me a palavra: o moço ignorava o crime de que fôra elle proprio o eloquente delator.

O DRAMA DA GEADA

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entangida de frio. Em todas as folhas o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retransidos, detendo fumaça pela bocca.

Frio. Frio de geada, desses que matam passarinhos e nos põem sorvete dentro dos ossos.

Sahiramos cedo, a ver cafezaes, e ali parámos no visio do espigão, ponto mais alto da fazenda. O major, dobrando o joelho sobre a cabeça do soco do, voltou o corpo para o mar de café aberto ante nossos olhos e disse, num gesto largo:

— Tudo obra minha, veja!

Vi. Vi e comprehendí-lhe o orgulho, sentindo-me orgulhoso também de tal patricio. Aquelle desbravador de sertões era uma força criadora dessas que ennobrecem a especie humana.

— Quando adquiri esta gleba, era tudo mata virgem, de ponta a ponta. Roci, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei vallos, estiquei arame, construi pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café — fiz tudo. Trabalhei como negro cativo durante quatro annos a fio. Mas venci. A fazenda está formada, veja!

Vi. Vi o mar de café ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras de absoluta regularidade. Nem uma falha! Era um exercito em pé de guerra. Mas, bisonho ainda. Só no anno vinzeiro entraria em campanha. Até ali, os primeiros soldados não passavam de escaramuças de colheita. O major, chefe supremo do exercito verde por elle creado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos onus da formação, tinha o olhar orgulhoso de pae diante de filhos que o mentem á estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma coisa séria no mundo. Sua energia crêa. Cada fazenda é uma victoria sobre a fereza retractil dos elementos brutos, colligados na defesa da virgindade aggredda. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poetas, mas muita epopéa por ahi que não vale a destes heróes do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é proeza formidable. Alterar a ordem da natureza, vencel-a, impor-lhe uma vontade, canalizar-lhe as forças de accordo com um plano pre-estabelecido, dominar a replica eterna do matto damnninho, disciplinar os homens da lide, quebrar a força das vagas... batalha sem tréguas, sem fim, sem momento de repouso e, o que é peor, sem a certeza da victoria. Colhe-a muitas vezes o credor, o onzeneiro que adeantou uns patacos carissimos e ficou a seu salvo na cidade, de cócoras num culo de hypotheca, espiando o momento opportuno de cahir sobre a presa, como um gavião.

— Realmente, major, isto é de enfundar o pei-
! E' deante de espectaculos destes que vejo a

ha fugir sob penas de gravissima
futuras, daria um in-folio d'alto
Roméro bastante operoso que se p
pendial-o.

Num parto difficil nada tão
gular tres caroços de feijão mour
parturiente veste pelo avesso a c
e põe na cabeça o seu chapéu, tan
Falhando esta sympathia, ha u
curso: collar no ventre encrúado
Benedicto.

Nesses momentos angustios
não penetre no quarto sem prime
fogo, nem traga na mão caça ou
morreria pagã.

A omissão de qualquer des
chover mil desgraças sobre a ca
recel-nascido.

A posse de certos objectos
brenaturaes. A invulnerabilida
cargas de chumbo é obtida gra
mambaia.

Esta planta, conta Jéca, só
por anno, e só produz em cada
flôr. Isto á meia-noite, no dia d
E' preciso ser muito mofino par
tambem o diabo lhe anda á cat
pegar uma, ouve logo um est
cheiro do enxofre — mas livra-s
bo pelo resto da vida.

Todos os volumes do Larous
para catalogar-lhes as crendices
linhas divisorias entre estas e a

[illegible]

...the
... ..
... ..
... ..
... ..

Ja não se fala no campo-
co, filho de alfornes minores,
as florações esteticas. Nas
jil: a meio atolado em heroi-
rios nacionaes da Ucrania, um
sarapantado da ornamenta-
quidade do primitivo, as aben-
transas, as heroi-

a serre
ombria
da de
uja ga-
adhe-

poetas
tunnel
nte es
ito aos
o obre
ante a
horro
do.

mesquinha dos que lá fóra, commodamente parasitam o trabalho do agricultor.

— Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um socio voraz que me lambe, elle só, um quarto de producção: o governo. Sangram-na, depois, as estradas de ferro — mas desta não me queixo, pois dão alguma coisa em troca. Já não digo o mesmo dos tubarões do commercio, esse cardume de intermediarios que começa ali em Santos, no zangão, e vae numa cadeira até o torrador americano. Mas não importa! O café dá para todos, até para a besta do productor... concluiu, pilheirando.

Tocámos os animaes a passo, com os olhos sempre presos no cafezal interminado. Sem um defeito de formação, as parallelas de verdura ondevam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem ao longe em massa uniforme. Verdadeira obra d'arte em que o homem, sobrepondo-se a natureza, lhe impunha o rythmo da symetria.

— No entanto, continuou o major, a batalha ainda não está ganha. Contrahi dividas; a fazenda está hypothecada a judeus francezes. Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza, depois de subjugada, é mãe: mas o credor é sempre carasco...

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, com galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres arvores! Que destino triste, verem-se um dia arrancadas á vida em commum e insuladas na ver

ura rastejante do café, como rainhas escravas á bola de um carro de triumpho! Orphãs da matta nativa, como não hão de chorar o conchego de outróra? Vêde-as. Não têm o desgarre, o frondoso de copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhecimento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada em proporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em publico, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder. O excesso de ar as atordôa, o excesso de luz as martyriza — afeitas que estavam ao espaço exíguo e á penumbra somnolenta dum *habitat* miliario.

Fazendeiros desalmados — não deixai nunca arvores núas pelo cafezal... Cortae-as todas, que nada mais pungente do que forçar uma arvore a ser grotesca.

— Aquella perobeira ali, disse o major, deixei-a para assignalar o ponto de partida deste ta-hão. Chama-se a peroba do Ludgero, um bahiano valente que morreu ao pé della, estrepado numa jissara...

Tive a visão do livro aberto que seriam para o fazendeiro aquellas paragens, e disse:

— Como tudo aqui lhe ha-de falar á memoria!

— E' isso mesmo. Tudo me fala á recordação. Cada tôco de pau, cada pedreira, cada volta do caminho tem uma historia que sei, tragica ás vezes, como essa da peroba, ás vezes comica — pittoresca sempre. Ali... — está vendo aquelle tôco de jerivá? Foi por uma tempestade de fevereiro. Eu abrigara-me num rancho coberto de sa-

pé, e lá, em silencio, esperavamos, eu e a turma, o fim do diluvio, quando estalou um raio quasi em cima das nossas cabeças.

— “Fim do mundo, patrão!” — lembro-me que disse, numa careta de pavor, o defunto Zé Coivara... E parecia!... Mas foi apenas o fim de um velho coqueiro, do qual resta hoje — *sic transit*... esse pobre tôco... Cessada a chuva, encontrámo-lo desfeito em ripas.

Mais adeante abria-se a terra em bossoróca vermelha, esbarrondada em colleios até morrer no correjo. O major apontou-a, dizendo:

— Scenario do primeiro crime commettido na fazenda. Rabo de saia, já se sabe. Nas cidades e na roça, pinga e saia são o movel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui, dois cearenses. Um acabou no lugar; outro cumpre pena na correição. E a saia, muito contente de vida, mora com o *tertius*... A historia de sempre.

E assim, de evocação em evocação ás suggestões que pelo caminho iam surgindo, chegámos á casa de moradia onde nos esperava o almoço. Almoçámos, e não sei se por bôa disposição criada pelo passeio matutino ou por merito excepcional da cozinheira, o almoço desse dia ficou-me na memoria gravado para sempre. Não sou poeta, mas se Apollo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira, juro que antes de cantar Lauras e Natercias hei-de fazer uma belleza de ode á lingua com angú de fubá mimoso desse almoço sem par, unica saudade gustativa com que descerei ao tumulo...

Em seguida, enquanto o major attendia á correspondencia sahi a espairecer pelo terreiro, onde

ne puz de conversa com o administrador. Soube por elle da hypotheca que onerava a fazenda e da possibilidade de outro, não o autor, vir a colher fruto do penoso trabalho.

— Mas isso, esclareceu o homem, só no caso de muito azar — chuva de pedra ou geada, daquelas que não vêm mais.

— Que não vêm mais, por que?

— Porque a ultima geada grande foi em 95. Dahi para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguem plantava café onde o plantamos hoje. Era só de meio morro acima. Agora, não. Viu aquelle cafezal do meio? Terra bem baixa; no entanto, se bate geada ali é sempre coisinha — um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a divida e fica o fazendeiro mais “prepotente” do municipio.

— Assim seja, que grandemente o merece, conclui.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vendo brincar os leitõezinhos e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a ultima demão de tinta. Por que se a que as pintam sempre de verde?

Incapaz por mim de solver o problema, interelli o preto, que não se embaraçou e respondeu, sorrindo:

— Pois veneziana é verde como o céu é azul. da natureza della...

Acceitei a theoria e entrei.

A' mesa a conversa girou em torno da geada.

— E' o mez perigoso, este, disse o major. O mez da afflicção. Por maior firmeza que tenha um homem, treme neste epoca. A geada é um eterno pesadelo. Felizmente a geada não é mais o que era dantes. Já nos permite aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombras plantavam um só pé de café. Mas, apesar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha. Virá? Não virá? Deus sabe!...

Seu olhar mergulhou pela janella, numa sondagem profunda ao céu limpidio.

— Hoje, por exemplo, está com geito. Este frio fino, este ar parado...

Ficou a scismar uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

— Não vale a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está escripto no livro do destino.

— Livra-te dos ares!... objectei.

— Christo não entendia de lavoura, replicou o fazendeiro, sorrindo.

E a geada veio. Não geadinha mansa de todos os annos, mas calamitosa geada cyclica, trazida pelas ondas de frio do sul.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol bo real, tiritante. E a noite cahira sem preambulos.

Deitei-me cedo, batendo o queixo e na cama, apesar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma bôa hora antes que ferrasse no somno. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada.

ada. Sentindo-me enregelado, com os pés a doer, ergui-me para um exercício violento, unico remédio efficaz em casos desses. Sahi para o terreiro.

O relento estava de cortar as carnes — mas que maravilhoso espectáculo! Brancuras por toda parte. Chão, arvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atalhado branco. As arvores immoveis, inteiriçadas de frio, pareciammersas dum banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Aguas envidradas. As roupas dos varaes, ásas, como endurecidas em gomma forte. As panhas dos terreiros, os sabugos de ao pé do côcho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das tabuas — tudo polvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um sacco de farinha. Maravilhoso quadro! Invariavel que a nossa paizagem, sempre nos mesmos tons o anno inteiro, encantava sobremodo vel-a de subito mudar e vestir-se dum esplendoroso véu de noiva — noiva da morte, ai!...

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da scena. O maravilhoso quadro de bonho breve morreria, apagado da tela pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes e faces de batedeira andavam-lhe os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas verdes no branco da seada, dilatavam-nas, entremostrando nesgas do verde submerso.

Só nas baixadas, encostas noruegas ou sitios ombreados pelas arvores, é que a brancura persistia ainda, contrastando sua nitida frialdade com os tons quentes resurrectos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção do fegoso Phebo, pressada de mais, iria transformar em desastre

horroroso a nevada daquelle anno — a maior de quantas deixaram marca nas embaubeiras de São Paulo.

A resurreição do verde fôra apparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, por toda a parte, a vestimenta do sólo seria um burel immenso, com a sepia a mostrar a gamma inteira dos seus tons reseccos. Pontilhal-o-iam apenas, cá e lá, o verde-negro das laranjeiras e o esmeraldino sem-vergonha da vassourinha.

Quando regressei, sol já alto, estava a casa retransida no pavor das grande castastrophes. Só então me acudiu que o bello espectaculo que eu até ali só encarara pelo prisma esthetico, tinha um reverso tragico: a ruina do heroico fazendeiro. E procurei-o, ansioso.

Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me a mulher; de manhã, mal clareara, fôra para a janella, e lá permanecera immovel, observando o céu através dos vidros. Depois sahira sem ao menos pedir café, como de costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar — onze horas, e nada — a familia entrou-se de apprehensões.

Meio-dia. Uma hora, duas, tres — e nada.

O administrador, que a mandado da mulher sahira a procural-o, voltou á tarde, mas sem noticias.

— Bati tudo, nem rasto. Estou com medo da alguma coisa... Vou espalhar gente por ahi, a cata.

D. Anna, afflicta, de mãos enclavinadas, só dizia isto:

— Que será de nós, santo Deus! Quincas é capaz duma loucura...

Puz-me em campo também, em companhia do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grótas em todas as direcções — inutilmente.

Cahiu a tarde. Cahiu a noite — a noite mais lugubre de minha vida — noite de desgraça e afflicção.

Não dormi. Impossivel conciliar o somno naquelle ambiente de dôr, sacudido de chôro e soluços.

Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo.

Rompeu a manhã, glacial como a da vespera. Tudo appareceu géado novamente.

Veio o sol. Repetiu-se a mutação da scena. Esvaiu-se a alvura, e o verde torrado da vegetação envolveu a paizagem num sudario de desalento.

Em casa repetiu-se o corre-corre do dia anterior — o mesmo vae-vem, os mesmos “quem sabe?”, as mesmas pesquisas inuteis.

A’ tarde, porém — tres horas — um camara-da appareceu esbaforido, gritando de longe, no terreiro:

— Encontrei! Está perto da bossoróca!...

— Vivo? perguntou o capataz.

— Vivo, sim, mas...

D. Anna surgira á porta e ao ouvir a bôa nova exclamou, chorando e sorrindo:

— Bemdito sejas, meu Deus!

Minutos depois partimos todos de rumo á bos-soróca e a cem passos della avistámos um vulto ás voltas com os caféiros requeimados. Aproximámo-nos. Era o major. Mas em que estado! Roupas em frangalhos, cabellos sujos de terra, olhos vitreos e desvairados. Tinha nas mãos uma lata de tinta e uma brocha — brocha do pintor, que andava a olear as venezianas. Compreendi o latido dos cães á noite...

O major não deu fé da nossa chegada. Não interrompeu o serviço: *continuou a pintar, uma a uma, do risonho verde esmeraldino das venezianas, as folhas requeimadas do cafezal morto...*

D. Anna, estarrecida, entreparou attonita. Depois, compreendendo a tragedia, rompeu em choro convulsivo. "Louco!"

UMA HISTORIA DE MIL ANNOS

— *Hu... hu...*

E' como nos invios da matta soluça a juruty.

Dois *hus* — um que sóbe, outro que desce.

O destino do *u!*... Velludo verde-negro transmutado em som — voz das tristezas sombrias. Os aborígenes, maravilhosos denominadores das coisas, possuíam o senso impressionista da onomatopéa. *Urutáu, urú, urutú, inambú* — que sons definirão melhor essas creaturinhas solitárias, amigas da penumbra e dos recessos?

A juruty, pombinha eternamente magoada, é toda *us*. Não canta, geme em *u* — geme um gemido avelludado, lilaz, sonorização dolente da saudade.

— O caçador passarinho sabe como ella morre sem lucta e com meiguice ao minimo ferimento. Morre em *u*...

Já o sanhaço é todo *as*. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia, lancinante.

A juruty apaga-se como chamma de algodão. Fragil torrão de vida, extingue-se como se extingue a vida do torrão de assucar ao simples contactos da agua. Um *u* que se funde.

Como vivem e morrem jurutys, assim viveu e morreu Vidinha, a linda creança afinada em u. E como não seria assim, se era Vidinha uma juruty humana — meiguice feita menina-e-moça, begonia sensível dos grotões?

Que amiga dos constrates é a natureza!

Alli naquelle barranco penhasquento crescem no arido as samambaias. Rijas, asperas, corajosas, resistem aos ventos, aos enxurros, ao cargueiro que as esbarra, ao viandante distraído que as chicoteia. Batidas, reerguem-se. Cortadas, rebrotam. Esmagadas, revicam. Cynicas!

Mais adeante, na grotta fria onde tudo é sombra e cerração, ergue-se, a espaços, entremeio dos cahetés valentes e dos fetos rendados, a solitaria begonia.

Timida, fragil, o menor contacto a magôa. Toda ella — caule, folhas, flores, é a mesma carne tenra de creança.

Sempre os contrastes.

Os eleitos da sensibilidade, os martyres da dor — e os fortes. A juruty e o sanhaço. A begonia e a samambaia.

Vidinha, a innocente creança, era juruty e begonia.

O Destino, como os sabios, tambem faz suas experiencias. Permite vidas a titulo de experiencia, na tentativa de acclimar na terra seres que não são da terra.

— Vingarâ Vidinha, solta no mundo em meio da alcatêa humana?

Janeiro. Dia de mormaço a envolver o mundo
b a curva do ceu immensamente azul.

A casa onde mora Vidinha é a unica das cer-
nias — garça pousada no oceano verde-sujo das
mambaias e sapezeiros.

Que terra!

Ondula em mamelões verdoengos até encon-
ar o céu, longe, no horizonte.

Hispidéz, aridez — terra outróra bemdita que
homem, senhor do fogo, transfez em deserto
maldichoado.

Os olhos pervagam: cá e lá, até nos confins,
mpre o chamalote verde-oliva da samambaia as-
ra — esse musgo da esterilidade.

Entristece, aquillo.

Cansa a vista o sem-fim da morraria núa de
viores — e o consolo é pousar os olhos na pom-
nha branca da casinhola.

Como a cal das paredes scintilla ao sol!

E como nos enleva a alma sua pequenina mol-
ura de arvores domesticas! Aquelle pé de espir-
deira todo florido; o cercado de taquara; a hor-
; o canteirinho de flores; o poleiro das aves nos
ndos, sob a fronde da guabiroba...

Vidinha é a manhã da casa.

Vive entre duas estações: a mãe — um outono,
o pae — inverno em começos.

Alli nasceu e cresceu. Alli morrerá.

Innocente e ingenua, do mundo só conhece o
entimetro quadrado de mundo que é o pequeno
tio paterno.

Imagina as coisas — não as sabe. O homem: é seu pae. Quantos homens haja, todos serão assim: bons e paes. A mulher: sua mãe — um tudo.

Bichos? O gato, o cão, o gallo indio que canta pela alvorada, as gallinhas suras.

Sabe, por ouvir dizer, de outros muitos: da onça — gatão feroz; da anta — bicho enorme; da capivara — porco dos rios; da sucury — cobra “desta” grossura! Vealdos e pacas já viu diversos, mortos nas caçadas.

Fóra d'aquelle ermo onde está o sitio, é o mundo. Ha nelle cidades — casas e mais casas, pequenas e grandes, em linha, com estradas pelo meio a que chamam ruas. Nunca as viu, sonha-as. Sabe que moram nellas os ricos, seres de outra raça, poderosos, que comprem fazendas, plantam cafezaes e mandam em tudo.

As idéas que povoam sua cabecinha, bebeu-as alli na conversa caseira dos paes.

Um Deus no céu, bom, immenso, que tudo vê, e ouve até o que a bocca não diz. Ao lado d'elle, Nossa Senhora, tão boa, resplandecente, rodeada de anjos...

Os anjos! Creanças de asas e longas tunicas esvoaçantes. No oratorio da casa ha o retrato de um.

Seus prazeres: a vida da casa, os incidentes do terreiro.

— Venha ver, mamãe, depressa!...

— Alguma bobagem...

— ... o pintinho sura trepado nas costas do capão, tenteando-se com as asinhas! Venha ver que galanteza. Ei, ei... cahiui!

Ou:

— Brinquinho quer por força pegar a cauda. Está que parece um pião, corropiando.

E' bonita? Vidinha o ignora. Não se conhece, não faz de si nenhuma idéa. Se nem espelho possui...

E', no entanto, linda, dessa lindeza das telas raras que jazem fóra de moldura nos desvãos escuros. Vestida á maneira dos pobrezinhos, vale o que não está vestido: o corado das faces, a expressão de innocencia, o olhar de creança, as mãos inquietas.

Tem a belleza das begonias silvestres.

Deem-lhe um vaso de porcelana e scintillará.

Cinderella, a eterna historia...

O pae vive na lucta silenciosa contra a aridez do solo, disputando ás formigas, ás geadas, á esterilidade umas colheitinhas curtas.

Não importa. Vive contente.

A mãe moureja o dia inteiro nos trabalhos da casa. Cose, arruma, remenda, varre.

E Vidinha, entre elles, orchidea que floriu em tronco rude, brinca e sorri. Brinca e sorri com seus amigos: o cão, o gato, os pintos, as rolas que descem ao terreiro. Em noites escuras vêm visitá-la, cirandando em torno á casa, seus amiguinhos luminosos — os vagalumes.

Os annos passam. Os botões se fazem flôr.

Um dia Vidinha entrou a sentir vagas perturbações de alma.

Fugia aos brinquedos e scismava.

A mãe notou a mudança.

— Em que está pensando, menina?

— Não sei. Em nada... e suspirou.

A mãe observou-a inda uns tempos e disse ao marido:

— E' lado de casar Vidinha. Está moça. Já não sabe o que quer.

Mas, casal-a como? Com quem? Não havia alli vizinhos, naquelle deserto, e a creança corria o risco de estiolar-se como flor esteril sem que os olhos de homem casadoiro puzessem reparo em seus encantos.

Não será assim, todavia. O Destino levará por deante sua cruel experiencia.

O lobo fareja de longe a menina da capinha vermelha.

A begonia daquelle deserto, filha das selvas, será caça. Será caçada por um caçador...

Está na idade; tudo são flores em sua alma e em seu corpo; está na idade do sacrificio.

O caçador não tardará.

Vem perto, piando de inambú, com espingarda nas mãos. Trocará de bom grado, vão ver, os inambús perseguidos pela innocente juruty incauta.

— O' de casa!

— ??

— Venho de longe. Perdi-me nestes carras-caes, coisa de dois dias, e não posso commigo de canseira e fome. Venho pedir pousada.

Os ermitões do samambaial acolheram de braços abertos o transviado gentil.

Bonito moço da cidade. Bem falante, maneiro-so — uma seducção!

Como são bellos os gaviões caçadores de innocencias...

Deixou-se ficar a semana inteira. Contava coisas maravilhosas. O pae esquecia a roça para ouvir-o, e a mãe desleixava da casa. Que sereia!

No pomar, sob o docel das laranjeiras abo-toadas.

— Nunca pensou em sahir daqui?

— Sahir? Aqui tenho casa, pae, mãe — tudo...

— Acha muito isso? Oh, lá fóra é que é o lindo! Que maravilha é lá fóra! O mundo! As cidades! Aqui é o deserto, prisão horrivel, aridez, melancolia...

E contava contos das mil e uma noites sobre a vida das cidades. Dizia do luxo, da magnificencia das festas, das pedrarias que scintillam, das sedas que acariciam o corpo, dos theatros, da musica inebriante.

— Mas isso é sonho!...

O principe confirmava.

— A vida lá fóra é um sonho.

E desfiava rosarios inteiros de sonhos.

Vidinha, num deslumbramento, murmurava:

- E' lindo! Mas tudo é só para os ricos.
— Para os ricos e para os formosos. Belleza vale mais que riqueza — e Vidinha é bella!
— Eu!?...
O espanto da creança...
— Bella, sim — e riquissima, se o quizer. Vidinha é diamante a lapidar. E' Cinderella, hoje no borralho, amanhã princeza. Seus olhos são estrelas de velludo.
— Que idéa...
— Sua bocca, ninho de colibri feito para o beijo...
— !...

A iniciação começa. E tudo na alma de Vidinha se aclara. As idéas vagas se definem. Os hieroglyphos do coração se decifram.

Comprehende a vida, afinal. Sua inquietação era amor, em casulo ainda, a agitar-se nas trevas. Amor sem objecto, perfume sem destino.

O amor é febre da idade, e Vidinha chegara á idade da febre sem o saber. Sentia-lhe o queimor no coração, mas ignorava. E sonhava.

Tinha agora a chave de tudo. O principe encantado viera afinal. Estava alli elle, o grande mago de palavras maravilhosas, senhor do Sésamo do Palacio da Felicidade.

E o casulo do amor rompeu-se — e a chrysalida do amor, ebria de luz, fez-se ardente borboleta de amor...

O gavião da cidade, fino de fardo, havia descido no momento opportuno. Dizia-se doente e ia fi-

cando. Sua doença chamava-se — desejo. Desejo de caçador. Ansia de caçador por mais uma perdiz.

E a perdiz veio-lhe para as garras, fascinada pela estonteante miragem do amor.

O primeiro beijo...

A florada maravilhosa dos beijos...

O ultimo beijo, á noite...

Pela manhã do decimo dia:

— Que é do caçador?

Fugira...

Já não rescendem os manacás. São negras as flores do jardim. Não brilham as estrellas do céu. Não cantam os passarinhos. Não apparecem vagalumes. A luz do sol não illumina. A noite só traz pesadelos.

Uma coisa só não mudou: o *hu, hu* magoado da juruty lá no recesso das grotas sombrias.

Os dias de Vidinha são agora vagueios agitados pelo campo.

Detem-se ás vezes ante uma flor, de olhos parados, como recrescidos no rosto. E monologa mentalmente:

— Vermelha? Mentira. Cheirosa? Mentira. Tudo mentira, mentira, mentira...

Mas Vidinha é juruty, corpo e alma afinados em *u*. Não desespera, não luta, não explode.

Chóra por dentro e definha. Begonia silvestre que o passante brutal chicoteou, dobra no hastil

quebrado, pende para a terra e murcha. Chamma de algodão... Torrão de assucar...

Estava concluída a experiencia do Destino. Mais uma vez provava-se que não vive na terra o que não é da terra.

Uma cruz...

E d'alli por deante, se alguém falava em Vidinha, o velho pae murmurava:

— Era a nossa luz de alegria. Apagou-se...

E a mãe lacrimejante:

— Não me sae da memoria a ultima palavra della: "Agora um beijo, mamãe, um beijo *seu*..."

AS FITAS DA VIDA

Perambulavamos ao sabor da fantasia pela noite a dentro, atravez das ruas feias do Braz, quando nos empolgou a silhueta escura duma pesada mole tijolacea, com ares de usina vazia de machinismos.

— Hospedaria dos Immigrantes, informa o meu amigo.

— E' aqui, então...

Paramos a contemplal-a. Era alli a porta do Oeste paulista — Chanaan onde o ouro espirra do solo; era alli a ante-sala da Terra Roxa — essa California do rubidio, oasis côr de sangue coagulado onde cresce a arvore do Brasil de amanhã, uma coisa um pouco differente do Brasil de hontem, luso e pêrro; era alli o ninho da nova raça, liga, amalgama, juxtaposição de elementos ethnicos que temperam o néo-bandeirante industrial, anti-jéca, anti-modorra, vencedor da vida á moda americana.

Onde pairam os nossos Walt Whitmans, que não vêem estes aspectos novos do paiz e não os põem em cantos? Que chronica, que poema não daria aquella casa da Esperança e do Sonho! Por ella passaram milhares de criaturas humanas, de

todos os paizes e de todas as raças, miseraveis, sujas, com o estigma das privações impresso nas faces — mas reffloridas de esperança ao calor do grande sonho da America. No fundo, heróes, porque só os heróes esperam e sonham.

Emigrar: não existe fortaleza maior do que esta. Só os fortes atrevem-se a tanto. A miseria da terra natal cansa-os e elles se atiram á aventura do desconhecido, fiando na paciencia dos musculos a victoria da vida. E vencem.

Ninguem ao vel-os na Hospedaria, promiscuos, humildes, quasi mussulmanos na surpresa da terra estranha, imagina o potencial de energias nelles accumulado e só á espera de ambiente propicio para explosões magnificas.

Cerebro e braço do progresso americano, gritam o Sésamo ás nossas riquezas adormidas. Estados Unidos, Argentina, S. Paulo devem dois terços do que são a essa varredura humana, trazida a granel para aterrar os vazios demographicos das regiões novas. Mal cáe aqui, transforma-se, floresce, dá de si a apojadura farta com que se aleita a Civilização.

Aquella Hospedaria... Casa do Amanhã, corredor do Futuro...

Por alli desfilam, Inconscientes, os formadores duma raça nova.

— Dei-me com um antigo director desta almanjarra, disse o meu companheiro, ao qual ouvi muita coisa interessante acontecida cá dentro. Sempre que passo por esta rua, avivam-se-me na memoria varios episodios suggestivos, e entre elles

um, romantico, pathetico, que até parece arranjo para terceiro acto de dramalhão lacrimogeneo.

O romantismo, meu caro, existe na natureza, não é invenção dos Hugos; e agora que se fez cinema, posso assegurar-te que muitas vezes a vida plagia o cinema escandalosamente.

Foi em 1906, mais ou menos. Chegára do Ceará, então flagelado pela secca, uma leva de retirantes com destino á lavoura de café, na qual vinha um cego, velho de sessenta annos. Na sua categoria dolorosa de indesejavel, por que cargas d'agua déra com os costados aqui? Erro de expedição, evidentemente. Retirantes que emigram não merecem grande cuidado dos prepostos ao serviço. Vêm a granel, como carga incommoda que entope o navio e cheira mal. Não são passageiros, mas fardos de couro fresco com carne magra por dentro, a triste carne de trabalho, irmã da carne de canhão.

Interpellado o cego por um funcionario da Hospedaria, explicou sua presença por engano de despacho. Destinavam-no ao Asylo dos Invalidos da Patria, no Rio, mas pregaram-lhe nas costas a papeleta do "Para o eito" e lá veio. Não tinha olhos para guiar-se, nem teve olhos alheios que o guiassem. Triste destino o dos cacos de gente...

— Por que para o Asylo dos Invalidos? perguntou o funcionario. E' voluntario da Patria?

— Sim, respondeu o cego, fiz cinco annos de guerra no Paraguay e lá apanhei a doença que me poz a noite nos olhos. Depois que ceguei caí no desamparo. Para que presta um cego? Um gato sarnento vale muito mais.

Pausou uns instantes, revirando nas orbitas os olhos esbranquiçados. Depois:

— Só havia no mundo um homem capaz de me socorrer: o meu capitão. Mas esse, perdi-o de vista. Si o encontrasse — tenho a certeza! — até os olhos me era elle capaz de dar. Que homem! Minhas desgraças todas vêm de eu ter perdido meu capitão...

— Não tem familia?

— Tenho uma menina — que não conheço. Quando veio ao mundo, já meus olhos eram trevas.

Baixou a cabeça branca, como tomado de subita amargura.

— Daria o que me resta de vida para vel-a um instantinho só. Si o meu capitão...

Não concluiu. Percebera que o interlocutor já estava longe, attendendo ao serviço, e alli ficou, immerso na tristeza infinita da sua noite sem estrellas.

O incidente, entretanto, impressionára o funcionario, que o levou ao conhecimento do director. O director da Immigração era nesse tempo o major Carlos, nobre figura de paulista dos bons tempos, providencia humanizada daquelle departamento. Ao saber que o cego fôra um soldado de 70, interessou-se por elle e foi procural-o. Encontrou-o immovel, immerso no seu eterno scismar.

— Então, meu velho, é verdade que fez a campanha do Paraguay?

O cego ergueu a cabeça, tocado pela voz amiga.

— Verdade, sim meu patrão. Fui soldado do

— O 33 de S. Paulo? Como isso, si és do norte? objectou o major.

— Verdade, sim, meu patrão, explicou o cégo. Vim no 13, e logo depois de chegar ao imperio do Lopes entrei em fogo. Tivemos má sorte. Na batalha de Tuyuty nosso batalhão foi dizimado como milharal em tempo de chuva de pedra. Salvámo-nos, eu e mais um punhado de camaradas. Fomos então incorporados ao 33 paulista, para preenchimento dos claros, e nelle fiz o resto da campanha.

O major Carlos tambem era veterano do Paraguay, e por coincidencia servira no 33. Interessou-se, pois, vivamente pela historia do cégo, pondo-se a interrogar-o a fundo.

— Quem era o seu capitão?

O cégo suspirou.

— Meu capitão era um homem que si eu o encontrasse na vida até a vista me era capaz de restituir! Mas não sei delle, perdi-o — para mal meu...

— Como se chamava?

— Capitão Boucault.

Ao ouvir esse nome o major sentiu electrizar-se-lhe as carnes num arrepio intenso; dominou-se, porém, e proseguiu:

— Conheci esse capitão. Foi meu companheiro de regimento. Máu homem, por signal, duro com os soldados, grosseiro...

O cégo, até alli vergado na attitude humilde de mendigo, ergueu o busto altivamente e, com indignação a fremir na voz, disse com firmeza:

— Pare ahí! Não blaspheme! O capitão Boucault era o mais leal dos homens, amigo, pai do soldado. Perto de mim ninguém o insulta! Conheci-o em todos os momentos, acompanhei-o durante annos como sua ordenança e nunca o vi praticar o menor acto de vileza.

O tom firme do cego commoveu estranhamente o major. A miseria não conseguira romper no velho soldado as fibras da lealdade, e não ha espectáculo mais arrebatador do que o de uma lealdade assim vivedoira até aos limites extremos da desgraça. O major, quasi rendido, sobreesteeve-se por um instante. Depois, friamente proseguiu na experiencia.

— Engana-se, meu velho. O capitão Boucault era um covarde..

Um assomo de colera transformou as feições do cego. Seus olhos annueados pela cataracta revolveram-se nas orbitas, num horrivel esforço para ver a cara do infame detractor. Seus dedos crispam-se e todo elle retezou-se como féra prestes a desferir o bote. Depois, sentindo pela primeira vez em toda a plenitude a infinita fragilidade dos cégos, recahiu em si, esmagado. A colera transfez-se-lhe em dôr, e a dôr assomou-lhe aos olhos sob fórma de lagrimas. E lacrimejando murmurou em voz apagada:

— Não se insulta assim um cego...

Mal pronunciára estas palavras, sentiu-se apertado nos braços do major, também em lagrimas, que dizia:

— Abrace, amigo, abrace o seu velho capitão! Sou eu o antigo capitão Boucault...

Na incerteza, aparvalhado ante o imprevisto desenlace e como receoso duma insidia, o cego vacillava.

— Duvida? exclamou o major. Duvida de quem o salvou a nado na passagem do Tebiquary?

A'quellas palavras magicas a identificação se fez e, esvaecido de duvidas, chorando como uma creança, o cego abraçou-se com os joelhos do major Carlos Boucault, a exclamar num desvario:

— Achei meu capitão! Achei meu pai! Minhas desgraças acabaram-se!...

.....

E acabaram-se, de facto.

Mettido num hospital sob os auspicios do major, lá soffreu a operação da cataracta e readquiriu a vista.

Que impressão a sua, quando lhe tiraram a venda dos olhos! Não se cansava de “ver”, de matar as saudades da retina. Foi á janella e sorriu para a luz que inundava a natureza. Sorriu para as arvores, para o céu, para as flôres do jardim. Resurreição!...

— Eu bem dizia! exclamava a cada passo, eu bem dizia que si encontrasse o meu capitão estava findo o meu martyrio. Posso agora ver minha filha! Que felicidade, meu Deus!...

.....

E lá voltou para a terra dos verdes mares bravios onde canta a jandaia. Voltou a nado — nadando em felicidade. A filha, a filha!...

— Eu não dizia? Eu não dizia que si encontrasse o meu capitão até a luz dos olhos me havia de voltar?

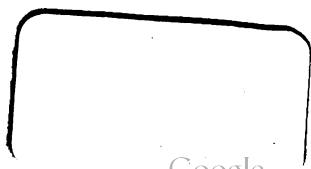
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

COLLECÇÃO OS GRANDES LIVROS BRASILEIROS

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — *Godofredo Rangel*: VIDA OCIO-
SA - 2.^a edição 6\$000
- 2 — *Monteiro Lobato*: CONTOS PE-
SADOS 8\$000
- 3 — *Léo Vaz*: O PROFESSOR JERE-
MIAS - 5.^a edição 6\$000
- 4 — *Machado de Assis*: CONCEITOS E
PENSAMENTOS (Compilação de
Julio Cesar da Silva) - 2.^a edição 6\$000
- 5 — *Monteiro Lobato*: CONTOS LEVES 6\$000
- 6 — *Vicente de Carvalho*: POEMAS E
CANÇÕES - 9.^a edição 7\$000
- 7 — *Guilherme de Almeida*: MESSI-
DOR - 4.^a edição 6\$000
- 8 — *Menotti Del Picchia*: POEMAS
COMPLETOS - 2.^a edição 6\$000
- 9 — *Cassiano Ricardo*: MARTIM CE-
RERE - 5.^a edição 6\$000
- 10 — *Monteiro Lobato*: URUPÊS -
11.^a edição 6\$000

Edições da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo



UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - UNIV LIBS



3024528533

0 5917 3024528533